



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MILENE COSTA DE SOUSA

ANTI-HOMOFOBIA NO FUTEBOL PARAENSE: Engajamento
social nas torcidas de Remo e Paysandu

BELÉM – PA
2020

MILENE COSTA DE SOUSA

ANTI-HOMOFOBIA NO FUTEBOL PARAENSE: engajamento social nas torcidas de Remo e Paysandu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Pará como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, para a obtenção do título de Mestra em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho.

BELÉM – PA
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S725a

Sousa, Milene Costa de

Anti-homofobia no futebol paraense : engajamento social nas torcidas de Remo e Paysandu / Milene Costa de Sousa. — 2020. 105 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Espetáculo. 4. Futebol. 5. Homofobia. I. Título.

CDD 301.14

ANTI-HOMOFOBIA NO FUTEBOL PARAENSE: engajamento social nas torcidas de Remo e Paysandu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, para obtenção do título de Mestra em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

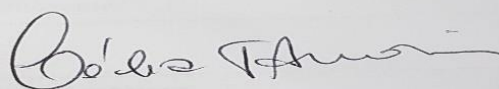
Orientador: Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho

RESULTADO: (X) APROVADO () REPROVADO

Data: 25/06/2020



Prof(a) Dr(a) OTACÍLIO AMARAL FILHO – ORIENTADOR



Prof(a) Dr(a) CÉLIA REGINA TRINDADE CHAGAS AMORIM – PPGCOM/UFPA



Prof(a) Dr(a) RODOLFO SILVA MARQUES - UNAMA

BELÉM/PARÁ
2020

À minha amada avó, Maria Sebastiana da Silva Costa, que me serve como exemplo de inspiração, garra e luta para que eu consiga alcançar os meus objetivos. A todos os atores sociais que buscam no futebol um novo espaço para a luta contra a homofobia e para realização de campanhas e movimentos sociais fundamentais para tornar o esporte e a sociedade mais agradável.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por mais essa fase na minha vida pessoal e acadêmica. Deus, você é o que mais sabe como foi esse trabalho. Obrigada por mais essa fase que me proporcionou uma sequência de aprendizados, conhecimento, reflexão, amadurecimento e aproximação a ti. És fundamental, e estar junto a mim em todos os momentos me ajudou a continuar os meus estudos, a produção deste trabalho, a ter mais força, a persistir e buscar alcançar mais esse propósito.

Muito obrigada à minha avó tão querida, Maria Sebastiana, a dona Sabá, que sempre está me ajudando e me amando, sempre preocupada comigo e com todos da nossa família. É um exemplo de mãe, avó e mulher forte, por ter muita garra, persistência, paciência e humor. Um exemplo de pessoa que também adora futebol, que acompanha os jogos pela TV e rádio; Uma torcedora que se empolga, ‘seca’, se irrita, se alegra, acompanha os torneios, comenta os lances, fala sobre os jogadores e times, e até conversa sobre o Cartola FC. Te amo, vó!

Aos meus pais eu agradeço demais. Muito obrigada à minha mãe, Célia Costa, por também me ajudar nas horas que eu mais preciso. Como mãe, ver tudo o que eu passei durante esses últimos anos não foi fácil. Minha mãe é uma peça fundamental para me ajudar a superar as minhas dificuldades. Também agradeço ao meu pai, Eurico Sousa, pelo seu amor e preocupação, pela sua companhia e carinho, nossas conversas e análises futebolísticas, nosso diálogo que com toda certeza me trouxe mais aprendizado. Agradeço a essas duas pessoas que me ajudaram a fazer parte do cotidiano do futebol desde quando eu nasci.

Agradeço demais à minha irmã, Érica Sousa, pelo amor e carinho, pela companhia com as nossas músicas, danças, conversas, diálogos, chatices e irritações que inclusive serviram para nos fazer irmãs mais unidas. Como sempre digo, meu presente de 15 anos, ‘quase’ gêmeas, bem parecidas como sempre dizem, mas com muitas diferenças. Irmã mais fofa do mundo, eu te amo muito!

Ao Adriano Lopes os meus agradecimentos são vários. Meu noivo que esteve sempre comigo nos bons e maus momentos, me ajudou a me recuperar fisicamente e espiritualmente. Ele me auxiliou a ter mais fé em Deus, a ser mais otimista e acreditar que eu iria alcançar a superação e conquistar os meus objetivos. Ao lembrar tudo o que já passamos e como estamos, com toda certeza o Adriano é uma das melhores pessoas que Deus já colocou na minha vida. A ele digo: meu amor por ti é inexplicável. Te amo demais. Obrigada por tudo!

À minha sogra, Edna Maria Santos, e ao meu sogro Nonato Lopes, eu agradeço muito por serem tão maravilhosos, prestativos, cuidarem de mim nos momentos em que eu tive os meus problemas de saúde, por me receberem sempre bem e termos uma relação imensamente

amigável e feliz.

Agradeço mais uma vez à Universidade Federal do Pará, à Faculdade de Comunicação Social (FACOM), ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPA, por me permitirem ter mais esse espaço e oportunidade de estudos e conhecimentos.

Muito obrigada a todos os professores que eu tive na FACOM e PPGCOM, por compartilharem seus conhecimentos, ensinamentos e pesquisas que me ajudaram muito a chegar nesta nova fase e conquista com os meus estudos e pesquisas acadêmicas. Todos foram fundamentais para a realização deste trabalho, e me ajudaram a ter um conhecimento mais amplo sobre diversos assuntos que estudamos e aprendemos juntos dentro e fora das salas de aula.

Ao Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho, meu professor desde a graduação e meu orientador no mestrado. Agradeço pelo seu trabalho na Universidade Federal do Pará, pelas suas pesquisas e aulas. Parabéns por todo o seu trabalho desenvolvido com coordenador, professor, orientador, pesquisador, pela pessoa tão amigável que é. Muito obrigada pelas orientações, correções, dicas, compreensão e pelo conhecimento compartilhado que eu pude acompanhar desde a minha graduação.

À Prof.^a Dr.^a Célia Amorim, eu agradeço por todo o seu trabalho prestado, seus estudos e pesquisas, sua luta em prol da educação, cidadania, comunicação entre outros assuntos. Agradeço muito pelas oportunidades, conversas e ideias que sempre tivemos com nosso trabalho em projetos de pesquisa e extensão. Obrigada por participar da banca examinadora da minha dissertação e com os seus conhecimentos contribuir com o meu trabalho.

Ao Prof. Dr. Rodolfo Marques eu também agradeço pela participação na banca examinadora da dissertação. Obrigada pelo conhecimento e orientações já prestadas na minha qualificação e que me auxiliaram a concluir este trabalho.

Muito obrigada a todos os demais alunos que estudaram comigo e me ajudaram nos trabalhos que desenvolvemos juntos, com os quais fiz discussões teóricas, realizei trabalhos, conversas, entre outras convivências que foram um marco na minha vida e que também me ajudaram muito a chegar até aqui me ajudando em diversos momentos.

Agradeço a todas as pessoas que me acolheram, que foram pacientes, buscaram me acompanhar, se preocuparam comigo e que me trouxeram o otimismo e cuidado nos momentos que para mim foram bem difíceis, prazerosos e alegres.

Muito obrigada à todos! Agradeço mais uma vez a Deus por tudo!

“Não será o futebol muito importante para ser deixado exclusivamente nas mãos de seus protagonistas tradicionais?” (JÚNIOR, Hilário. F. 2017, p.430).

RESUMO

A presente dissertação aborda a configuração do engajamento social contra a homofobia por parte das torcidas de Remo e Paysandu e de ambos os clubes paraenses na internet. Como objeto empírico, foram selecionados os posicionamentos relativos à anti-homofobia das torcidas barras bravas Camisa 33 e Banda Alma Celeste; e dos clubes Remo e Paysandu, publicados em suas páginas oficiais no Facebook. Os processos de sociação no sentido da visibilidade trazida pela comunicação têm possibilitado discussões sobre a homofobia, que em 2019 foi criminalizada no Brasil pelo Superior Tribunal Federal (STF). Tais discussões alcançaram as arenas de futebol e o espetáculo cultural do futebol, onde a homofobia frequentemente é realizada pelos torcedores. A pergunta norteadora é: Como o processo de engajamento social anti-homofóbico está sendo realizado em meio ao espetáculo cultural do futebol paraense? O objetivo principal é explanar o engajamento social contra a homofobia no futebol paraense, que por sua vez é marcado pela rivalidade entre Remo e Paysandu e seus respectivos torcedores, não se limitando a explanar, mas foi além ao propor uma reflexão sobre o universo do futebol e as práticas de homofobia e contra a homofobia. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo de acordo com Laurence Bardin (1977), e a pesquisa qualitativa e bibliográfica para obter referências teóricas adequadas, como Édison Gastaldo (2005), Itamar Gaudêncio (2003), Georg Simmel (1983), Roberto DaMatta (1982), Manoel Tubino (2001), Frederico Coelho (2006) e Mauricio Murad (2012), para estudos que possibilitaram a abordagem sobre o assunto proposto. O resultado da pesquisa aponta que o engajamento contra da homofobia significa um novo contexto no futebol, que tem a internet como peça fundamental para que seja mais relevante e desenvolvido em meio ao espetáculo do futebol paraense e brasileiro.

Palavras-chave: Comunicação, Anti-homofobia, Cultura, Espectáculo, Futebol.

ABSTRACT

This dissertation addresses the configuration of social engagement against homophobia by the fans of Remo and Paysandu and both clubs from Pará on the internet. As an empirical object, the positions of the barras bravas organised supporters' groups of football Camisa 33 and Banda Alma Celeste were selected; and the Remo and Paysandu clubs, published on their official Facebook pages. The sociation processes in the sense of visibility brought by the communication have enabled discussions about homophobia, which in 2019 was criminalized in Brazil by the Superior Federal Court. Such discussions reached the football arenas and the cultural spectacle of football, where homophobia is often performed by fans. The guiding question is: how is the anti-homophobic social engagement process being carried out amidst the cultural spectacle of Pará football? The main objective is to explain the social engagement against homophobia in Pará football, which in turn is marked by the rivalry between Remo and Paysandu and their respective fans, not just explaining, but went further by proposing a reflection on the universe of football and the practices of homophobia and against homophobia.. The methodology used is content analysis according to Laurence Bardin (1977), and qualitative and bibliographic research to obtain adequate theoretical references, such as Édison Gastaldo (2005), Itamar Gaudêncio (2003), Georg Simmel (1983), Roberto DaMatta (1982) , Manoel Tubino (2001), Frederico Coelho (2006) and Mauricio Murad (2012), for studies that made it possible to approach the proposed subject. The result of the research points out that the engagement against homophobia means a new context in football, which has the internet as a fundamental piece so that it is more relevant and developed in the midst of the Paraense and Brazilian soccer spectacle.

Keywords: Communication, Anti-homophobic, Culture, Entertainment, Football.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Meme divulgado na internet	34
Figura 2 – Torcedores da Seleção Brasileira	35
Figura 3 – Figurinhas e memes referentes ao VAR	36
Figura 4 – <i>Print screen</i> da publicação do torcedor Yuri Senna no Twitter	44
Figura 5 – Torcida Coligay do estádio Olímpico em 1979	55
Figura 6 – Jornal dos Sports. 1979.	56
Figura 7 – Símbolo das torcidas organizadas Gaviões da Fiel e Gaivotas Fiéis	57
Figura 8 – Símbolo do movimento Palmeiras Livre	58
Figura 9 – Símbolo do movimento Galo Queer e o escudo do Clube Atlético Mineiro	58
Figura 10 – Símbolo da torcida Orgulho Vermelho	59
Figura 11 – Símbolo da Torcida LGBTricolor	60
Figura 12 – Anúncio do lançamento da camisa LGBT do Bahia	61
Figura 13 – Símbolo da torcida Orgulho Rubro Negro	62
Figura 14 – Símbolo da torcida Maria de Minas	63
Figura 15 – Perfil da Torcida Porcoíris no Twitter	63
Figura 16 – Perfil Atlético LGBTQ no Twitter	64
Figura 17 – Perfil da Torcida Organizada Fiel LGBT	65
Figura 18 – Imagem publicada pelo Rio Claro FC no Facebook	67
Figura 19 – Publicação do Fortaleza Esporte Clube durante campanha	68
Figura 20 – Campanha Levante Bandeira	68
Figura 21 – Estádio Fonte Nova	69
Figura 22 – Imagem publicada por torcedores do Paysandu	75
Figura 23 – Imagem publicada por torcedores do Remo	76
Figura 24 – Nota oficial da BAC. 29 de abril de 2017	81
Figura 25 – Imagem publicada pela BAC. 17 de maio de 2017	83
Figura 26 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2017	84
Figura 27 – Nota publicada pela BAC. 2 de julho de 2017	85
Figura 28 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 7 de março de 2018	87
Figura 29 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2018	89
Figura 30 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 17 de maio de 2018	91
Figura 31 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2019	92
Figura 32 – Imagem publicada pelo Paysandu. 17 de maio de 2019	93
Figura 33 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 17 de maio de 2019	93

Figura 34 – Imagem publicada pelo Paysandu. 30 de agosto de 2019	94
Figura 35 – Imagem publicada pelo Remo. 30 de agosto de 2019	95
Figura 36 – Imagem publicada pelo Paysandu. 2 de setembro de 2019	97

LISTA DE SIGLAS

BAC – Banda Alma Celeste

C33 – Camisa 33

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CR – Clube do Remo

CSF - Confederação Sul-americana de Futebol (Conmebol)

FIFA – Federação Internacional de Futebol

GGB – Grupo Gay da Bahia

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais

LGBTQ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*.

LGBTQ+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer* e outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

LGBTQI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexual.

LGBTQI+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexual e outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

LGBTQIA – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexual, Assexual.

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, e outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

OMS – Organização Mundial da Saúde

PSC – Paysandu Sport Club

RE-PA – Remo e Paysandu.

RExPA – Remo x Paysandu, rivalidade.

STF – Superior Tribunal Federal

STJD – Superior Tribunal de Justiça Desportiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O FUTEBOL COMO ALGO ALÉM DO JOGO: A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO ESPORTE	24
1.1 O futebol como manifestação cultural	24
1.2 O futebol como espetáculo cultural	32
2 HOMOFOBIA NO FUTEBOL: ENTRE QUALIDADES E CONFLITOS	38
2.1 Breve contexto de heteronormatividade e homofobia	38
2.2 Discussões sobre masculinidade e futebol	46
2.3 Arquibancadas homofóbicas	50
2.4 Marcos cronológicos do movimento contra a homofobia no futebol	53
2.4.1 Formação de torcidas e movimentos	53
2.4.2 Criminalização da homofobia e punições	65
2.4.3 Movimentos e campanhas de clubes	66
3 FUTEBOL PARAENSE: DISCUSSÕES SOBRE CONFLITO ENTRE REMO E PAYSANDU	71
3.1 Discussões sobre a dimensão social do espetáculo cultural de Remo e Paysandu na Amazônia	71
3.2. “Gaymistas” x “Gaysandus”: a homofobia entre azulinos e bicolores	73
4 ANTI-HOMOFOBIA NO FUTEOL: UM NOVO TEMA NA HISTÓRIA DE REMO E PAYSANDU.....	78
4.1. ENGAJAMENTO SOCIAL ANTI-HOMOFÓBICO DE AZULINOS E BICOLORS NAS REDES SOCIAIS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

A homofobia no futebol é um assunto que vem sendo muito discutido nos últimos anos e gerando amplas discussões sociais. O preconceito contra homossexualidade ocasionou inúmeros casos de violência na sociedade, e ações contrárias à homofobia por parte dos atores sociais que discordam da violência que muitos sofrem devido às atitudes homofóbicas serem banalizadas no futebol brasileiro, realizadas no campo real e virtual.

Os casos homofóbicos no contexto futebolístico foi um assunto abordado em 2017 no trabalho de conclusão de curso “Arquibancadas homofóbicas na internet: uma análise da violência simbólica entre torcidas rivais na comunicação pelo Facebook” (SOUSA, Milene. 2017). Com a pesquisa e estudos, constatou-se que torcedores de Remo e Paysandu – clubes rivais no futebol paraense – mantêm uma forte rivalidade dentro e fora dos estádios, nas arquibancadas reais e virtuais, tomadas por comemorações e torcedores que constantemente buscam inferiorizar o rival ao relembrar derrotas, momentos ruins do adversário, e o associando a imagens, personagens e demais elementos ‘desagradáveis’ socialmente.

A realização da pesquisa sobre arquibancadas homofóbicas na internet e a análise de um grupo no Facebook que virtualmente reúne torcedores de diferentes times paraenses foram interessantes e até mesmo surpreendentes, pois possibilitou a percepção do quanto a homofobia é utilizada em publicações. Muitos adjetivos homofóbicos eram direcionados aos jogadores, times, clubes, árbitros, técnicos, torcidas e aos integrantes do grupo que participavam de discussões e provocações ao fazerem comentários e respostas. Diversos torcedores eram membros frequentes, com publicações e comentários diários, já se ‘conheciam’ e interagem de modo ofensivo, debochado e humilhante. A maioria era composta por torcedores de Remo e Paysandu.

A rivalidade entre os clubes é centenária, desde 1914, quando o Paysandu foi fundado nove anos após a fundação do Remo, em 1905. São os clubes que mais recebem apoio publicitário no futebol paraense e os mais comentados na mídia esportiva. Remo e Paysandu estão entre os trinta clubes brasileiros que possuem o maior número de torcidas¹ e médias de

¹ “Em pesquisa nacional, a torcida do Paysandu supera a do Remo”. Disponível em: <https://www.oliberal.com/esportes/futebol/em-ranking-nacional-de-torcida-paysandu-supera-remo-1.234652>. Acesso em: 09/04/2020.

público² nos estádios, e por isso são considerados os clubes com as maiores torcidas no Pará e na Amazônia.

A rivalidade conhecida como Re-Pa, também é chamada de “Clássico Rei da Amazônia”. A mística e a cultura do futebol paraense são bastante voltadas para Remo e Paysandu diante da história e das manifestações que foram e continuam sendo feitas pelos clubes individualmente desde o período da *Belle Époque* em Belém no início do século XX, e com a rivalidade que os dois protagonizam. Cada qual se tornou um espetáculo cultural no futebol, com suas identidades e manifestações envolvendo grandes torcidas e formaram um só espetáculo, que é o Re-Pa.

A homofobia está inserida na rivalidade entre as torcidas de Remo e Paysandu a partir de formas discursivas que são utilizadas como identificação entre torcedores e torcidas organizadas; É algo muito utilizado como humilhação, inferiorização e ofensa. Neste contexto, a linguagem utilizada entre azulinos e bicolores nas redes sociais digitais, dentro e fora dos estádios, é um ponto interessante a se destacar: é comum ver os torcedores do Remo denominarem os torcedores bicolores de “bicoletes” e “gaysandus”, por exemplo. Já os torcedores do Paysandu, utilizam termos como “leoa” e “gaymistas” para denominar os torcedores azulinos. São alguns exemplos de termos, entre outros que serão apresentados mais à frente neste trabalho, utilizados por torcedores para associar o clube e torcida adversária à homossexualidade e ao gênero feminino de uma maneira ofensiva.

Durante a produção do trabalho de conclusão de curso, percebeu-se que as críticas e punições direcionadas à homofobia já existiam no futebol brasileiro. Mesmo sendo pouco numerosas, tornaram-se mais discutidas nas redes sociais e ocorreram no futebol paraense no mesmo período em que o trabalho estava sendo produzido. Diante disso, esta dissertação toma como foco o contexto da anti-homofobia no futebol paraense, atentando-se às ações contra a homofobia realizadas por torcedores de Remo, Paysandu e ambos os clubes.

Após estudos e pesquisa empírica sobre os posicionamentos anti-homofóbicos em meio ao espetáculo do futebol paraense, foram selecionados como objeto de análise o posicionamento das torcidas barras bravas³ Banda Alma Celeste (Paysandu) e a Camisa 33

² “Ranking histórico de média de público aponta Remo à frente do Paysandu”. Disponível em: <https://www.oliberal.com/esportes/remo/ranking-nacional-de-media-de-publico-nos-estadios-aponta-remo-a-frente-do-paysandu-1.236329>; Acesso em: 21/10/2019

³ Barra Brava: Grupo de torcedores que cantam durante todo o jogo, não utilizam uniformes com o nome da torcida, geralmente ficam nas arquibancadas atrás do gol, sempre em pé e segurando pequenas bandeiras com as cores do clube.

(Remo), e dos clubes rivais, que realizaram publicações relacionadas à homofobia e anti-homofobia em suas páginas⁴ oficiais no Facebook. O período de análise é uma linha do tempo de março de 2017 a setembro de 2019, quando ocorreram as primeiras manifestações e posicionamentos dos clubes e torcidas referentes aos devidos assuntos. Como exemplo do engajamento e posicionamento, eis uma publicação que desperta atenção desde o seu início:

ERRAMOS DURANTE VÁRIOS ANOS, propagando cantos homofóbicos disfarçado de rivalidade. Diante disso, após vários debates de torcedores e da influência que a Alma Celeste possui nas arquibancadas do Paysandu, informamos que: Em decisão tomada em uma das nossas reuniões mensais, viemos comunicar que músicas e manifestações de cunho racial/homofóbico estão extintas do nosso repertório, entre elas a famosa música que chama o mascote do rival de gay. Entendemos que existem outros meios de manter viva a rivalidade com o time sem divisão, como os fantasmas que fizeram sucesso, as zoações pra pagarem a companhia de eletricidade, os títulos fakes e afins. Por fim, não se trata de criar uma nova polêmica, acabar com o futebol, ou simplesmente ser politicamente "chatos e corretos". Apenas evoluímos e atualizamos nossa forma de pensar. Atenciosamente, Banda Alma Celeste. (Banda Alma Celeste, 2017).

Desde já é essencial refletir a importância de debater e discutir de modo mais acadêmico a homofobia e anti-homofobia no futebol, buscando tratar e ver o futebol além do óbvio. Ao falar sobre a ciência social do futebol, Hilário Franco Júnior (2017, p.430) questiona: “Não será o futebol muito importante para ser deixado exclusivamente nas mãos de seus protagonistas tradicionais?”.

Diante deste questionamento, e observando as arquibancadas homofóbicas na internet, o futebol, a homofobia e as manifestações anti-homofóbicas são assuntos muito importantes para novas pesquisas e teorias, fundamentais para não deixar o futebol somente nas mãos de protagonistas tradicionais, ou seja, o contexto futebolístico precisa de mudanças, não pode ser manuseado somente por quem faz o futebol ser um espaço aberto para a homofobia, preconceitos e discriminações. Muitos protagonistas tradicionais não possuem um olhar crítico direcionado ao que praticam, aos valores e problemas sociais que constituem o futebol e à importância deste esporte para a sociedade. Também é fundamental ver e conhecer o futebol além do que a grande mídia constantemente apresenta em programas esportivos.

É fundamental mostrar como a homofobia se faz tão presente no futebol brasileiro, e expor a existência de ações contrárias a esse problema originado pelo patriarcado e pelo sistema heteronormativo que sujeita normas, regras e condutas a serem obedecidas pelas pessoas. Analídia Petry e Dagmar Mayer (2011, p.196) possibilitam maior conhecimento e

4 Banda Alma Celeste: <https://www.facebook.com/BandaAlmaCeleste/> ; Barra Brava Camisa 33: <https://www.facebook.com/Camisa33/> ; Acesso em: 21/10/2019.

compreensão sobre este assunto ao afirmarem que o termo ‘heteronormatividade’ se refere ao padrão e norma relacionados à atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes, legitimando o comportamento heterossexual como normal, segundo Michael Warner, que criou o termo em 1991. No entanto, nem todas as pessoas seguem padrões e regras heteronormativas que estão além da atração e do comportamento sexual, pois também determinam modos de agir, falar, vestir e etc. Quem não concorda e age de modo diferente do que é imposto é malvisto e discriminado.

No sistema heteronormativo existem questões de sexo e gênero, onde os homens são ligados ao gênero masculino, devendo obedecer ao que é considerado como o ideal para ser um homem masculinizado. As mulheres são relacionadas ao gênero feminino, ligadas ao que é visto como feminino para então se mostrarem como mulheres de acordo com o que a heteronormatividade considera como o mais adequado e normal. As atrações e relacionamentos sexuais devem ocorrer sempre entre homens e mulheres. Porém, há homens que se relacionam sexualmente com homens, assim como há mulheres que se relacionam com mulheres, e pessoas que se relacionam com ambos os sexos. Eis então a homossexualidade, que quebra as normas heteronormativas e por isso é alvo dos preconceitos e desprezo.

O público do futebol é composto por torcedores, praticantes e demais pessoas que em sua maioria são homens, ou seja, há uma forte presença da masculinidade e da masculinização do futebol. Assim, eis o porquê de a homofobia ter se tornado frequente em meio ao espetáculo cultural do futebol. Entretanto, assim como a homofobia chegou às arquibancadas e se expandiu entre os torcedores, as críticas e punições aos homofóbicos também alcançaram o ambiente futebolístico, dando início e reforçando a presença da anti-homofobia no futebol.

Um marco importante é a chegada da internet e das redes sociais digitais e aplicativos no período de transição dos séculos XX e XXI. Com a criação das redes sociais Orkut (2004), Facebook (2004), Twitter (2006), WhastApp (2009) e Instagram (2010), podendo ser acessadas e utilizadas em sites ou aplicativos desenvolvidos para smartphones e tablets, por exemplo, os atores sociais tiveram maior acesso às informações sobre o futebol, clubes, times, jogadores, campeonatos, e uma nova proximidade com outras pessoas que torcem para times diversos.

Um novo contexto de comunicação, informação, interação foi formado com internet e redes sociais digitais que abriram espaço para a criação de grupos com objetivos específicos, como reunir torcedores de um mesmo time para compartilharem, comentarem, discutirem,

debaterem assuntos e notícias relacionados somente a um clube ou a vários, e ali ficarem também compartilhando suas piadas e provocações através de textos, áudios, vídeos e imagens, como as charges, memes⁵ e gifs⁶ que se tornaram populares em publicações.

Com novas redes sociais digitais, a homofobia é muito compartilhada, mas elas também serviram para que as manifestações em prol da luta contra a homofobia na sociedade e especificamente no futebol surgissem e continuassem sendo realizadas, como será mostrado neste trabalho.

A homofobia no futebol é um assunto que já estava sendo pensado por instituições, como a Federação Internacional do Futebol (FIFA), responsável pela organização do futebol mundial. Em janeiro de 2014, o site GGN noticiou que foi anunciado que a FIFA realizaria a campanha⁷ contra a homofobia no futebol. Em março do mesmo ano o site também publicou “Discussão sobre homofobia no futebol é inadiável”⁸. Em 2016, no site Vice, o assunto homofobia no futebol novamente foi discutido na publicação “Por que o futebol brasileiro ainda está trancado no armário?”⁹ com o subtítulo questionando: “Até quando atletas, cartolas, torcedores e cronistas serão omissos e passarão pano para o preconceito contra LGBTs no esporte?”.

Quanto às críticas e punições, países como Brasil e Argentina foram multados pela FIFA em 2016 após torcedores entoarem músicas homofóbicas em estádios. Já em 2019, o futebol no Brasil passou por mais momentos históricos e inéditos, tendo em vista que a homofobia foi criminalizada e muitas torcidas organizadas e movimentos LGBTs foram criados por torcedores.

Tais fatos geraram maiores discussões sobre a prática homofóbica diante das punições que se tornaram mais variadas e passaram a atingir o futebol de um modo mais profundo, como a retirada de pontos conquistados pelos times durante um campeonato caso a torcida realize algum ato homofóbico, e a paralisação de jogos se isso de fato ocorrer. Alguns clubes desenvolveram campanhas anti-homofóbicas, tendo como exemplo o Esporte Clube Bahia

⁵ Termo bastante conhecido na internet, refere-se a uma viralização de imagens, termos, vídeos, montagens, frases, músicas ou ideias que se popularizam rapidamente na internet, bastante copiado e compartilhado.

⁶ Graphics Interchange Format (formato intercâmbio de gráficos). Gif é um formato de imagens que pode compactar várias cenas e com isso exibir movimentos.

⁷ “Fifa cria projeto contra a homofobia no futebol”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/01/1405125-fifa-cria-projeto-contr-a-homofobia-no-futebol.shtml>. Acesso em: 21/10/2019.

⁸ “Discussão sobre homofobia no futebol é inadiável”. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/direitos-humanos/discussao-sobre-homofobia-no-futebol-e-inadiavel/>. Acesso em: 21/10/2019

⁹ “Por que o futebol brasileiro ainda está trancado no armário?”. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/53m433/homofobia-no-futebol. Acesso em: 21/10/2019.

(BA), que em seu estádio exibiu bandeiras LGBT no lugar das bandeiras de escanteio¹⁰. Com a internet e redes sociais, a campanha e o assunto ressaltado foram muito compartilhados e discutidos.

A partir disso e diante do que ocorreu no futebol paraense, toma-se a seguinte pergunta norteadora: Como o processo de engajamento social anti-homofóbico está sendo realizado em meio ao espetáculo cultural do futebol paraense? Foi realizada uma pesquisa bibliográfica temática em busca de referências teóricas que serviram de base para o estudo, pesquisa empírica e análise. O acervo bibliográfico foi montado com livros, artigos, dissertações e teses que abordam Comunicação, Cultura, Democracia, Cidadania, Espetáculo, Futebol, Futebol Paraense, Humor e Riso, Metodologia, Questões de Gênero e Homofobia, Redes Sociais, Sociologia e Violência.

Com isso, uma revisão bibliográfica foi produzida e serviu de base para um maior conhecimento sobre o assunto abordado neste trabalho, além da escolha do método de pesquisa qualitativa com base exploratória para análise de conteúdo. Ressalta-se que a pesquisa, a revisão, a leitura e o estudo continuaram sendo feitos para a produção deste trabalho.

O objetivo principal é explanar o engajamento social contra a homofobia no futebol paraense, que por sua vez é marcado pela rivalidade entre Remo e Paysandu e seus respectivos torcedores, não se limitando a explanar, mas foi além ao propor uma reflexão sobre o universo do futebol e as práticas de homofobia e contra a homofobia. Além disso, os objetivos específicos da pesquisa são: a) Identificar e comparar as principais bandeiras levantadas pelos torcedores e pela diretoria dos clubes nas redes sociais. b) Observar e analisar o nível de engajamento delas; c) Compreender os sentidos atribuídos ao tema que reforçam aberturas para a construção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva.

Como hipótese, afirma-se que o futebol é um espetáculo cultural de grande público na Amazônia, compartilhado e realizado em diversas redes sociais reais e digitais que são utilizados para que o engajamento social contra a homofobia seja exercido, com publicações que mostram o posicionamento dos clubes e de seus torcedores.

Foram coletados dados referentes aos casos de homofobia, com o intuito de obter maior noção deste problema social no futebol brasileiro, como a pesquisa realizada no período de janeiro a maio de 2019 pela ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), que divulgou dados¹¹ de

¹⁰ Bandeiras de escanteio são itens obrigatórios nos campos em jogos oficiais do futebol profissional.

¹¹ “Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas no Brasil, aponta entidade LGBT”. Disponível em:

que a cada 23 horas ocorre uma morte por homofobia no Brasil, e apontou os quatro Estados com maior número de mortes: São Paulo (22), Bahia (14), Pará (11) e Rio de Janeiro (9).

O Relatório GGB não menciona dados referentes à homofobia no futebol. Tais dados foram encontrados apenas nos relatórios do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que monitora casos de xenofobia, LGBTfobia, machismo e homofobia: Em 2015 foram registrados 1 caso de homofobia, 1 caso de xenofobia. Em 2016 foram 4 casos de homofobia e 1 de xenofobia. Em 2017 o número aumentou para 10 casos de LGBTfobia, 5 casos de machismo e 3 de xenofobia. São pequenos números de um problema bem grandioso.

Uma maneira de ver o futebol além do óbvio é ter a noção de que futebol é um espetáculo e não apenas um esporte. Dependendo de qual lugar ele esteja, adquire sentidos e significados de cada sociedade em que ele existe. O futebol no Brasil é composto pela sociedade brasileira e reflete os costumes brasileiros. É um espetáculo que desperta paixões e identificações, e com isso fez surgir grandes clubes, times e grandes torcidas nas regiões do país. O futebol movimenta uma economia empresarial de jogadores, de jogos e espetáculos em todo território brasileiro e mundial. Este contexto é resultado do espetáculo global do futebol que despertou o interesse do capitalismo financeiro atraindo grupos de patrocinadores e investidores que passaram a comprar e controlar grandes clubes na Europa e Ásia, e que se consolida como modelo de negócio globalizado.

Maurício Murad (2012, p.83) ajuda a refletir sobre a composição do futebol brasileiro que envolve os mais diversos costumes, sejam eles bons ou ruins, ao dizer que “por intermédio do futebol, podemos fazer interpretação da vida brasileira, uma vez que esse esporte acompanha e representa a trajetória do país. Brasil e futebol – um ajuda a entender o outro”. Além de Murad, há outros pesquisadores que tomam o esporte como objeto de seus estudos e ressaltam que ainda é pequena a abordagem e análise de um modo mais acadêmico, antropológico e sociológico sobre o futebol.

O historiador Hilário Franco Júnior (2017, p.415) afirma que “talvez (ou por causa) de todo o seu alcance popular, o futebol ainda não é um campo de estudo consolidado academicamente no Brasil, mesmo que os progressos dos últimos anos sejam inegáveis”. O pesquisador José Wisnik (2008, p.11), por sua vez, fala que seu livro “Veneno remédio – o futebol e o Brasil” não tem um leitor evidente, pois em geral “quem vive o futebol não está

interessado em ler sobre ele mais do que a notícia de jornal ou revista, e quem se dedica a ler livros e especulações poucas vezes conhece o futebol por dentro”.

Para Wisnik (2008), a maioria dos livros, por mais interessantes e esclarecedores que sejam, fala de futebol sem falar do futebol. “O assunto é o entorno, aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo – o grande universo do futebol subtraído daquilo que é a sua razão de ser” (WISNIK, 2008, p. 18). Ou seja, muitos livros falam sobre os jogos, sobre as partidas, campeonatos, mas não sobre o futebol em uma dimensão além disso.

De fato, há livros que abordam o futebol sem falar do “futebol”, como Wisnik ressalta. Em muitas produções que têm o futebol como assunto principal, a abordagem é feita de maneira mais histórica, enumerando jogos, ressaltando datas e jogadores, ídolos, campeonatos. Desde o seu surgimento, o futebol abriu um leque de assuntos e temas a serem discutidos e estudados, haja vista o seu papel na sociedade e que na maioria das vezes não recebia uma atenção adequada.

O futebol sempre atraiu a mídia. O rádio, revistas, jornais, televisão, fotografia, internet. O contexto do futebol é noticiado, transmitido, narrado, descrito, comentado nessas mídias por jornalistas, atletas, torcedores, e por outros atores sociais que, mesmo não participando constantemente do cotidiano do futebol, podem comentar algo relacionado ao esporte. A priori, a informação era limitada ao rádio ou jornais impressos. Atualmente, com a internet o contexto é amplamente diferente, como aqui já foi ressaltado. O jornalismo esportivo cresceu, as transmissões e informações repassadas por jornalistas, atletas e torcedores foram amplificadas, assim como o modo de relatar e viver o futebol. O espetáculo do futebol passou por mudanças.

Existem diversas maneiras de tratar o futebol, ora de forma engraçada, divertida; ora de forma mais social e cultural, ou de um modo mais publicitário, pois o futebol se tornou um atrativo empresarial e econômico. A importância de abordar o futebol a partir de sua dimensão social é justificada pelo fato de que este esporte não é um elemento social apenas esportivo, de entretenimento, humor e lazer. Há outras questões e valores sociais presentes no contexto do futebol que estão além da diversão e do exercício físico.

Perante a isso, a presente dissertação aborda o futebol enquanto espetáculo cultural, analisando a homofobia como uma das questões sociais que serve de tema para um engajamento social e o posicionamento do Clube do Remo, Paysandu Sport Club e das

torcidas de ambos os clubes.

No primeiro capítulo este estudo pretende contribuir para um melhor entendimento do futebol além do jogo, além das quatro linhas, apresentando uma dimensão sociocultural do mesmo. Para isso, serão utilizados como referências Georg Simmel (2006), Sílvio Ricardo da Silva, Luiz Carlos Ribeiro, Guilherme de Almeida Ribeiro, Roberto Damatta (1982) e Jocimar Daolio (2005).

No segundo capítulo, é abordada a homofobia no futebol, contextualizando a heteronormatividade, homofobia e masculinidade no futebol, para então compreender o surgimento das arquibancadas homofóbicas, e apontar marcos cronológicos de ações anti-homofóbicas no futebol realizadas no campo real e digital.

O terceiro capítulo traz uma breve abordagem sobre o conflito entre Remo e Paysandu, mostrando como ambos fizeram com que o futebol se tornasse um espetáculo cultural no Pará, e ressaltando as manifestações e expressões criadas e mantidas.

Por fim, o quarto capítulo aborda o engajamento social anti-homofóbico no futebol paraense realizado por azulinos e bicolores, mostrando como o engajamento foi realizado e as suas proporções sociais.

Em seguida, serão apresentadas as considerações finais sobre este trabalho, sobre os estudos e pesquisas realizados, para então mostrar a importância do mesmo para a sociedade, e abrir espaço para futuros estudos.

O capítulo a seguir dará início a este trabalho, para obter o conhecimento desta pesquisa e do alcance de seus propósitos.

1 O FUTEBOL COMO ALGO ALÉM DO JOGO: A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO ESPORTE.

O futebol é o esporte mais popular do mundo¹², estima-se que exista mais de 300 mil clubes de futebol, 3,5 bilhões de fãs e torcedores, além de quase 3 milhões de praticantes por todo o mundo. Ele está presente em diversas sociedades e é uma modalidade esportiva constantemente relacionada aos valores sociais e culturais de uma comunidade ou sociedade, envolvendo comunicação, interação, gênero, classes sociais e etc. O futebol gerou uma grande paixão que também atingiu os demais esportes, em razão de que muitas pessoas nutrem sentimentos e forte relação de torcida com os clubes que, além do futebol, possuem outras modalidades esportivas em seu cotidiano, como o basquete, futsal, natação e remo.

Além dos jogos, o futebol proporciona outras experiências sociais que fundamentam as típicas frases “Não é só futebol” e “Não é só um jogo” mencionadas por pessoas que veem o futebol como um elemento social e não apenas como uma simples partida ou esporte. Este primeiro capítulo tem o propósito de mostrar o futebol como algo além dos jogos, abordando o futebol como manifestação cultural e espetáculo cultural.

A abordagem tem como base teórica os conceitos de dimensões socioculturais do Esporte e do futebol, formulados pelos pesquisadores Manoel Tubino (2001) e Frederico Coelho (2006); Sociabilidade, apresentado por George Simmel (1983) em seus estudos; e os conceitos, ideias e pensamentos que Sílvio Ricardo (2005) faz sobre a construção da paixão pelo futebol, e que Jocimar Daolio (2005), Luiz Carlos Ribeiro (2015), Guilherme de Almeida Ribeiro (2015) fazem sobre o futebol como manifestação cultural na sociedade brasileira. Ressalta-se que tais abordagens referentes ao futebol como manifestação cultural, relativo ao Brasil em específico, auxiliam também na compreensão da manifestação cultural do futebol como um todo, em ambientes sociais de outros países, tendo em vista que ele não é uma prática exclusiva do Brasil.

1.1 O FUTEBOL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Criado na Inglaterra em meados do século XIX, o futebol logo se expandiu por demais países e continentes levando consigo a cultura inglesa. Tal expansão foi o ponto inicial de seu processo de crescimento e popularização mundial. O interesse pelos jogos fez com que novos clubes, times e equipes fossem criados para participarem de competições, e promoveu a

¹² “Esportes mais populares do mundo”: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/esportes-mais-populares-do-mundo>. Acesso em: 20/01/2020.

formação de campeonatos e torneios mais organizados.

Cada clube teve sua identidade formada por escudos, uniformes, hinos, mascotes, cores, bandeiras e torcidas compostas por pessoas que nutrem um sentimento pelo clube. Os torcedores apreciam os jogos, levam consigo a identidade clubística ao utilizar os símbolos identitários, como as camisas oficiais do time dentro e fora dos estádios, exaltando seus clubes e demonstrando sua torcida. Todo esse contexto aumentou o enfrentamento, as competições, a busca por vitórias e conquistas de títulos; o prazer em apoiar alguma equipe, o torcer, se atrelar a algum clube e passar tais práticas para as gerações seguintes.

O futebol já passou por diversas mudanças com o aumento de praticantes, torcidas e criação de regras universais para a realização dos jogos. Até então, existem 17 regras¹³ que envolvem o campo, jogadores, equipamentos utilizados em campo, arbitragem, tempo de jogo, penalidades, substituições, equipes, e etc. São regras utilizadas com mais regularidade e ordem no futebol profissional, que sempre deve ter equipes com 11 jogadores em campo, 90 minutos de jogo, minutos de acréscimos, arbitragem, entre outros regulamentos. O futebol popular também segue algumas regras, mas não de maneira tão definida ou radical. O futebol de rua, por exemplo, pode variar as suas regras em relação ao tempo de jogo, ao local em que é realizado, ao número de jogadores e etc.

Diversas modificações já transitaram pelo futebol e demais modalidades esportivas, e ocasionaram constantes atualizações e revisões no conceito de esporte. Além de um conjunto de jogos e exercícios individuais ou coletivos, o esporte passou a ser visto como elemento de grande alcance e influência social por muitos autores e pesquisadores que tomaram o esporte como objeto de seus estudos e pesquisas de modo mais histórico, sociológico e cultural.

Ao fazer uma revisão histórica do esporte e do conceito do mesmo, Manoel Tubino (2001, p.15) frisa que o esporte “passou a merecer novas abordagens e estudos para que sua dimensão social seja realmente entendida”, para então chegar à sua natureza social. Segundo o pesquisador, “o esporte, como instituição social, não pode ser analisado fora de suas dimensões sociais, porque esta seria uma via reducionista, que levaria a uma visão e perspectiva anacrônica deste fenômeno” (TUBINO, 2001, p.34). Com tais afirmativas, o autor expõe três dimensões sociais do esporte: Esporte-educação, Esporte-participação e Esporte-performance.

O Esporte-educação é apresentado como um conteúdo fundamentalmente educativo. Manoel Tubino (2001, p.35) se baseia no pensamento de Teotonio Lima (1987), de que a

¹³ Confederação Brasileira de Futebol. Regras de Futebol 2019/20. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201909/20190902145532_358.pdf. Acesso em: 20/01/2020.

orientação educativa deve ser vinculada a integração social, ao desenvolvimento psicomotor e às atividades físicas educativas, que são três áreas da pedagogia que referem-se à possibilidade de participação, intervenção em atividades extraescolares, realização de atividades físicas, juízo crítico, auto avaliação, entre outras atividades. Segundo Manoel Tubino (2001), o esporte-educação é fundamental para o exercício pleno da cidadania no futuro individual das pessoas, e ressalta o compromisso do esporte educacional na formação da cidadania política, civil e social.

O esporte-educação traz a reflexão de como o esporte deve ser visto e trabalhado nas escolas, por exemplo, para que esse conteúdo educativo tenha um alcance extraescolar. Tubino (2001, p.35) diz que “o principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento”. Esse equívoco é o fato de muitas pessoas pensarem sobre esporte apenas como uma atividade física e limitarem o mesmo somente ao exercício físico. Muitos profissionais que atuam na área educacional não veem ou não utilizam o esporte como um meio importante para a educação extraescolar, como aponta Manoel Tubino.

A segunda dimensão é o Esporte-participação, o esporte popular relacionado ao prazer, descontração, diversão, desenvolvimento pessoal, relação entre pessoas e democratização (igualdade de acesso ao esporte para todas as pessoas), segundo Tubino (2001, p.38).

Envolvendo a iniciativa dos praticantes em organizar atividades esportivas, “o esporte-educação ou popular é reconhecido como aquela dimensão social mais inter-relacionada com os caminhos democráticos” (TUBINO, 2001, p.39), já que os próprios praticantes organizam as suas práticas. Como exemplo, há muitas pessoas que marcam datas, escolhem locais adequados para se encontrarem e praticarem um determinado esporte ou atividades físicas; São as pessoas que determinam as regras, tempo, revezamentos, se organizam e juntos se descontraem, se divertem, têm acesso ao lazer. Um simples e tradicional exemplo é a prática do futebol por crianças na rua de suas casas em algum horário em que todos podem se reunir e repetir a atividade constantemente.

Por fim, a terceira dimensão apresentada é o Esporte-performance, onde Tubino (2001, p.40) enfatiza que o esporte é de responsabilidade da iniciativa privada por exigir investimentos e uma organização complexa. Nesta circunstância, o esporte demanda um maior preparo: a organização de competições e a criação de instituições (como as confederações esportivas) com o propósito de organizar e preestabelecer as regras esportivas, como o próprio autor menciona.

O fato é que a complexidade envolve outras questões, como a construção de locais

específicos para receber o esporte: arenas, estádios, quadras, campos, centros de treinamento e demais espaços para acolher e acomodar atletas e pessoas que realizam e prestigiam o esporte realizado; Envolve maior atenção por parte do público que, além de praticar e ensinar, também se relaciona com as equipes, times e clubes de um modo mais afetivo e identitário ao torcer, desejar vitórias e manifestar seus apoios. Os torcedores compõem esse público.

Outros pontos relacionados a essa complexidade são os grandes investimentos em atletas e clubes, fazendo com que os jogadores com maiores habilidades e rendimentos sejam mais requeridos e valorizados, corroborando com o pensamento de Manoel Tubino (2001, p.40) ao dizer que “há uma tendência natural para que o esporte-performance seja praticado pelos talentos esportivos, o que o impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos”, afinal, nem todos os atletas participam de uma competição, mas sempre devem buscar ter um bom preparo físico e tático.

Eis a importância de ver o futebol além da prática esportiva, da atividade física, da diversão, do lazer. É preciso atentar-se à sua dimensão social, principalmente em um país que carrega o status de ‘País do futebol’. O Brasil conquistou o título de pentacampeão em Copas do Mundo em 2002, gera jogadores bem valorizados, transferidos e contratados por clubes nacionais e internacionais, fora os clubes brasileiros com grandes torcidas que dão continuidade ao futebol no país. É interessante conhecer a história do futebol no Brasil com a chegada deste esporte ao país, como era e por quem era praticado, e especificamente observar a democracia esportiva no decorrer dos anos para saber de modo mais claro e amplo como o futebol brasileiro chegou a esse patamar.

Em meio à democracia esportiva na história do futebol no Brasil, há questões como a participação de negros, pobres, de classes periféricas que antes não podiam frequentar locais onde os jogos de futebol eram realizados e até mesmo impedidos de praticar. Anteriormente, o acesso aos locais onde os jogos ocorriam eram limitados à elite social. No entanto, como ressalta o historiador Frederico Coelho (2006, p.13), o atrativo principal do futebol era a possibilidade de sua prática em qualquer espaço ou momento:

Torcer ou executar o esporte eram práticas iguais, ao contrário das corridas de cavalo ou do remo, esportes onde o espectador vibrava, mas não encontrava meios de praticá-lo no dia-a-dia. Tanto os populares que passam a praticar o esporte em campos improvisados pela cidade, a revelia do monopólio exercido pelos filhos de famílias abastadas, quanto os operários brasileiros que reproduziam em suas comunidades o esporte jogado com os patrões ingleses nos campos das fábricas eram os novos responsáveis pela rápida difusão do esporte dentre a população. (COELHO, Frederico. 2006. p.13)

Mesmo sendo excluídos no ambiente futebolístico que a elite desenvolveu, a população não excluiu o futebol de seu cotidiano. Tal fato fez com que o esporte se multiplicasse na sociedade com o futebol se tornando cada vez mais habitual. Isso é compreensível pelo fato de que os valores sociais interferem no modo que as pessoas vivenciam e conduzem o futebol, tendo em vista o grande público que ele atrai. Esta ideia corrobora com o que diz Roberto Damatta (1982, p.23), que “o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte”.

Tal conceito reforça o que Frederico Coelho (2006) diz sobre o futebol. O autor pontua que o futebol foi utilizado para fundamentar a nacionalidade brasileira, teve uma relação direta com os debates intelectuais e políticos na virada dos anos 20 para os anos 30 (COELHO, 2006, p.18); e que a Ditadura Militar ocorrida no Brasil entre os anos 1964-1985 “aprofunda essa relação mítica entre o futebol brasileiro e a população, capitalizando simbolicamente as vitórias da seleção nacional e, principalmente, o tri-campeonato mundial de 1970” (COELHO, 2006, p.18). Tricampeonato esse conquistado e que salientou as boas atuações de jogadores brasileiros negros, reforçando ainda mais o marco na história nacional devido o racismo.

Cada sociedade tem suas culturas, ideias e costumes envolvendo educação, violência, discriminação, política, mercantilismo, democracia, lazer, esporte, e etc. O modo como cada sociedade os conduz é repassado para o futebol em diversos aspectos: na maneira de torcer, na organização dos campeonatos, no modo como cada instituição ou clube trabalha em uma competição, premia algum time vencedor, pune algum atleta ou torcedor devido alguma conduta considerada errada e/ou prejudicial.

Deste modo, o futebol faz parte da cultura, tanto quanto a cultura faz parte do futebol. A cultura auxiliou na formação e popularização deste esporte proporcionando novas sociabilidades, relações, histórias e experiências sociais, fazendo com que o futebol socialmente possa ser visto como algo além de um jogo.

O futebol ao se tornar tão popular, uma paixão e um marco social e esportivo por alcançar diversas camadas sociais, possibilitou o surgimento de torcedores e torcidas numericamente grandiosas que fortaleceram a presença do futebol na sociedade, sendo vivido além dos jogos; Tornou-se alvo do mercantilismo, da grande mídia, da cultura e possibilitou novas sociabilidades a todos que de forma direta ou indireta passaram a conviver em um ambiente mais esportivo. As pessoas vão às arquibancadas para torcer, outros torcedores se reúnem em bares com seus amigos para assistir jogos transmitidos pela TV, enquanto há muitos outros que estão em suas casas e juntos virtualmente em grupos nas redes sociais para

compartilhar comentários, opiniões, imagens, áudio e vídeo com outros torcedores. Há também os torcedores que acompanham os jogos ouvindo por meio do rádio, mantendo um costume antigo, quando o rádio era o principal e único meio de acompanhar os jogos e obter informações sobre os mesmos.

Para um entendimento sobre as sociabilidades que o esporte proporciona, observa-se às contribuições de George Simmel (1983) com as noções de sociedade e sociabilidade:

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro através do veículo e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamo de sociabilidade. (SIMMEL, Georg. 1983, p. 168).

Corroborando com tal pensamento, o futebol é exemplo de sociabilidade. Os jogadores estão unidos para realizarem jogos; dirigentes e técnicos trabalham desempenhados a cumprir as suas respectivas funções em um time de futebol profissionalizado, que requer maior preparo físico nas tradicionais competições onde cada clube deseja alcançar os seus interesses, como títulos e vitórias. Há também sociabilidade entre os torcedores que nutrem a rivalidade e torcem contra os seus rivais.

As formas nas quais resulta o processo de sociedade ganham vida própria, é o que diz Simmel (1983). O futebol apresenta as suas próprias formas, laços, sociabilidades, manifestações culturais. Sua saída da Inglaterra, sua expansão pelos demais continentes, o fortalecimento e popularização com a criação de clubes, times profissionais e formação de torcidas são amostras de novas sociabilidades. As pessoas torcem juntas por um mesmo time, a mídia proporciona informações, transmissões de jogos e abre espaço para que os torcedores mandem suas opiniões e comentários e interajam com os apresentadores e narradores.

Há sociabilidade de atores sociais com times e clubes ao se tornarem sócios de um clube ou participarem de um programa de sócio-torcedor para ter benefícios propostos pelo clube, como melhor acesso aos jogos nos estádios; ao ir a uma loja própria do clube para comprar produtos diversos, como chaveiros, bonés, copos, toalhas, cordões, sandálias, canetas, entre outros produtos que mostram como o torcedor tem várias opções além de uma camisa para comprar e mostrar os laços afetivos de ser um torcedor.

O autor Sílvio Ricardo da Silva (2005, p.25) aborda a construção social da paixão do futebol e explica que através do futebol muitos grupos são formados por torcedores, praticantes, dirigentes que se encontram nos clubes, nas ruas, praias, campinhos de várzea,

estádios e bares. São grupos que têm o futebol como pano de fundo de suas histórias de vida. As lojas esportivas, por exemplo, ao disporem uma variedade de produtos, estimulam o torcedor a formar e fortalecer ainda mais esse pano de fundo e a aumentar os laços afetivos dos torcedores em seus cotidianos.

A própria fundação dos clubes é exemplo de formação de grupos que tomaram o futebol como pano de fundo para si, e que logo iniciaram um processo de crescimento ao construírem sedes e estádios, definirem uniformes, escudos, hinos oficiais, mascotes e outros elementos para constituem suas identidades. Talvez os grupos formados nos primeiros anos do século XX, por exemplo, sequer imaginassem o grande pano de fundo que estavam construindo para gerações futuras.

Esse é um processo de criação de novas sociabilidades e construção social da paixão do futebol que ocorreu mundialmente. No Brasil o futebol foi inserido, se firmando, e com a sua popularização, um esporte fundamentando a nacionalidade brasileira passou a ser visto além dos estádios, como aponta Frederico Coelho (2006):

Visto por muitos não como mero divertimento, mas como elemento cultural que se arraigava no hábito cotidiano do brasileiro, o futebol desde seu início assumiu uma interface constante com a produção cultural e o pensamento social do país. Incorporado por escritores, médicos, teóricos e poetas ao mundo das letras, as primeiras décadas do século XX viveu um descompasso entre as reflexões intelectuais acerca do futebol e os diferentes usos que os populares faziam de suas práticas. (COELHO, Frederico. 2006, p.30)

No mais, Frederico Coelho (2006, p.25-26) ressalta a questão da miscigenação racial brasileira, o desenvolvimento da mídia e a música popular no Brasil que fizeram com que o futebol fosse se reformulando ou se adequando à cultura brasileira. Para salientar como o esporte passou a fazer parte da cultura, o autor cita como exemplo antigos sambas enredos de escolas de samba cariocas que abordavam o futebol.

Atualmente a relação do futebol no cotidiano brasileiro é forte e se tornou uma manifestação cultural. Além dos sambas, há outras músicas, livros, artes diversas que tomam o futebol como tema, assim como no futebol há também músicas populares, a linguagem brasileira, os costumes e etc. Sobre tal assunto, Luiz Carlos Ribeiro e Guilherme de Almeida Ribeiro (2015, p.112) apresentam a ideia de que é pouco evidente a distinção, mas há pelos menos duas maneiras de perceber o futebol como manifestação cultural:

Uma, a partir dos registros artísticos propriamente, como nos aparece no romance, na crônica, na música, no cinema ou na pintura. A outra, de caráter antropológico e histórico, a partir da forma como o esporte historicamente foi se sociabilizando e

tornando-se referência nas práticas cotidianas dos sujeitos, sobretudo nos espaços urbanos. (RIBEIRO, L.; RIBEIRO, G., 2015, p. 112)

O pesquisador Jocimar Daolio (2005, p.6) também ressalta que o futebol é uma das principais manifestações culturais brasileiras que é constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores, e a recontextualização e ressignificação ocorre de acordo com cada momento histórico. A prática do futebol deixar de ser algo elitizado e chegar às periferias brasileiras demonstra a ressignificação, principalmente devido ao forte poder simbólico do futebol em fazer com que os brasileiros possam se expressar ao torcer, vibrar, comemorar, lamentar, conversar. “Uma torcida não é só um grupo de pessoas que escolheu um time pra torcer. O torcer por um clube contém especificidades que são relíquias da história cultural do homem, da torcida, do clube e da cidade” (SILVA, 2005, p. 29-30).

A história do futebol, sua chegada ao Brasil, por quem e como é praticado, com torcedores dando continuidade às manifestações sociais e culturais do futebol de geração em geração ajuda a compreender como “o futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em um modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as contradições e todas as riquezas nela presentes” (DAOLIO. 2005, p.5-6).

O futebol tornou-se um marco na multiplicidade histórico-cultural do Brasil e do mundo, continua construindo novas sociabilidades, paixões, histórias; sendo utilizado como objeto de influência e se mantendo popular. Costumeiramente é visto como fenômeno cultural gerado pela diversidade e alcance em inúmeras sociedades que fazem suas manifestações culturais, ou seja, sociedades apresentando suas particularidades socioculturais, seus próprios espetáculos.

Desse modo, a relação do futebol com a cultura é mais um assunto para ser abordado e estudado com o propósito de entender a dimensão sociocultural especificamente do futebol, conforme Manoel Tubino (2001, p.15) ao dizer que o esporte passou a merecer novas abordagens e estudos para que sua dimensão social seja realmente entendida.

No Brasil e demais países em que se popularizou, o futebol tornou-se uma grande manifestação cultural. Cada país construiu seus times, torcidas, linguagens, imagens, suas próprias histórias que servem de base para o conceito de que o futebol é um fenômeno cultural e de massa, e também um espetáculo cultural diante das sociabilidades que desenvolve desde a sua organização.

Assim é fundamental voltar-se a dimensão social do futebol, a influência esportiva no desenvolvimento da cidadania, a questão da democracia tendo em vista que o futebol também

é um espaço onde ocorre o racismo, a intolerância, a homofobia, entre outros preconceitos, exclusividades e diferenças geradas pelo consumo do futebol. Neste caso, evidencia-se o futebol como grande negócio e essência para empresas e grandes competições. Muitos atletas têm seus nomes marcados na história esportiva, se tornam famosos e *influencers*, estão presentes em redes sociais digitais e com isso lucram com trabalhos que diretamente não envolvem um jogo de futebol, mas sim com publicidade e propaganda de grandes empresas que os contratam com esse intuito. Isso faz com que a ideia de se tornar um jogador se transforme no sonho e desejo de muitos jovens.

Além disso, é importante evidenciar que o futebol feminino é um assunto que não pode ser esquecido. Apesar de conseguir mais destaque, atletas, ídolos e campeonatos, o futebol feminino, em comparação com o masculino, ainda não é tão popular e não se tornou um grande negócio para as empresas de patrocínio; não é tão divulgado e gera uma grande crítica fundamentada pela diferença salarial, já que os salários no futebol masculino são mais elevados.

Por fim, o processo do futebol na sociedade em meio a cultura e o inverso mostram a atualização e a ressignificação desse esporte de acordo com o momento histórico, reiterando o pensamento de Jocimar Daolio (2005). O futebol é um esporte, é manifestação cultural com prós e contras porque sua dimensão social ratifica a sua pluralidade sociocultural e o discurso de que ‘não é só um jogo’.

1.2 O FUTEBOL COMO ESPETÁCULO CULTURAL

Para Antônio Rubim (2001, p.1), espetáculo é “como um momento e um movimento imanentes da vida societária, de maneira similar às encenações, ritos, rituais, imaginários, representações, papéis, máscaras sociais, etc”. Entende-se que espetáculo é algo natural e variado de acordo com o contexto social em que o espetáculo se faz presente. De um modo mais simples e conciso, espetáculo é uma palavra de origem latina que significa tudo que atrai o olhar e a atenção, ver, observar, testemunhar, comparecer.

Da mesma forma que o espetáculo é imanente, como explica Rubim, a cultura também é. Por diversas vezes e modos a manifestação cultural ocorre por meio do espetáculo. Antônio Rubim (2001) busca compreender o espetáculo como algo essencial e específico em todas as sociedades humanas, presente em todas as práticas sociais e em todas as instâncias organizativas, frisando o poder político e a política. Há pessoas que fazem, assistem, presenciam fisicamente ou digitalmente um espetáculo, já que o avanço tecnológico abriu espaços para que os espetáculos e a cultura sejam manifestados no âmbito das redes sociais

digitais, surgindo assim novos costumes, linguagens, etc.

A partir disso, ao olhar o futebol como espetáculo, com a sua chegada ao Brasil, inserção, miscigenação racial e firmeza social e midiática, ele se tornou um momento e um movimento imanescentes da vida societária brasileira e em outros países. O futebol brasileiro desenvolveu múltiplas sociabilidades que tiveram a cultura como um dos elementos que fizeram tal esporte resplandecer socialmente em todas as regiões do país, tendo cada qual os seus elementos culturais. O futebol tornou-se o esporte mais popular no Brasil, paixão nacional e alcançou o patamar de espetáculo cultural, pois é algo essencial e também específico na sociedade e na cultura brasileira, presente nas práticas sociais e em todas as instâncias organizativas como ressalta Rubim (2001).

O futebol brasileiro tem suas próprias características: história, títulos, hinos, músicas, artes diversas, problemas sociais, clubes, campeonatos, organizações, políticas e os brasileiros que compõem a identidade do futebol no Brasil. Há obras literárias, por exemplo, que falam sobre o futebol no Brasil, abordando assuntos diversos, como os livros “O Negro no futebol brasileiro” escrito por Mario Filho abordando o racismo e a inserção dos negros no futebol; “O Futebol explica o Brasil” escrito por Marcos Guterman, que aborda a história do futebol do século XX, e “Uma triste história do futebol no Brasil – O Maracanã” com a autoria de Gerson Wansan Fraga, que aborda a nacionalidade, a imprensa e a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil.

Ao torcer pela seleção brasileira durante um jogo da Copa do Mundo, muitas pessoas priorizam o verde e o amarelo – principais cores da bandeira do Brasil – em suas roupas e nas ruas; cantam o hino nacional, se voltam para torcer pelo mesmo time, têm uma sociabilidade focada nisso. As pessoas fazem comentários nas redes sociais sobre os jogos, sobre atuação de jogadores, criticam, elogiam, e assim o futebol se torna um assunto comentado com maior frequência, gerando mais interação entre as pessoas. É isso que ocorre quando cada torcida torce separadamente para o seu próprio clube nos campeonatos.

Segundo Guy Debord (2003, p.14), “o espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar, toda a consciência”, e o futebol representa bem tal conceito. Cada região brasileira tem seus costumes, linguagens e entendimentos, e isso tudo pode ser visto no futebol de diversos modos.

Os estádios são tomados por torcedores que gritam frases de apoio nas arquibancadas, levam bandeiras, faixas, entoam músicas e hinos, usam cores diferentes ou até iguais, mas que possuem um significado distinto de acordo com a história de cada clube e com o escudo

confirmando a distinção. Outros torcedores sequer usam a cor principal dos clubes rivais, fato esse que pode ser entendido como rejeição ao outro, ou o desejo de não se atrelar a algo que faz parte da identidade do time ou clube rival. Nas arquibancadas, mosaicos são formados para demonstrar o sentimento e a união dos torcedores pelo time e o quanto a torcida é grandiosa.

Além disso, há também a criação de termos e denominações que, se forem ditas em outros lugares, serão apenas palavras sem contexto. Jargões até mesmo oriundos das narrações dos jogos são rotineiramente ditos pelos torcedores. Um exemplo é o diálogo do narrador Galvão Bueno com o jornalista Tino Marcos, que durante os jogos ficava em campo e repassava informações ao narrador. Por muitas vezes, ao constatar que um atleta sentia alguma lesão, cãimbra ou coisas afins, Galvão era chamado e os dois falavam as mesmas palavras:

- *Galvão!*

- *Diga lá, Tino!*

- *Sentiu.*

Esse trecho da conversa durante os jogos tornou-se um meme na internet e bastante utilizado por muitos torcedores que, ao provocarem os torcedores rivais e constatarem que alguém não havia gostado das piadas, postavam o meme como resposta, dando a entender que o torcedor rival ‘sentiu’ a provocação, ou seja, se incomodou.

Figura 1 – Meme divulgado na internet.



Fonte: Twitter (2020).

Por fim, as imagens e vídeos de arquibancadas lotadas com torcedores estão entre as mais divulgadas, mas o futebol também está nas ruas, é assunto de conversas do dia-a-dia de torcedores que rotineiramente são vistos usando sandálias, chapéus, cordões, camisas de seus times, sem depender obrigatoriamente da realização de jogos para que isso tudo seja usado.

Figura 2 – Torcedores da Seleção Brasileira de Futebol.



Fonte: Internet (2020).

O futebol passou por um novo processo de espetacularização envolvendo imagens, linguagens e conteúdo proporcionado pelos avanços tecnológicos que trouxeram novas mídias como a TV e a internet, possibilitando a interação entre pessoas ligadas ao futebol. É uma nova maneira de ver o espetáculo cultural do futebol, que ajuda a compreender o pensamento de que o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens” (DEBORD, Guy. 2003, p.14)

Para o pesquisador Édison Gastaldo (2005, p.114), “hoje em dia, é inconcebível pensar o universo do esporte-espetáculo sem a sua apropriação midiática”. De fato, o esporte será sempre alvo da midiatização por ser muito popularizado e pelo desejo das pessoas em receber informações e principalmente acompanhar a realização de competições. É algo realizado pela grande mídia e pelos próprios atores sociais que buscam ressaltar o espetáculo que realizam. As publicações em redes sociais digitais mostram fotografias de torcidas em grande número, a expressão de torcedores, vídeos e demais imagens. Há inúmeros perfis e páginas específicas para que isso seja compartilhado.

A midiatização influencia o esporte-espetáculo, auxiliou e auxilia o seu compartilhamento. Foi o que ocorreu com o futebol no Brasil, que antes era apenas praticado. Sobre essa questão, Gastaldo diz:

Originalmente uma atividade para ser “praticada”, o esporte tornou-se, com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, cada vez mais um “espetáculo” para ser “assistido”, visando a um consumo massificado. Essa incorporação do esporte pela indústria cultural gera um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte para assisti-lo pela televisão e (numa espécie de “grau zero da competência esportiva”) emocionar-se com a ansiedade pelo resultado. (GASTALDO, Édison. 2005, p.115)

Com isso o esporte tornou-se alvo de maior audiência, de um grande público, gerando novas sociabilidades, pois com a internet novas redes sociais foram criadas. Os clubes e a imprensa esportiva formaram sites e páginas oficiais para informar, noticiar, fazer seus anúncios publicitários, assim como os programas esportivos nos rádios, TVs e sites de empresas de comunicação com uma área especialmente dedicada para o futebol e clubes, com entrevistas diárias com os atletas, jogadores, treinadores, técnicos e torcedores.

A tecnologia proporcionou novos meios e serviços para as pessoas acompanharem o futebol, assistir jogos, ver *replays* de um gol, faltas e outros lances. O ‘VAR’ (*Víder Assistant Referee*) é o Árbitro Assistente de Vídeo formado por uma equipe responsável em auxiliar o árbitro do jogo em campo e tirar dúvidas; é um novo sistema de arbitragem que passou a ser mais um elemento comentado, elogiado e criticado por torcedores de futebol.

O VAR trouxe novos gestos e condutas para o árbitro, e também serviu para a criação de memes e figurinhas compartilhadas nas redes sociais. Muitas pessoas, por exemplo, compartilharam imagens mostrando as condutas, gestos e decisões do árbitro em alguns momentos: o momento em que o árbitro vê o vídeo; quando pede para algum jogador aguardar, e quando ‘desenha’ um quadrado com as mãos para sinalizar que o VAR será ou foi utilizado para tomar alguma decisão em campo.

Figura 3 – Figurinhas e memes referentes ao VAR.



Fonte: Compilação da autora (2020).

Percebe-se realmente que a manifestação cultural do futebol passa por ressignificações e atualizações, ganha novos contextos, e o espetáculo cultural não é isento disso. O torcedor pode com maior frequência dar continuidade à manifestação cultural do futebol. Pode acompanhar o esporte, tem diversas opções para se atualizar com notícias sobre seu time, assistir jogos, acompanhar um campeonato, mostrar em uma rede social para qual time torce, torcer na internet por meio de publicações e manter uma relação social com outras pessoas.

Além disso, o torcedor tem a possibilidade de conhecer outros clubes, e inclusive torcer por times de outros estados e países, o que em muitos casos é o resultado das interações que tornam possível o acesso às demais manifestações e espetáculos culturais do futebol

brasileiro e internacional. É o caso dos torcedores ‘mistos’, que são pessoas que torcem por mais de um time (geralmente de outras cidades), e que por isso são alvo de críticas por parte de pessoas que pensam que o correto é torcer apenas por um time. Muitos torcedores mistos são criticados por utilizarem camisas de outros times nos estádios, e não a camisa do time que está jogando. No futebol paraense, por exemplo, os torcedores do Remo dizem “Jogo do Leão, camisa do Leão”, enquanto a torcida do Paysandu diz “Jogo do Papão, camisa do Papão” para alertar que a camisa do time em campo é que deve ser usada nas arquibancadas, mesmo que alguma pessoa torça por outro time.

O futebol como espetáculo cultural ganhou um novo modo de ser retratado. Com a internet surgiram as charges, montagens, memes, piadas, a ilustração de linguagens, textos, vídeos e outras produções feitas por profissionais e torcedores que têm conhecimento técnico e utilizam as histórias que o futebol proporciona, como a imagem de um jogador, um gol, um lance, uma vitória, a derrota de um time rival, a conquista de um título, a torcida reunida para torcer pelo clube ser vencedor em um campeonato de outro esporte.

Segundo Jocimar Daolio (2005), o futebol abrange riquezas e contradições. Damatta (1982, p.21) por sua vez ressalta que “[...] o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”, e isso interfere no espetáculo cultural do futebol porque faz com que ele se apresente de diferentes maneiras.

O espetáculo cultural do futebol é um conjunto de manifestações culturais que envolvem o lugar, o campo de futebol, os estádios, arquibancadas, as torcidas e sua organização, a linguagem espetacular a partir da transmissão e da repercussão na mídia, nas redes sociais, e etc. O futebol como manifestação cultural e espetáculo cultural representa demarcação, pertencimento, interesse, afetividade, especificidade na sociedade de acordo com os lugares, com os campos onde ele se desenvolve e a dimensão que ele ganhou na contemporaneidade ao também ir para o campo digital.

2 A HOMOFOBIA NO ESPETÁCULO CULTURAL: O FUTEBOL ENTRE QUALIDADES E CONFLITOS

A homofobia é um assunto que está sendo discutido constantemente na sociedade, no cotidiano e que vai para o cotidiano midiático. Com o aumento de movimentos em defesa da causa LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) e contra atitudes homofóbicas, a discussão se tornou o foco de diversas polêmicas, debates, argumentos, resistência e preconceitos.

A luta contra a homofobia passou a ser vista em diversas manifestações, tanto nos espaços físicos quanto nos ambientes digitais, com as caminhadas nas ruas, publicações com frases e textos nas redes sociais digitais, reportagens divulgadas na internet e na grande mídia mostrando o contexto e a situação real da homofobia, destacando suas causas e efeitos. Tornou-se uma questão de direito.

O esporte também se tornou alvo dessas discussões por ser um ambiente em que a prática homofóbica é antiga, diversa e muito ampla, abrangendo outras questões sociais. Logo é importante ressaltar que o futebol, por ser um espetáculo cultural, mostra problemas sociais, como a violência e o preconceito, consolidando a ideia de que de uma série de possibilidades sociais positivas e negativas pode acontecer nos espetáculos esportivos, como aponta o autor Manoel Tubino (2001).

Neste segundo capítulo será abordada a homofobia no futebol, mostrando o que ocasionou o surgimento de atitudes homofóbicas, as segregações geradas, o engajamento social de clubes e torcedores, além de ações jurídicas em torno desse problema social no esporte.

2.1 BREVE CONTEXTO DA HETERONORMATIVIDADE E HOMOFOBIA

Na segunda década do século XXI, a história do futebol mundial foi marcada por punições desenvolvidas pela FIFA e por tribunais jurídicos, referentes às atitudes homofóbicas realizadas em estádios. Federações de países como Argentina, Brasil, Chile, Sérvia, Peru e México foram punidas, devido gritos homofóbicos por parte de torcedores direcionados a jogadores adversários. A homofobia é comum no futebol como consequência da forte heteronormatividade que mundialmente é naturalizada culturalmente, e de grande influência no desenvolvimento do futebol.

Segundo as pesquisadoras Analídia Petry e Dagmar Mayer (2011), heteronormatividade é um termo cunhado por Michael Warner em 1991, e pode ser tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e

normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes. Diante disso, Petry e Mayer ressaltam:

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. (MAYER, Dagmar; PETRY, Analídia. 2011. p.195).

Tal perspectiva refere-se ao sistema binário de sexo e gênero: mulher e homem, feminino e masculino. Segundo Judith Butler (2003, p.24), biologicamente o sexo parece intratável. Entende-se que a autora diz que biologicamente parece ser difícil ou impossível alterar o sexo, no entanto é importante frisar que já existem procedimentos que auxiliam nessa mudança que de fato é difícil, mas não é intratável. Em relação ao gênero, Butler diz:

[...] por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se somente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, Judith. 2003. p.24).

Junto ao sistema binário, a heteronormatividade é o que fundamenta a normalidade imposta socialmente aos atores sociais em seus modos de agir, falar, se vestir, se relacionar afetivamente e sexualmente. Para Richard Mikolsci, “como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto” (MIKOLSCI, p.5). Neste caso, a heteronormatividade está além de definir se é com homem ou com mulher que alguém deverá se relacionar sexualmente para se enquadrar como normal, mas também como a pessoa deve se portar socialmente e isso envolve estudos, trabalho, família, amigos, momentos de entretenimento, lazer e demais sociabilidades.

(...) Assim, a heteronormatividade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, Richard. p. 5-6)

Tal pensamento de Miskolci explica o porquê das tradicionais frases “Isso é de homem” e “Isso é de mulher” em relação a cores, brinquedos, roupas, cargos de trabalho, músicas, gestos, modos de falar, andar, e etc. Cada gênero tem um direcionamento, um papel social estabelecido. No sistema heteronormativo, ninguém deve se portar como o sexo e o gênero oposto, nem se relacionar, sentir desejo ou apreço sexual por pessoas do mesmo sexo.

Alguém que descumpra algo imposto pelo alinhamento heteronormativo logo é associado à homossexualidade, que de modo mais resumido, é uma característica de quem sente atração física, emocional, espiritual e estética por outras pessoas do mesmo sexo. Por não organizarem suas vidas de acordo com esse modelo, os homossexuais logo são inferiorizados, sendo alvo de repressão, marginalização, preconceito e violência. A homossexualidade não é considerada normal, mesmo estando presente no mundo de formas tão distintas quanto a própria organização cultural e moral na história das sociedades, e sendo práticas sociais e sexuais muito presentes na diversidade das experiências humanas (MACHADO; PRADO. 2012, p. 15).

“As práticas sociais baseadas na heteronormatividade constituíram-se, ao longo da história ocidental, em processos capazes da construção de subordinação de outras práticas sexuais e sociais. O que significa não a exclusão das homossexualidades do cenário social, mas sim a sua subalternidade no interior dos processos hegemônicos” (MACHADO, M.A.M; PRADO, F.M. 2012, p. 13-14)

Compreende-se essa exclusão e subalternidade como causadoras da homofobia, entendida como aversão, medo, intolerância à homossexualidade e suas características que envolvem as relações sexuais e a mudança de gêneros, como a transexualidade realizada por muitas pessoas que não acompanham o gênero que o sistema heteronormativo impõe.

No caso da transexualidade, mulheres não se identificam e não vivem com o gênero feminino, mas se identificam com o gênero masculino. Vestem-se, agem de um modo mais masculino, mudam seus nomes judicialmente e recorrem a métodos medicinais para fisicamente se tornarem homens transexuais. A prática mais realizada é cirurgia para retirada dos seios e a inserção de hormônios no organismo. Quanto aos homens, a prática é a mesma, mudam seus modos de agir, falar, vestir. Recorrem a cirurgias para retiradas de órgãos genitais, procuram por hormônios, mudam seus nomes e tentam fazer o máximo possível para se mostrar como mulheres.

A homossexualidade é algo que pode ser muito visto e percebido. Nem todos recorrem a essa mudança física, mas todos são alvos de preconceitos e aversões, pois:

Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativo, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob acusação de crime, pecado ou doença”. (MACHADO, M.A.M; PRADO, F.M. 2012. p. 12).

O que Machado e Prado (2012) pontam é algo relacionado principalmente à sexualidade. Uma nova vida só pode ser gerada após uma relação sexual entre homem e mulher, e é nessa questão que a igreja mais fundamenta suas instruções defendendo a vida, fortalecendo ainda mais o sistema heteronormativo. Já em relação ao discurso médico-científico, este é o discurso e as atitudes que os estudos medicinais e científicos trazem ao sustentar essa ideia, e de também proporcionar gravidez por inseminações artificiais com sêmen doado, ação que no Brasil foi liberada¹⁴ somente em 2011, e que muitos casais homossexuais passaram a realizar. “Eu doe os óvulos, ela engravidou, nós duas amamentamos”¹⁵ foi o que disse uma brasileira sobre a gravidez da esposa em 2017.

Casos e situações como essas se tornaram alvos da homofobia com suas ações, emoções, sentimentos negativos, ódio, piadas, repúdio e violência física e simbólica. Em seus estudos, o pesquisador Daniel Borrillo (2010, p.13) argumenta que a homofobia, do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, “é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos”. Tal definição corrobora com o pensamento de Machado e Prado (2012) sobre a subalternidade da homossexualidade.

Sendo a homofobia tão forte e praticada em uma sociedade heteronormativa, muitas pessoas têm dificuldade em se designarem e se assumirem como homossexuais. Inicialmente as pessoas sentem receio da homofobia familiar, demoram a compreender e aceitar sua orientação sexual e/ou iniciarem uma transição de gênero, que em muitos casos é mais complicado de fazer, já que é mais fácil perceber as mudanças físicas, corporais e estéticas da transexualidade.

A heteronormatividade exerce um forte exame sobre as atitudes, expressões e modos de vida dos homossexuais, os fazendo ficar ainda mais confinados no papel do marginal ou excêntrico, e apontados pela norma social como bizarros, estranhos ou extravagantes.

¹⁴ “Fertilização in-vitro para casais homoafetivos”. Disponível em: <https://www.procriar.com.br/fertilizacao-in-vitro-para-casais-homoafetivos>. Acesso em: 08/04/2020.

¹⁵ “Eu doe os óvulos, ela engravidou, nós duas amamentamos”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/03/politica/1501791214_869482.html. Acesso em: 08/04/2020.

Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma - outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante. E no pressuposto de que o mal vem sempre de fora, na França, a homossexualidade foi qualificada como "vício italiano" ou "vício grego", ou ainda "costume árabe" ou "colonial". À semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação. (BORRILO, Daniel. 2010, p.13-14)

Retornando então ao futebol, com tais concepções percebe-se de uma melhor maneira o que é visto como o normal no futebol. Ele é um esporte que vai sendo construído de acordo com a sociedade e a cultura, segue normatividades diversas e por estar em vários ambientes que possuem a heteronormatividade presente, também tem o sistema heteronormativo e a homofobia inserida em seus contextos, em seus espetáculos que são formados por atores sociais que jogam, torcem, interagem e convivem mantendo relações de apreços e conflitos.

O 'normal' do futebol vai sendo ressignificado e atualizado. Inicialmente o esporte foi bastante destinado para homens, seguindo fortemente uma lógica heteronormativa, machista e homofóbica no início do século XX, enquanto as mulheres estavam limitadas ao torcer. A prática homofóbica surgiu entre os torcedores de clubes adversários e rivais que, utilizando a homofobia, buscam humilhar, ofender e inferiorizar uns aos outros se associando à homossexualidade. Eis o que por muito tempo foi considerado normal e isento de críticas.

Observando o futebol de um modo mais simples, ele sempre teve suas normatividades e conflitos. Quando alguém torce por um time, faz parte de uma torcida e é associado a um clube, existe a ideia de que em momento algum a pessoa deve mudar de time para torcer por outro. O torcedor não deve, principalmente, usar um símbolo do que é considerado rival, por exemplo. Se alguém se diz torcedor de um determinado time, deve torcer por ele time até o fim de sua vida, mas se parar e torcer pelo rival em algum momento, a pessoa é considerada como fraca, infiel, e na verdade nunca torceu por quem disse torcer antes. Em uma linguagem mais futebolística, a pessoa 'virou a casaca'¹⁶, e no futebol isso é vergonhoso.

A ideia no futebol é a de que se deve manter a rivalidade, o sentimento adversário, a constante prática de zoar e inferiorizar o outro time, jamais torcer por ele por mais que ele esteja vivendo um bom momento, conquistando títulos, vitórias em campo, realizando bons jogos. Mesmo que o time para o qual a pessoa torce não esteja rendendo motivos para comemorações e alegrias, o torcedor deve torcer em todos os momentos bons e ruins.

¹⁶ Frase popularmente dita no futebol, refere-se a uma pessoa que deixa de torcer para um time e passa a torcer pelo time rival.

No futebol existem muitas torcidas mantendo essa dinâmica do torcer e rivalizar. Entre conversas, cantos e piadas constantemente feitas entre torcedores, os termos homofóbicos – gay, fresco, veado, boiola, bicha – se tornaram comuns. São ditos, ilustrados, expressos. Associar o outro time, sua torcida, seus símbolos e demais elementos à homossexualidade é algo frequente porque isso ainda é muito comum na sociedade.

Afirma-se que mudanças já ocorreram, o quadro sociocultural do futebol mudou no decorrer do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI. A heteronormatividade em meio ao futebol se mostra de outra maneira, até porque na sociedade como um todo ela apresentou suas ressignificações e atualizações. As mulheres conquistaram mais espaços e novos papéis na sociedade, mesmo com o machismo, a heteronormatividade e a homofobia frequentes. As mulheres vão aos estádios para torcer, a imprensa esportiva tem a participação feminina com assessoras, repórteres, apresentadoras e comentaristas enfrentando o preconceito e o machismo.

As mulheres também são jogadoras, e o futebol feminino passou a ser mais profissionalizado. Em 2019 foi realizada a Copa do Mundo de Futebol Feminino, que pela primeira vez foi transmitido pela TV brasileira, e segundo dados apresentados pela Kantar Ibope Media¹⁷, entre 2014 e 2018, houve um crescimento de 30% no tempo médio consumido do gênero futebol por mulheres, entre 25 e 34 anos.

As mulheres tornaram-se elementos mais participativos no futebol, e já são vistas também em equipes de arbitragem, antes apenas formadas por homens. Conquistaram mais espaço e respeito, mas ainda não são totalmente excluídas do machismo e demais problemas sociais como abusos, assédios e preconceitos.

Em relação aos homossexuais, a normatividade que circunda o espetáculo cultural do futebol fez com que a prática homofóbica se tornasse frequente e vista como comum, normal, natural; como algo elementar do futebol com suas disputas em campo e principalmente entre os torcedores que fazem com que os conflitos ultrapassem as quatro linhas. Algo interessante era que muitos jogadores não entravam em campo usando camisa com o número 24. Isso ocorreu devido o “Jogo do bicho”, uma bolsa ilegal de apostas com 25 números e quadras que representam animais, onde ‘24’ é atrelado ao veado. Assim, o 24 se tornou um número homofóbico no futebol e em outros ambientes sociais. Os torcedores não queriam ver tal número na camisa de seus times, e as diretorias dos clubes não inseriam o 24 nas camisas de

¹⁷ “Audiência do futebol registra crescimento entre as mulheres”. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-futebol-registra-crescimento-entre-as-mulheres/>. Acesso: 25/01/2020.

seus jogadores.

A naturalização da heteronormatividade e da homofobia, junto à ideia de que o futebol é um ambiente social hétero fizeram com que o ambiente futebolístico continuasse muito homofóbico e gerasse agressões dentro e fora dos estádios. Em 2018, ano em que ocorreu a Copa do Mundo na Rússia, a agressão a um casal gay¹⁸ gerou discussões sobre a homofobia e a lei de “propaganda gay” com a proibição de relações homoafetivas em ambientes públicos. No entanto, a Rússia ressaltou que os membros da comunidade LGBT poderiam comparecer ao país para acompanhar os jogos da Copa, mas que deveriam respeitar a lei russa.

No Brasil, em 2019 dois torcedores do Cruzeiro Esporte Clube (MG) assistiram juntos um jogo no estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, e ao serem vistos se abraçando e se beijando, foram hostilizados¹⁹ por torcedores que filmaram o casal e compartilharam o vídeo nas redes sociais. Mesmo diante de ameaças e ataques homofóbicos, Yuri Senna, torcedor filmado junto ao namorado, compartilhou²⁰ o vídeo em seu perfil no Twitter se declarando ao namorado.

Figura 4 – *Print screen* da publicação do torcedor Yuri Senna no Twitter.



Fonte: Twitter (2019).

¹⁸ “Homofobia: casal gay é agredido em 1º dia da copa”. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/06/18/homofobia-casal-gay-e-agredido-no-1-dia-da-copa/>. Acesso em: 27/01/2020.

¹⁹ “Casal gay hostilizado no Mineirão utiliza vídeo para combate à homofobia”. Disponível em: <https://www.lance.com.br/cruzeiro/casal-gay-hostilizado-mineirao-usa-video-para-combater-homofobia.html>. Acesso em: 27/01/2020.

²⁰ Publicação disponível em: <https://twitter.com/sennacec/status/1171553786659266560>. Acesso: 27/01/2020.

Tais casos incitam o seguinte questionamento: quantos homossexuais ajudam a construir e manter o espetáculo cultural do futebol, mas não se assumem como homossexuais publicamente por receio de serem hostilizados?

Eis a reflexão de que há inúmeros homossexuais no ambiente futebolístico, fato esse ignorado e rejeitado por muitos atores sociais héteros e homofóbicos. No entanto, a heteronormatividade, assim como outras diversas questões sociais, passa por ressignificações e atualizações, e a homofobia no futebol está incluída nisso. A homofobia também passou por mudanças no contexto futebolístico, os homossexuais buscaram mais respeito com a criação de campanhas contrárias à LGBTfobia, que ganhou o apoio de atores sociais héteros e incentivou os homossexuais a se assumirem como tal, atitude essa realizada pelo casal de torcedores do Cruzeiro, por exemplo.

Além disso, o uso da camisa 24 passou a simbolizar esse apoio aos homossexuais. No início de 2020, jogadores de clubes como Flamengo (RJ), Fluminense (RJ), Santos (SP) e Bahia (BA) passaram a utilizar a camisa com o número 24 em campo. Em entrevista²¹, Flávio, jogador do Bahia ressaltou que se sentia feliz e honrado por ser o representante do Bahia nessa causa, que “a ideia é mostrar que o respeito às diferenças sempre deve prevalecer. E que, independentemente da orientação sexual, toda pessoa pode usar o número que quiser”.

Outro exemplo de mudanças e condutas anti-homofóbicas é a paralisação de jogos causada por atitudes homofóbicas durante os jogos. Foi o que ocorreu no jogo entre Vasco (SP) e São Paulo (SP) no estádio São Januário, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2019. O árbitro Anderson Daronco paralisou o jogo²² após a torcida vascaína gritar “time de veado” para o São Paulo, e solicitou o pedido no estádio para que os gritos homofóbicos parassem e não ocorressem mais.

O futebol tem suas normatividades, que são construídas de acordo com os atores sociais que o compõe, que estão em campo e nas arquibancadas, que consomem o esporte e o praticam, tendo em vista o amplo alcance midiático, social e cultural que há anos vem sendo construído. Todo ator social está em sociedades que passam por mudanças, e isso pouco a pouco vai sendo visto em diversos ambientes sociais, como no futebol, que ainda é tem muitas características heteronormativas e homofóbicas, mas são questões que já são tratadas de um modo mais diferenciado, sendo alvo de críticas e não simplesmente vistas como normais.

²¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-01-30/vesti-a-camisa-24-com-muito-orgulho-diz-jogador-do-bahia-apos-usar-numero-proibido-pela-homofobia.html>. Acesso em: 13/05/2020.

²² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/juiz-relata-homofobia-no-vasco-x-sao-paulo-stjd-pode-punir-clube-carioca/>. Acesso em: 13/05/2020.

As imposições da heteronormatividade e homofobia no futebol são antigas e frequentes. No entanto, mesmo ainda sendo vistas por muitos como algo normal, já não são despercebidas, nem isentas de críticas, e continuarão no processo de ressignificações e atualizações que a sociedade vivencia e proporciona.

2.2 DISCUSSÕES SOBRE MASCULINIDADE E FUTEBOL

Uma questão bastante destacada nas discussões sobre o público que o futebol atrai é a predominância masculina nesse público. Apesar das mulheres estarem se inserindo mais no ambiente futebolístico, torcendo e jogando com maior frequência, além de trabalhar e acompanhar o esporte regularmente através da mídia, o número de homens ainda é mais elevado nesse meio social.

Existem campeonatos de futebol feminino como a Copa do Mundo, Copa América, Copa Libertadores, campeonatos estaduais, entre outras competições que destacam estrelas e ícones no futebol. A holandesa Lieke Martens, a inglesa Lucy Bronze, e a norte-americana Alex Morgan são exemplos. No Brasil, a atleta de grande destaque é Marta Vieira da Silva, que foi eleita por 6 vezes como a melhor jogadora do mundo pela Fifa nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018.

Mais do que ver a diferença quantitativa de homens e mulheres no futebol, é importante abordar o futebol observando a influência dos gêneros na configuração do esporte socialmente. Neste caso, sendo o gênero masculino o mais presente, é também interessante mostrar o futebol com suas manifestações envoltas pela masculinidade.

Como se sabe, cada pessoa ao nascer, de acordo com o seu sexo biológico é ligado a um gênero para então saber como agir, se vestir, falar, se relacionar. Há uma série de regras e imposições, que podem ser denominadas como a masculinidade e feminilidade, que são um conjunto de características físicas, sociais e psicológicas atribuídas aos gêneros masculino e feminino.

De um modo mais claro, a masculinidade não é um gênero, mas sim uma série de características que o masculino deve ter para se mostrar como tal e contrário ao gênero feminino e sua feminilidade.

Em antropologia, a masculinidade se refere à imagem de tudo aquilo que seria próprio de indivíduos machos, principalmente em análises das sociedades humanas. Faz oposição ao termo feminilidade. A masculinidade é, de acordo com o Dicionário Collins, o que possui qualidades ou características consideradas típicas ou necessárias para um homem. O termo pode ser usado para descrever qualquer humano, animal ou objeto que tenha a qualidade de ser masculino. Quando "masculino" é usado para

descrever os homens, ela pode ter graus de comparação. Em muitas culturas, as características básicas da masculinidade incluem capacidades físicas, coragem, maestria, honra e liderança. O oposto pode ser expresso por termos como "efeminado" ou "epiceno". Um quase-sinônimo (sic) de masculinidade seria virilidade. Seu complemento seria a feminilidade. (Site Educalingo, 2020)²³

Isso sempre esteve muito presente no futebol. Desde a sua chegada ao Brasil, o futebol foi bastante voltado ao gênero masculino, o que justifica a imagem e as características másculas que possui. Inicialmente sua prática era exclusiva aos homens. Édison Gastaldo (2004) aborda a sociabilidade masculina no futebol, e diz:

[...] eu destacaria o uso cotidiano da tematização do futebol como mote de sociabilidade masculina *par excellence* no Brasil. Acredito que investigando mais profundamente esta relação possamos ter acesso à cultura brasileira por um outro ponto de vista, a cultura do mundo da vida em sua dimensão comunicacional cotidiana, a cultura que vivemos. Num bar, numa esquina ou dentro de um carro, indo para casa. (GASTALDO, Édison. 2004, p.11)

Ou seja, no Brasil, pelo futebol inicialmente ser mais direcionado aos homens, o esporte exerceu grande influência nas sociabilidades masculinas, e isso é comprovado por essa diferença quantitativa entre mulheres e homens no futebol. No entanto, no século XXI as mulheres estão mais presentes no futebol como torcedoras e jogadoras, trabalham com o futebol seja em clubes ou na área comunicacional, e também têm o futebol como mote de suas sociabilidades. As mulheres se reúnem para jogar, ver jogos, torcer, tomar cerveja, comentar sobre o futebol de diversos modos, e esse alcance foi difícil com masculinidade sendo forte e mantendo para muitas pessoas a imagem de que o futebol é um esporte para homens; que apenas homens conhecem o futebol e suas regras, e que assim deve continuar.

Isso ajuda a manter a imagem e as características másculas que o futebol tem. As mulheres passando a desempenhar no futebol as funções em áreas antes vistas apenas como masculinas, como a arbitragem, o jornalismo esportivo, o jogar e o torcer, contrariam a masculinidade no futebol, e isso justifica o porquê de muitas mulheres serem chamadas de lésbicas²⁴ e 'sapatão' (que são as lésbicas com características visuais mais masculinas). É algo que passa a ideia de que apenas o masculino deve conviver e ser mais participativo em meio ao futebol, mesmo que a pessoa seja mulher, feminina e queira também conviver e participar.

Historicamente o futebol foi bastante tomado pela maior presença do gênero masculino. Com a maior participação dos homens, e em meio a uma sociedade onde a masculinidade se mostra muito dominante, o esporte foi bastante influenciado por esse quadro

²³ Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/masculinidade>. Acesso em: 11/04/2020.

²⁴ Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/20/futebol-feminino-e-terra-do-lesbianismo-diz-presidente-do-tolima-serio/>. Acesso em: 20/01/2020.

social. A dominação masculina fazendo parte da sociedade brasileira e os homens se dedicando intensamente aos jogos desde sua expansão pelos continentes são fatos que justificam a popularização do futebol mundialmente e a masculinidade ser um fator presente na configuração sociocultural do esporte. O futebol tornou-se um espaço para que a masculinidade se manifeste, e a masculinidade foi importante para que o futebol crescesse tendo em vistas o público formado apenas por homens até um determinado momento da história.

Isso tudo não significa que as mulheres não tenham sido importantes, já que o futebol feminino existe e resiste. Mas a resistência feminina em busca de mais igualdade no futebol é um marco do que a masculinidade causou no futebol.

Em resumo, o futebol é atrelado às características masculinas e heteronormativas. Jogadores e torcedores buscam demonstrar isso criando uma imagem máscula para si, seus times e clubes. Essa dimensão justifica o fato de que o futebol é um elemento que faz parte da ideia “isso é pra homem”, que começa desde a infância quando um menino recebe uma bola e é incentivado a chutar e brincar com outros meninos na escola ou na rua. Depois, com o decorrer do tempo, o acesso a uma bola e o convívio com o futebol muitas vezes se torna diferente, principalmente devido o futebol profissional que exerce grande influência nessa questão. As meninas muitas vezes não recebem uma bola, ou se têm acesso a ela, não são incentivadas do mesmo modo a brincarem e jogarem como os meninos.

Essa é uma situação que parece ser bem singela, mas que gera consequências enormes no fato do futebol ainda não ter uma igualdade masculina e feminina em seus segmentos esportivos, comunicacionais, sociais e culturais. Para muitos atores sociais, há uma concepção de que apenas homens sabem jogar e entender o jogo e suas regras. Isso é causado pela masculinidade que reforça a ideia de que somente homem entende, sabe, pode e deve viver o futebol de uma forma mais completa, não só torcer, e assim deve continuar.

A masculinidade no futebol tem diversas causas e efeitos que fazem com que o esporte em questão não seja apenas um jogo. Em relação ao futebol profissional, o futebol masculino e seus campeonatos recebem enormes apoios e investimentos financeiros, empresariais e midiáticos. Atletas, técnicos e demais profissionais realizam negociações e contratações milionárias.

Outro ponto importante para esta análise é que o futebol masculino proporciona um amplo rendimento financeiro às empresas que fazem parcerias publicitárias com clubes e jogadores. Muitos atletas que se tornaram ídolos e queridos pelos torcedores, ficaram famosos e se tornaram ‘modelos’ de muitas empresas que os procuraram para fazer propaganda de suas

marcas.

O futebol é composto por uma série de condutas masculinas que espontaneamente são realizadas e continuam existindo. Gustavo Bandeira (2010, p.348), ao falar sobre a construção do masculino no futebol, forma um currículo de masculinidades do torcedor de futebol, “com base no entendimento de que os sujeitos são ensinados por diferentes ações, formas de pertencimento clubístico e também modos adequados de ser masculino nos estádios”. O autor, ao fazer sua pesquisa de campo indo aos estádios de Porto Alegre, observa as ações, reações, condutas e demais atividades ali realizadas. Gustavo Bandeira então diz:

Sem propor uma classificação ou separação definitiva, acredito que alguns dos conteúdos possuem maior relação com a construção do torcedor de futebol do que com a masculinidade desses sujeitos. Em um esporte no qual as masculinidades aparecem de forma tão privilegiada, por vezes corre-se o risco de tomar toda a produção do torcedor como produção de masculinidade. (BANDEIRA, Gustavo. 2010, p.348)

Neste sentido, o autor faz uma sistematização dos conteúdos desse currículo em torno de quatro eixos. O primeiro é “Raça, garra e luta”, onde aborda o quanto os torcedores vivem e cobram raça, garra e luta do jogador para conseguir as vitórias e mostrar a virilidade que possuem ao se manterem firmes ao torcer e demonstrar seus apoios.

No segundo eixo, Bandeira questiona “Violência como forma de socialização?”, e o terceiro eixo é “Afetividade: um amor de macho”. Respectivamente, o autor fala sobre a violência física, ofensas, xingamentos, confrontos entre torcidas; e sobre as manifestações de afeto e amor ao clube.

Uma questão que precisa ser destacada na abordagem feita pelo autor nesses dois eixos é a homofobia. Ao abordar a violência e a afetividade, Gustavo Bandeira (2020, p.349) fala sobre a homofobia presente no futebol e diz que “(...) as identidades homossexuais aparecem sempre desvalorizadas. É esta lógica heteronormativa, onipresente e recorrente, que impede – nos estádios, espaço de marcação da masculinidade – a positivação do termo”, referindo-se aos termos homofóbicos.

Vale ressaltar que tais ideias foram expostas pelo autor em um artigo publicado no ano de 2010, onde o autor se atentou à naturalização homofóbica no futebol:

O que chama atenção é como esses gritos homofóbicos não são entendidos como violentos pelos jornalistas ou comentaristas e por alguns estudiosos do futebol. Eles podem ser lidos como uma prática *saudável*, o que *dá graça, faz parte do futebol*. Em outras palavras, esses gritos parecem ser, de algum modo, *naturalizados*. (BANDEIRA, Gustavo. 2010. p.349, grifos do autor).

Tal percepção do autor se refere a algo que ocorria de fato, de um modo mais forte, mas que com o decorrer dos anos passou por mudanças, pois como já aqui já foi dito, regras contrárias à homofobia foram criadas por instituições esportivas, assim como a criminalização da homofobia, aprovada pelo Superior Tribunal Federal do Brasil em 2019. Com isso, surgiram mais movimentos, ações, novas punições e penalizações que fizeram com que a homofobia no futebol fosse percebida de forma destacada em meio ao sistema heteronormativo.

2.3 ARQUIBANCADAS HOMOFÓBICAS

Aqui serão abordados os atos homofóbicos realizados no futebol na arquibancada real e virtual, mostrando como a homofobia é atrelada ao discurso do ódio e humor.

Criadas para acomodar os torcedores e possibilitarem uma melhor visualização dos jogos, as arquibancadas possuem um amplo papel sociocultural e econômico no futebol. São lugares onde os torcedores se reúnem para manifestarem seus apoios em prol de seus clubes, e que possibilitam renda financeira aos clubes com a venda de ingressos amplamente procurados por torcedores para assistirem jogos nos estádios. Isso fez as arquibancadas se tornarem um ponto de encontro.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, marcadas pelo grande avanço tecnológico, as redes sociais digitais surgiram como novos espaços para as torcidas e clubes. Orkut, Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp são exemplos de redes sociais onde as pessoas formam grupos e páginas, com acesso ao compartilhamento de informações, notícias, comentários e etc. O ‘ponto de encontro’ que antes era apenas físico, tornou-se também virtual. Os atores sociais podem utilizar novos serviços, como publicação de textos, imagens e vídeos para expressarem seus sentimentos em relação aos times, torcidas, clubes de futebol, entre outros assuntos esportivos.

Tanto nos estádios quanto no ambiente virtual, as pessoas se conhecem e rivalizam de diferentes modos. O espetáculo cultural do futebol está presente em ambos. Na visão de Maurício Murad (2012, P.182), “é preciso ficar atento a toda rede que forma o espetáculo do futebol, porque a aglomeração é sempre grande, e os ânimos estão exaltados pela paixão, além de excitados pela multidão”. O autor refere-se à prática da violência em meio ao espetáculo nos estádios. Considera-se que este pensamento também pode ser utilizado para observar as redes sociais que agrega muitos torcedores unidos e aglomerados virtualmente.

Assim como existem grupos e páginas criados apenas para juntar torcedores e realizarem publicações de apoio para um mesmo time, além de provocações direcionadas aos

clubes adversários e rivais, existem grupos formados com o intuito de aglomerar torcedores de times diferentes, onde as pessoas provocam, inferiorizam e ofendem uns aos outros.

Ao levantar a questão da homofobia no futebol, é comprovado que as atitudes homofóbicas são frequentemente realizadas por torcedores com o intuito de humilhar e inferiorizar outras pessoas, dentro e fora dos estádios e nas redes sociais digitais (SOUSA, Milene. 2017). É uma violência naturalizada:

A homofobia é uma violência simbólica banalizada no futebol, detentora de foco por quem a pratica nesse ambiente esportivo, mas que ainda poucos percebem a atenção que cedem ao praticá-la e a violência simbólica ali inserida; A homofobia ocorre devido à forte heteronormatividade na sociedade ainda tão masculinizada e com altos índices de violência contra homossexuais. (SOUSA, Milene. p.80, 2017).

A rivalidade entre os clubes influencia na rivalidade entre as torcidas que exaltam seus clubes e inferiorizam os rivais. Muitos torcedores utilizam a homofobia para isso. Há uma sociabilidade homofóbica no futebol, com linguagens e costumes.

No Brasil, um exemplo de linguagem homofóbica é o ‘bambi’²⁵, em referência aos torcedores do São Paulo Futebol Clube (SP) que constantemente eram assim chamados devido o caso do jogador Richarlyson, que atuou no clube paulista entre 2005 e 2010. O atleta tornou-se alvo da homofobia após um dirigente do Palmeiras (SP) induzir que o jogador era gay²⁶. Outro exemplo é a atitude de torcedores nas arquibancadas gritarem “Bicha!” no exato momento em que o goleiro do time adversário cobrava o tiro de meta para repor a bola em campo e reiniciar o jogo. O intuito era desestabilizar o jogador e a atitude estava se tornando um costume dos torcedores nos estádios, até serem advertidos pela FIFA.

As ofensas não são apenas direcionadas a times e clubes rivais/adversários. Muitas pessoas quando estão insatisfeitas com alguém de seus times ou arbitragem, por exemplo, também realizam algum insulto, exemplificando a violência simbólica no futebol. São utilizados termos variados além dos já conhecidos que não são ditos apenas no futebol. Maurício Murad (2012) também aponta que a violência é banalizada e naturalizada. O autor diz:

Em resumo: a ideia que pode ficar é a de que não há conserto. Trata-se de uma verdade que vale para o futebol, e não somente para o futebol. Ela é aplicável a quase tudo. Portanto, para entender a violência *no* futebol, aquela que chamamos de *violência do público*, é preciso começar a compreender a violência que a precede – a *violência pública*. E esta, como já vimos, tem raízes culturais, sociais, históricas,

²⁵ Bambi é o nome de um filhote de cervo, personagem principal de um filme produzido pela Disney em 1942, baseado no livro “*Bambi – A Life in the Woods*”.

²⁶ “Richarlyson, de novo alvo de tormentas e ataques homofóbicos”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/09/deportes/1494343530_901105.html. Acesso em: 29/03/2020.

humanas. (MURAD, Maurício. 2012, p.12-13)

Em meio a essa sociabilidade homofóbica tão frequente, muitos atores sociais consideram expressões homofóbicas no futebol como algo normal e que não carece de repressão; argumentam que o torcedor tem o direito à liberdade de expressão, logo, não deve ser repreendido. Eis a questão do conflito entre a liberdade de expressão e o discurso do ódio, e as consequências sociais desse conflito. Segundo o pesquisador e advogado Alex Potiguar (2015, p.38), o discurso do ódio “esconde-se num pretense discurso de expressão de certas ideias, quando tem como objetivo principal ofender, atingir, gerar o dissenso, a discriminação e não o reconhecimento do outro. Ela torna-se uma forma discursiva do desrespeito”.

Em uma pesquisa e análise mais jurídica, Potiguar (2015) aborda a utilização da liberdade de expressão como forma de violência, ou seja, como um meio para a propagação do discurso do ódio, destacando o que a Constituição Federal de 1988 pontua no artigo 220 do capítulo V da Comunicação Social:

O artigo 220 da Constituição Federal declara que a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição. Percebe-se, portanto, que a Carta magna consigna como regra, a ampla defesa e proteção do direito fundamental à liberdade de expressão, e como exceção a sua restrição. (POTIGUAR, Alex. 2015, p.91)

Segundo Alex Potiguar (2015, p.93), para a liberdade de expressão não há nenhuma restrição indireta de grande importância na Constituição, e pontua que o artigo 220²⁷ restringe somente a liberdade de comunicação. O autor também ressalta:

No caso da liberdade de expressão é muito fácil verificar-se inúmeros casos em que ela pode entrar em antinomia com outros direitos fundamentais, tais quais a soberania popular, a cidadania, do pluralismo político, da dignidade da pessoa humana, da isonomia, do princípio da não discriminação, enfim. (POTIGUAR, Alex. 2015, p.93)

Tal antinomia em contraste com outros direitos está presente no futebol, pois como já foi dito, muitos atores sociais priorizam e dão mais importância ao direito da liberdade de expressão, mesmo que o discurso proferido seja ofensivo, violento e preconceituoso. A prática homofóbica é um exemplo do discurso do ódio no futebol.

O pensamento e as atitudes verbais discriminatórias e ofensivas realizadas e defendidas por muitos como liberdade de expressão, mostram como diversas pessoas confundem *liberdade* com *libertinagem* – que se refere ao uso errado da liberdade, rebeldia,

²⁷ Constituição Federal. Artigo 220. Disponível em: https://brasil.mylex.net/legislacao/constituicao-federal-cf-art220_10831.html. Acesso em: 16/07/2020.

irresponsabilidade.

Há bastante uso da homofobia junto ao humor realizado no futebol. As arquibancadas nas redes sociais digitais facilitaram a criação de charges e memes, o compartilhamento de áudios com músicas, cantos e imagens diversas de cunho homofóbico voltado para o riso. Há também páginas de humor com publicação de piadas envolvendo todos os times sem utilizar termos homofóbicos, porém, a homofobia surge nos comentários realizados nas publicações por torcedores que constantemente discutem e praticam ofensas entre si.

A sociabilidade homofóbica no futebol não é recente e fez com que pessoas contrárias ao preconceito e discriminação se agrupassem em prol da luta anti-homofóbica no ambiente esportivo. O futebol, mesmo diante do sistema heteronormativo e masculinizado, têm em sua história marcos da luta de torcedores contra a homofobia, tanto nos espaços físicos, quanto nos espaços digitais, assunto esse que será descrito a seguir, com amostras de casos da luta anti-homofóbica e do engajamento social realizados no futebol.

2.4 MARCOS CRONOLÓGICOS DO MOVIMENTO CONTRA A HOMOFOBIA NO FUTEBOL

Considerado como um importante registro, neste subcapítulo o presente trabalho aborda ações desenvolvidas no futebol contra a homofobia e a criminalização da homofobia no Brasil, ressaltando de modo cronológico a criação de torcidas e movimentos em prol da luta contra a homofobia, e quais medidas foram tomadas pela FIFA, Confederação Brasileira de Futebol, Superior Tribunal Federal do Brasil e o Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

Será exposto o que isso ocasionou no futebol brasileiro por parte dos clubes e torcidas, para então observar quais medidas foram tomadas pelos mesmos, evidenciando a formação de torcidas e movimentos, criminalização da homofobia e punições, campanhas e a manifestações oficiais dos clubes.

2.4.1 Formação de torcidas e movimentos.

Entre os diversos grupos formados no futebol, como times, equipes e torcidas, os grupos de grande destaque e rotineiramente vistos nos estádios são as Torcidas Organizadas. Chamadas de T.Os ou “Organizadas”, as torcidas são formadas por torcedores que, como o nome já diz, organizam-se com o objetivo de apoiar, torcer, acompanhar o time em todos os jogos, competições e campeonatos. Os membros escolhem um nome, uniformes e símbolos próprios para a T.O, e preparam cantos para entoarem nas arquibancadas.

Todos os clubes brasileiros possuem suas Torcidas Organizadas. As T.Os

exemplificam a sociabilidade conceituada por Simmel (1983). Os membros das torcidas criam laços com um time, existem por si mesmas, e difundem esse laço com outros torcedores que as acompanham, conhecem e entoam seus cantos de apoio e também provocações.

Casos de violência física entre torcidas organizadas de times rivais e adversários são comuns, já que diversos torcedores fanáticos ultrapassam o limite da rivalidade praticando a violência física. Devido a isso, diversas vezes as T.O.s são atreladas à imagem de perigo, agressão e violência. Deste modo, muitos atores sociais têm e mantêm o pensamento de que a maioria dos membros das torcidas são meliantes.

A homofobia é muito utilizada pelas T.O.s em seus cantos, ofensas e xingamentos para inferiorizar e humilhar times e torcedores rivais. No entanto, no Brasil também surgiram torcidas organizadas formadas por torcedores homossexuais em prol da causa e da luta LGBT no futebol, contra a violência, contra o preconceito e a discriminação que os homossexuais sofrem. São torcidas que seguiram o padrão de ir para as arquibancadas com seus cantos, faixas e bandeiras para torcer pelo clube e também demonstrar o movimento LGBT.

Também foram criadas torcidas organizadas e movimentos que não seguem esse padrão, mas mantêm perfis ou páginas nas redes sociais digitais. Os membros não vão para as arquibancadas se identificando como uma torcida organizada, mas utilizam a internet como 'arquibancada' para fazerem suas manifestações relacionadas aos clubes, ao movimento LGBT e à luta anti-homofóbica no futebol.

Destaca-se o engajamento social presente no futebol, que sempre se direcionou para diversas questões sociais, como as campanhas contra o racismo e esse engajamento social anti-homofóbico tão presente na sociedade brasileira e que alcançou o futebol, tendo em vista que a homofobia é uma prática de muitos torcedores.

As campanhas anti-homofóbicas no futebol passaram a ser realizadas, tendo como empecilho as pessoas que veem os atos homofóbicos de modo comum no futebol, como um elemento naturalizado, normal, fundamental, e não como um problema social. Mesmo assim, a resistência contra tais pensamentos e atitudes preconceituosas envolvendo a homofobia continuou, por muitas vezes com manifestações originadas por torcedores que têm o pensamento de que a homofobia não deve ser praticada no ambiente futebolístico.

Sendo assim, para mostrar como as campanhas são representadas, como aconteceram, qual a sua natureza, conflitos e enfrentamentos, até maio de 2020 foi realizado um levantamento numa linha de tempo que inclui doze (12) torcidas/movimentos criados por torcedores de clubes brasileiros, apresentadas a seguir de forma cronológica, de acordo com a data de fundação.

- **Coligay – 1977**

A primeira torcida formada por homossexuais no Brasil foi a Coligay. Para apoiar o Grêmio, clube de Porto Alegre (RS), a torcida foi criada em 10 de abril 1977 por Volmar, que era dono de uma boate chamada “Coliseu”, de onde originou o nome da torcida. O local era o ponto de encontro da torcida que inicialmente possuía 60 integrantes, e os torcedores que acompanhavam o Grêmio em jogos no interior gaúcho eram chamados de “Coliboyes”.

Figura 5 – Torcida Coligay do estádio Olímpico em 1979. Foto: Ricardo Chaves.



Fonte: Site O Globo (2019).

Os torcedores recebiam aula de caratê para se defenderem de ataques homofóbicos, foram rejeitados por dirigentes, jogadores e demais torcidas gremistas. Tais fatos exemplificam a precaução com a violência e o desprezo oriundos da homofobia. No entanto, os torcedores membros da Coligay continuaram frequentando a boate e os estádios, e usavam camisas e bandeiras do Grêmio.

A Coligay foi extinta em 1983. Em 2014 foi lançado o livro “Coligay: Tricolor de todas as cores”²⁸ escrito pelo jornalista Léo Gerchmann, que conta a história da torcida.

- **Flagay – 1979**

A Fla-gay foi uma torcida organizada do Flamengo (RJ), criada em 1979. A iniciativa para a criação da torcida partiu do carnavalesco Clóvis Bornay, que na verdade era torcedor do Botafogo (RJ). Clóvis convocou torcedores homossexuais do Flamengo para ir ao estádio Maracanã em um jogo do clube rubro-negro contra o Fluminense.

²⁸ Disponível em: http://www.libretos.com.br/index.php/loja-virtual?page=shop.product_details&flypage=flypage.tpl&product_id=155&category_id=49&vmcchk=1. Acesso em: 20/01/2020.

A torcida não foi bem aceita por outros torcedores que hostilizaram a Flagay. O jogo terminou com uma derrota do Flamengo por 3 a 0 e foi chamado de “praga da Flagay” pelo então presidente do Flamengo, Márcio Braga. O placar do jogo e a fala do presidente rechaçando a presença da torcida composta por homossexuais foi destaque na capa do Jornal dos Sports no Rio de Janeiro.

Figura 6 – Jornal dos Sports. 1979.



Fonte: Site Brasil de Fato (2019).

A Flagay terminou, mas em meados dos anos 90 foi reativada por Raimundo Pereira, torcedor flamenguista e ativista homossexual. Era composta por cerca de 100 torcedores. Em entrevista ao Portal EBC²⁹, Carlos Alberto Mignon, que fazia parte da torcida, ressaltou que o retorno da torcida tinha um intuito mais ativista, compareciam aos jogos, mas as pessoas demonstravam surpresa ao verem a Flagay, como se não devesse ir, mas a torcida não sofreu represálias.

Percebe-se que a Flagay pode não ter sofrido represálias nos anos 90, como diz Carlos Mignon. No entanto, os torcedores surpresos com a presença da torcida nos estádios logo demonstraram que a homossexualidade era algo mal vista no futebol. A homofobia estava presente e ativa, e isso impediu a continuidade da Flagay. A torcida terminou novamente, houve uma nova tentativa de retorno em 2003, mas diante da contrariedade de outros torcedores flamenguistas e da própria diretoria do clube, o retorno não ocorreu.

A Flagay, assim como a Coligay, é uma torcida que pode ser considerada um ícone de grande importância na história do futebol brasileiro. Mesmo extintas, as duas torcidas deixaram um legado fundamental para o engajamento social em prol da causa anti-homofóbica no futebol.

²⁹ Antes da internet, torcedores de Grêmio e Flamengo já criaram torcidas para combater a homofobia. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/torcedores-do-gremio/2013/04/torcedores-de-gremio-e-flamengo-ja-criaram-organizadas-para-combater-a>. Acesso em: 08/04/2020.

- **Gaiivotas Fiéis – 2013**

Figura 7 – Símbolos das torcidas organizadas Gaviões da Fiel e Gaiivotas Fiéis.



Fonte: Site Máquina do Esporte (2019).

Em 2013 o jornalista Felipe Campos fundou a torcida organizada gay do Corinthians (SP), chamada Gaiivotas Fiéis. Segundo o fundador, o nome escolhido foi para brincar com a Gaviões da Fiel, considerada a maior Torcida Organizada corintiana.

A brincadeira foi evidenciada no símbolo da Gaiivotas Fiéis, bem semelhante ao da Gaviões da Fiel, expondo uma bandeira arco-íris, símbolo do movimento LGBT. Em outubro de 2013, a Gaiivotas Fiéis foi acusada de plágio e processada³⁰ pela Gaviões da Fiel para impedir a torcida gay de usar como símbolo o nome e o logotipo semelhante ao da Gaviões.

- **Palmeiras Livre – 2013**

Criado em 2013 por torcedores do Palmeiras (SP), o Palmeiras Livre se descreveu como um “Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância” em sua página oficial³¹ no Facebook, criada no dia 13 de abril de 2013.

A fundação do Palmeiras Livre demonstrou que além de torcidas organizadas, movimentos foram criados por torcedores homossexuais e que as redes sociais digitais serviram de base e espaço para isso.

³⁰ “Gaviões da Fiel processa Gaiivotas Fiéis por plágio”. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/gavioes-da-fiel-processa-gaiivotas-fieis-por-plagio-16052014>. Acesso em: 14/04/2020.

³¹ Página Palmeiras Livre. Disponível em: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/>. Acesso em 09/04/2020.

Figura 8 – Símbolo do Palmeiras Livre.



Fonte: Fanpage Palmeiras Livre (2020).

A página do movimento é utilizada para a realização de inúmeras publicações referentes aos assuntos ressaltados na descrição da página além da homofobia. A discriminação racial e indígena; racismo, violência e política são alguns desses assuntos. O movimento tem como foco a anti-homofobia e aborda outras questões sociais.

- **Galo Queer** – 2015

O Galo Queer é mais um exemplo de movimento, desta vez formado por torcedores do Atlético Mineiro (MG) em 2015.

Figura 9 – Símbolo do movimento Galo Queer e o escudo do Clube Atlético Mineiro.



Fonte: Fanpage Galo Queer (2020).

Em sua página oficial³² no Facebook, foi destacado que o “Galo Queer é o movimento

³² Página Galo Queer. Disponível em: <https://www.facebook.com/Galo-Queer-941232029242434/>. Acesso em:

anti-homofobia e anti-sexismo no futebol dos torcedores do Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância”.

A página do Galo Queer foi criada em 3 de maio de 2015, com a realização de publicações que abordam a homofobia e o futebol feminino, destacando o comprometimento anti-homofóbico e a busca pela valorização da presença feminina no futebol, visto que as mulheres acompanham rotineiramente o futebol de diversas formas.

- **Colorido/Orgulho Vermelho – 2019**

Criada em maio de 2019, a Colorido³³ é uma torcida organizada do Internacional, clube de Porto Alegre (RS) e maior rival do Grêmio. A torcida foi formada por torcedores que se uniram em prol da causa LGBT para diminuir a discriminação no futebol, e a torcida Coligay serviu de inspiração para a criação da Colorido. O nome da torcida foi escolhido em alusão ao termo “Colorado”, como é denominado o torcedor do Internacional.

Em agosto de 2019, a torcida mudou o nome para Orgulho Vermelho³⁴ após receber ameaças por desagradar torcedores contrários à torcida formada por homossexuais. Por tal motivo, os membros da torcida mantiveram a formação da Orgulho Vermelho, sem frequentar os estádios se identificando como torcida organizada LGBT, e sem utilizar uniformes, bandeiras, cantos e símbolos próprios.

Figura 10 – Símbolo da torcida Orgulho Vermelho.



Fonte: Fanpage Orgulho Vermelho (2020)

09/04/2020.

³³ Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/04/coloridos-torcida-inter>; Acesso em: 09/04/2020.

³⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/08/torcida-lgbt-troca-de-nome-apos-ameaca-e-segue-inter-no-estadio.shtml>. Acesso em: 09/04/2020.

As ameaças à Orgulho Vermelho são exemplos de atitudes homofóbicas de torcedores que rejeitam os homossexuais; o desejo de não atrelar o Internacional e os torcedores do clube aos símbolos e causas homossexuais devido a criação da torcida organizada Orgulho Vermelho.

Por fim, a torcida tomou como foco a luta em prol da causa e democratização LGBT no futebol, utilizando a internet para isso. Em sua página oficial no Facebook, “Coletivo Orgulho Vermelho”³⁵, as publicações abordam a criminalização da homofobia, a violência contra homossexuais, o futebol feminino e mensagens de apoio à causa anti-homofóbica.

- **Torcida LGBTricolor – 2019**

A LGBTricolor³⁶ é uma torcida organizada do Bahia (BA). Criada em outubro de 2019, a torcida recebeu o apoio do próprio clube para a sua existência e continuidade, fazendo com que a LGBTricolor ganhasse maior destaque e alcance entre os torcedores.

O fundador da torcida é Onã Rudá, estudante de jornalismo, militante anti-racista e LGBT. Uma foto de Onã junto ao então presidente do Bahia, Guilherm Bellitani, que demonstrou apoio³⁷ à LGBTricolor, mostrava ambos segurando a bandeira arco-íris, símbolo do movimento LGBT. A imagem viralizou na internet, e atraiu novos torcedores para a torcida.

Figura 11 – Símbolo da Torcida LGBTricolor



Fonte: Twitter Torcida LGBTricolor. (2020)

³⁵ Página Coletivo Orgulho Vermelho. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoOV/>. Acesso em: 09/04/2020.

³⁶ Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/10/bahia-tera-a-lgbtricolor-torcida-organizada-voltada-ao-publico-lgbtqi>. Acesso em: 09/04/2020.

³⁷ Disponível em: <http://www.pnoticias.com.br/noticia/esportes/229666-torcida-lgbtricolor-sera-lancada-com-missao-de-incluir-quebrar-tabu-e-apoiar-o-bahia>. Acesso em: 05/07/2020.

Em dezembro de 2019 a LGBTricolor anunciou em suas redes sociais o lançamento da camisa³⁸ LGBT para apoiar o Bahia, e a ideia também teve apoio do clube. A mensagem repassada foi que a “iniciativa busca envolver e aproximar do clube cada vez mais os seus torcedores LGTs”.

Figura 12 – Anúncio do lançamento da camisa LGBT do Bahia.



Fonte: Twitter Torcida LGBTricolor (2020).

A formação da Torcida LGBTricolor mostrou novos traços. O apoio recebido pelo Bahia, e a imagem do presidente do clube demonstrando o apoio são relevantes na história da anti-homofobia no futebol, tendo em vista que torcidas e movimentos anteriores foram rejeitados por serem criados e relacionarem os símbolos do clube aos símbolos do movimento LGBT.

- **Orgulho Rubro Negro – 2019**

Criada no dia 29 de dezembro de 2019, a Orgulho Rubro Negro é um movimento formado por torcedores do Esporte Clube Vitória (BA), e utiliza as redes sociais para publicações referentes ao Vitória, à causa LGBT e propagação da anti-homofobia.

³⁸ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/12/bahia-apoia-e-torcida-lanca-camisa-lgbt-para-o-tricolor/>. Acesso em: 09/04/2020.

O movimento utilizou o Twitter para informar a sua criação. Em uma publicação³⁹ foi ressaltado que “A torcida Orgulho Rubro Negro é um movimento de torcedorxs LGBTQI+ do Esporte Clube Vitória que quer inclusão e ocupar o espaço do Barradão, sem preconceito e sem piadinhas homofóbicas!”.

Figura 13 – Símbolo da torcida Orgulho Rubro Negro



Fonte: Twitter Orgulho Rubro Negro (2020).

O Vitória é o principal rival do Bahia. A divulgação da torcida teve o apoio da Torcida LGBTricolor, que compartilhou a publicação da Orgulho Rubro Negro para divulgar a criação do movimento. Ao compartilhar, a LGBTricolor comentou que “Os vices estão se organizando também! Sempre na vice posição, mas por uma causa justa! Hehehehe”⁴⁰.

Percebe-se que ao ajudar a divulgação da torcida do time rival, a torcida do Bahia não perdeu a oportunidade de zoar ao chamar a torcida do Vitória de vice, já que a Orgulho Rubro Negro foi criada dois meses após a fundação da LGBTricolor. No entanto, a própria torcida ressalta que a criação da torcida do Vitória é por uma causa justa, prestando assim o seu apoio.

- **Maria de Minas – 2019**

Formada por torcedores do Cruzeiro (MG), a Marias de Minas⁴¹ é uma torcida organizada criada em 2019. A iniciativa partiu de Yuri Souza, torcedor cruzeirense fundador da torcida.

Em um trecho de sua primeira publicação em seu perfil no Instagram, a torcida

³⁹ Disponível em: <https://twitter.com/priderubro/status/1211399701234368513>. Acesso em: 09/04/2020.

⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/lgbtricolor/status/1211407572835680259>. Acesso em: 09/04/2020.

⁴¹ Disponível em: <https://bhaz.com.br/2019/11/21/marias-minas-torcida-lgbt/>. Acesso em: 09/04/2020.

ressaltou que: “O amor pelo Cruzeiro nos uniu e a nossa luta por espaço, respeito e inclusão nos mantém conectados e fortes. A ideia de uma torcida LGBTQI+ não é segregar, mas sim trazer visibilidade a um meio que nos excluiu primeiro”⁴².

Figura 14 – Símbolo da torcida Maria de Minas.



Fonte: Instagram Maria de Minas (2020).

A torcida utiliza as redes sociais para publicações referentes ao Cruzeiro, à causa anti-homofóbica, e ressalta em seu perfil oficial no Twitter que a torcida é um “Coletivo de torcedores LGBTQIA+ do Cruzeiro. Pela democracia nas arquibancada”.

- **Porcoíris – 2019**

Figura 15 – Perfil da Torcida Porcoíris no Twitter.



Fonte: Twitter Porcoíris (2020).

⁴² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4-8kOOoN7U/>. Acesso em: 09/04/2020.

O Porcoíris⁴³ também é um movimento, desta vez formado por torcedores do Palmeiras (SP), e relacionado à luta pela visibilidade Palestrina LGBTQIA+.

O nome do movimento refere-se ao porco, animal considerado como mascote do clube, e às cores da bandeira símbolo do movimento LGBT. Seu perfil no Twitter foi criado em julho de 2019, e em sua descrição destaca “Luta pela visibilidade Palestrina LGBTQIA+! Um toque de resenha! ...e humor, também!”. As publicações abordam o cotidiano do futebol palmeirense, informações e notícias sobre o clube; futebol feminino, preconceito, racismo e homofobia.

- **Atlético LGBTQ - 2019**

O Atlético LGBTQ⁴⁴ é o movimento formado por torcedores do Atlético Paranaense (PR). Seu perfil no Twitter foi criado em outubro de 2019, ressaltando as cores da bandeira LGBT, e a frase “Uma torcida gigante é naturalmente plural” na capa do perfil.

Figura 16 – Perfil Atlético LGBTQ no Twitter.



Fonte: Twitter Atlético LGBTQ (2020).

As publicações compartilham notícias e informações sobre o clube, com gifs e memes voltados para o humor, além das postagens em prol da luta contra atos homofóbicos. O movimento diz na descrição do perfil que o “O @AthleticoPR é de todos/as! Somos LGBTQs e torcedores/as apaixonados/as pelo Club Athletico Paranaense!”.

⁴³ Disponível em: <https://twitter.com/Porcoris1>. Acesso em: 09/04/2020.

⁴⁴ Atlético LGBTQ Disponível em: <https://twitter.com/AthleticoLGBTQ>. Acesso em: 09/04/2020.

- **Fiel LGBT - 2019**

A Fiel LGBT é uma torcida organizada do Corinthians. O nome da torcida se origina do fato de que tradicionalmente o termo “fiel” é usado para denominar toda a torcida corintiana.

Figura 17 – Perfil da Torcida Organizada Fiel LGBT.



Fonte: Twitter FielLGBT (2020).

Presente nas redes sociais, a Fiel LGBT possui um perfil⁴⁵ no Twitter, criado em dezembro de 2019, onde compartilha textos, imagens e vídeos sobre o Corinthians, informações e compartilhamentos de outras torcidas e movimentos voltados à anti-homofobia.

2.4.2 Criminalização da homofobia e punições

Observando a formação e as características de todas as torcidas e movimentos aqui citados, nota-se que a maioria foi criada em 2019 e utiliza as redes sociais para se manifestar. Provavelmente é um efeito da criminalização da homofobia, aprovada no Brasil pelo Superior Tribunal Federal (STF) em 2019, e que teve suas consequências no futebol.

Em junho de 2019 o Superior Tribunal Federal (STF) aprovou a criminalização⁴⁶ da homofobia. Por 8 votos a 3, as condutas preconceituosas relacionadas à orientação sexual foram enquadradas na lei de racismo, pelo fato de ainda não haver a lei para crime de homofobia.

Foi determinado que a criminalização não afeta a liberdade religiosa a fiéis e ministros,

⁴⁵ Fiel LGBT. Disponível em: <https://twitter.com/FielLGBT>. Acesso em: 14/05/2020.

⁴⁶ Teses da Criminalização da Homofobia. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-13/leia-tese-definida-stf-criminalizacao-homofobia> e <https://www.conjur.com.br/dl/teses-stf-criminalizacao-homofobia1.pdf>. Acesso em: 29/12/2019.

desde que não haja discursos de ódio que incitem a discriminação, a hostilidade ou a violência contra pessoas em razão de sua orientação sexual ou de sua identidade de gênero.

Diante disso, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) anunciou o envio de um ofício a clubes, federações e árbitros, comunicando que haverá punições, multas e perdas de pontos a clubes, caso seus torcedores entoem cantos ou gritos homofóbicos nos estádios. Paulo César Salomão Filho, então presidente do STJD, enunciou:

“O tribunal está atento a essa questão. Em um primeiro momento, vamos exercer um papel pedagógico. O objetivo nunca foi e nunca será punir ninguém. E, sim, melhorar o espetáculo. O campo de futebol não é uma terra sem lei. Pelo contrário, é um lugar que tem de ser lúdico para que as pessoas possam se divertir e possam levar as suas famílias sem violência e atos discriminatórios e homofóbicos” (CÉSAR, Paulo. 2019).⁴⁷

Tal medida do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) também é um efeito reforçado pelas punições e multas que a Confederação Brasileira de Futebol recebeu devido atitudes homofóbicas de torcedores em jogos eliminatórios da Copa do Mundo 2018, e no jogo entre Brasil e Bolívia na estreia da Copa América em 2018: Torcedores brasileiros gritaram “Bicha” ao goleiro boliviano Carlos Lampe. As atitudes foram realizadas durante os lances de tiro de meta, quando o goleiro fazia reposição de bola ao jogo. Por esse motivo, a Confederação Sul-americana de Futebol (Conmebol ou CSF) puniu⁴⁸ a CBF em 15 mil dólares.

2.4.3 Movimentos e campanhas de clubes

Considerando as medidas realizadas pelo STF, STJD, FIFA e Confederações, além de campanhas e movimentos anti-homofóbicos já realizados por torcedores e atores sociais diversos fora do contexto do futebol, alguns clubes brasileiros realizaram manifestações e campanhas anti-homofóbicas em 2019. Eis aqui três exemplos de campanhas realizadas por diferentes clubes. São campanhas que receberam atenção de muitos torcedores e da mídia esportiva diante da iniciativa dos clubes em se posicionarem em prol da luta anti-homofóbica:

- **Rio Claro FC – 2017**

Antes da criminalização da homofobia em 2019, o Rio Claro FC, clube do interior de

⁴⁷ Futebol punirá cantos homofóbicos após Copa América, e presidente avisa: “Futebol não é terra sem lei”. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/futebol/noticia/stjd-punira-cantos-homofobicos-apos-copa-america-e-presidente-avisa-futebol-nao-e-terra-sem-lei.ghtml>. Acesso em: 29/12/2019.

⁴⁸ CBF é punida financeiramente por gritos homofóbicos contra a Bolívia: <https://www.lance.com.br/selecao-brasileira/cbf-punida-financeiramente-por-gritos-homofobicos-contra-bolivia.html>. Acesso em: 29/12/2019.

São Paulo, fez uma publicação contra a homofobia em 2017.

Figura 18 – Imagem publicada pelo Rio Claro FC no Facebook.



Fonte: Fanpage Rio Claro FC (2020).

Na página oficial do clube, foi realizada a postagem⁴⁹ de uma imagem com as cores da bandeira LGBT e com o texto “A comunidade LGBT é bem-vinda no estádio do Rio Claro FC!”. Na legenda da imagem, o clube dizia “Não, não temos medo da sua homofobia disfarçada de zoeira”.

A atitude do clube está entre as primeiras manifestações oficiais oriundos de clubes, e chamou atenção de outros torcedores brasileiros.

- **Diga Não à homofobia! – 2019**

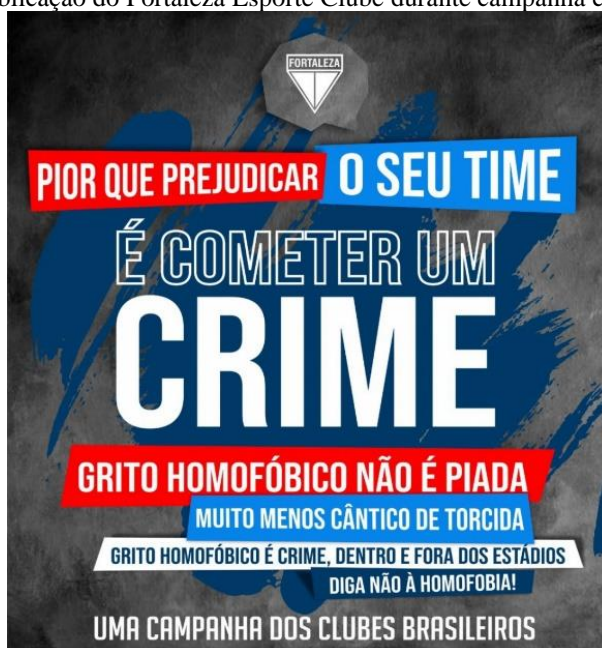
No dia 30 de agosto de 2019, os 20 clubes que integravam a série A do Campeonato Brasileiro realizaram uma campanha anti-homofóbica. Em suas contas oficiais nas redes sociais digitais, os clubes fizeram uma publicação conjunta de uma mesma imagem, alterada apenas pelas cores e escudos dos clubes.

Os clubes especificaram que a campanha era de clubes brasileiros, e nas imagens publicadas, a mensagem era a mesma: “Pior que prejudicar seu time é cometer um crime. Grito homofóbico não é piada, muito menos cântico de torcida. Grito homofóbico é crime, dentro e fora dos estádios. Diga não à homofobia!”. Diante de suas características, como a mensagem repassada e por ser feito de modo conjunto e não exclusivamente por um único clube, a campanha surpreendeu muitas pessoas por ser algo inédito no futebol.

⁴⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/rioclarofc/photos/a.314500831921512.71358.221818031189793/1343760942328824/?type=3>. Acesso em: 29/12/2019.

Figura 19 – Publicação do Fortaleza Esporte Clube durante campanha contra homofobia.

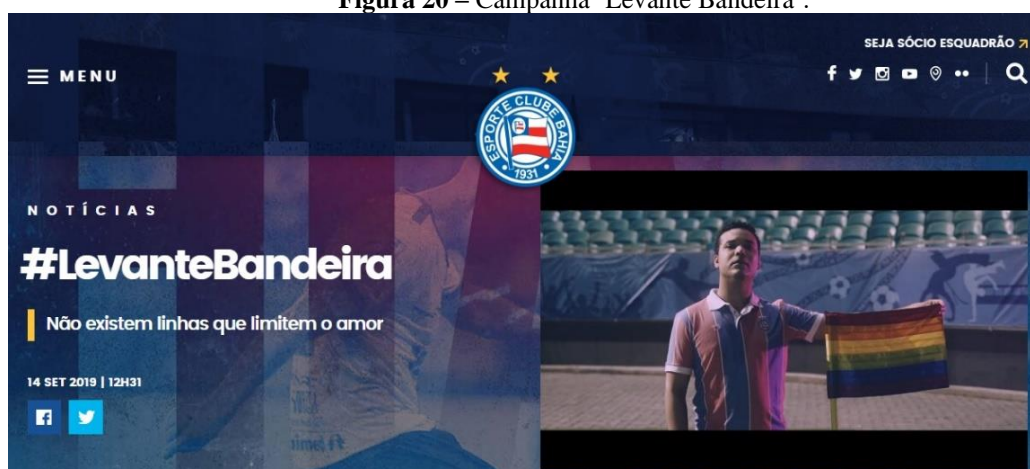


Fonte: Instagram Fortaleza Esporte Clube (2020).

Muitos torcedores, jornalistas, dirigentes, entre outros atores sociais elogiaram a iniciativa e realização, que foi amplamente divulgada e compartilhada em sites da grande mídia. Serviu de incentivo para que outros clubes fizessem publicações semelhantes. A campanha surpreendeu, foi elogiada, mas também desagradou muitos torcedores que mantinham/mantêm o pensamento de que a homofobia faz parte do futebol.

- **Bahia – #LevanteBandeira – 2019**

Figura 20 – Campanha ‘Levante Bandeira’.



Fonte: Site Esporte Clube Bahia (2019)

Em 2019, o Esporte Clube Bahia (BA) fez uma campanha anti-homofóbica. Intitulada “Levante Bandeira”, a campanha foi divulgada no site do clube, junto a uma foto e um vídeo

que mostrou um torcedor tricolor homossexual segurando a bandeira de escanteio do estádio, com uma bandeira LGBT.

O futebol, como reflexo da sociedade, revela seus sentidos e sentimentos. Diversas camadas de compreensão nos conduzem à conclusão de que futebol e sociedade se misturam. Portanto, não há equívoco em compreender nossas virtudes, limitações e desafios sociais a partir do futebol. No panorama social, a homofobia nos estádios é apenas uma pequena expressão do que acontece fora deles. A homofobia mata, oprime, deprime e provoca muitas feridas. Talvez essa realidade explique o afastamento das pessoas LGBTQI do ambiente do futebol. O Bahia veste três cores, mas está ao lado de todas as outras. Respeitamos as regras, mas ignoramos as linhas, os limites... É preciso dar um passo à frente, evoluir e conviver em sinergia. Não é uma questão de pontos a mais ou a menos. É um propósito de igualdade, amor e vida. Manifestemos isso. (Esporte Clube Bahia. 2019).

Além do vídeo e da publicação em seu site, o Bahia levou o movimento #LevanteABandeira para o estádio ao colocar o arco-íris nas bandeiras da Arena Fonte Nova, estádio onde o clube realiza seus jogos. O ato ocorreu no jogo Bahia x Fortaleza realizado em setembro de 2019, na Série A do Campeonato Brasileiro de 2019.

Figura 21 – Estádio Fonte Nova.



Fonte: Site Hypeness.

Tais exemplos de torcidas e movimentos aqui listados mostram como a criação foi crescente e as campanhas anti-homofóbicas no futebol tornaram-se mais vistas e alvo de atenção por parte dos torcedores e clubes. No futebol brasileiro foram vistos mais atos e cenas anti-homofóbicas, como as bandeiras de arco-íris em campo, e novos símbolos que associam a causa LGBT aos clubes e torcidas do país.

Ressalta-se a força da relação das torcidas com os seus clubes e as redes sociais. Tanto héteros quanto homossexuais são torcedores, nutrem sentimentos por um clube, e utilizam as redes sociais para evidenciar e buscar o direito de torcer com maior respeito e menos preconceito. É um novo contexto de uma causa que não é recente. É a continuidade de uma luta que começou em décadas passadas, atualmente sendo mais reconhecida e respeitada pela mídia e pelos tribunais com a criminalização da homofobia, que por sua vez ajudou a reforçar a causa LGBT no futebol, configurando o engajamento social anti-homofóbico.

3 FUTEBOL PARAENSE: DISCUSSÕES SOBRE CONFLITO ENTRE REMO E PAYSANDU

Neste capítulo haverá uma breve abordagem sobre a história do futebol paraense, tendo como foco o Clube do Remo e Paysandu Sport Club, mostrando como ambos fizeram com que o futebol se tornasse um espetáculo cultural no Pará, ressaltando as manifestações e expressões tradicionais no futebol paraense envolvendo ambos os clubes. No mais, será abordada a questão da rivalidade entre os clubes e suas torcidas, o enfrentamento das mesmas utilizando a homofobia para xingamentos e humilhações rotineiras no contexto do RexPa, com imagens, termos e cantos de cunho homofóbico por parte de bicolores e azulinos.

3.1 DISCUSSÕES SOBRE A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DE REMO E PAYSANDU NA AMAZÔNIA

Fundados nas primeiras décadas do século XX, Remo⁵⁰ e Paysandu⁵¹ são clubes da capital paraense que atualmente detêm um grande foco por parte da comunicação, seja midiática, literária, artística, e principalmente por parte dos atores sociais que, no decorrer dos anos, os fizeram crescer e ter maior representatividade esportiva na Amazônia. São clubes rivais no futebol, e que atualmente estão além de clubes esportivos, pois possuem um grande número de torcedores e a rivalidade, algo que ultrapassou as ‘quatro linhas’ e arquibancadas, chegando à cultura e à sociabilidade paraense.

Remo x Paysandu é o clássico de futebol mais disputado do mundo, com mais de 750 jogos⁵², denominado como “Clássico Rei da Amazônia”. O Leão e o Papão – como não chamados constantemente pelas pessoas – estão entre os clubes com maiores torcidas⁵³ no Brasil, fazendo com que a rivalidade seja mais vista entre os torcedores azulinos e bicolores, e os jogos entre Remo e Paysandu sejam os mais aguardados no campeonato paraense.

Outros clubes paraenses, como a Tuna Luso Brasileira, Águia de Marabá, Cameté, Independente, São Raimundo, São Francisco e etc, são vistos como coadjuvantes diante de Remo e Paysandu, que além de protagonizarem uma rivalidade, são protagonistas do futebol paraense, considerando que ambos são os clubes que mais possuem títulos, torcida, publicidade e foco por parte jornalismo esportivo local e regional.

⁵⁰ O Clube do Remo foi fundado em 5 de fevereiro de 1905 com o nome de ‘Grupo do Remo’. Foi instinto em 1908, reorganizado em 1911, e rebatizado como ‘Clube do Remo’ em 1914.

⁵¹ Paysandu Sport Club foi fundado em 2 de fevereiro de 1914 por antigos membros do já extinto Norte Club.

⁵² O jogo 753º jogo foi realizado em 08 de março de 2020. Remo 1 x 1 Paysandu.

⁵³ Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/pesquisa-da-pluri-aponta-6-clubes-do-nordeste-com-torcidas-acima-de-1-milhao/> e <https://www.diarioonline.com.br/esporte/esporte-para/560797/ranking-coloca-remo-entre-as-20-maiores-torcidas-do-brasil-papao-e-22>. Acesso em: 27/03/2020.

Autores como Ferreira da Costa (2015), Expedito Leal (2013), Itamar Gaudêncio (2007), Rui Dória Neto, Delson Mendes e Ernesto Cruz são alguns autores responsáveis por produções literárias e acadêmicas que abordam o futebol paraense, destacando marcos históricos, identitários, culturais e sociais de cada clube e do conhecido Re-Pa, ‘sigla de respeito que reflete uma paixão exasperada das torcidas de Remo e Paysandu’ (LEAL, Expedito. 2013, p.9).

A rivalidade, o torcer por Remo ou Paysandu tornou-se um espetáculo cultural no futebol paraense. Há palavras, cantos, números, gestos, cores, siglas, costumes e outras singularidades derivadas dos clubes e da rivalidade que se inseriram no contexto sociocultural do futebol paraense. Os chamados ‘Papão da Curuzu’ e ‘Leão Azul’ protagonizam isso.

A pergunta “Você é Remo ou Paysandu?” é comum. A proximidade entre os estádios dos clubes, localizadas em lados diferentes da Avenida Almirante Barroso em Belém, faz com que a palavra “Atravessar” tenha outro sentido quando um jogador deixa de jogar em um dos clubes para jogar no clube rival. Em relação às festas fora dos estádios, servem de exemplos as tradicionais festas de aparelhagem que ocorrem no Pará, com músicas tecnobregas e bregas tecnomelody onde os DJs geralmente dizem “Cadê a galera do Papão?” e “Cadê a galera do Leão?” para os torcedores presentes se manifestarem com gritos e elevarem as mãos.

Os clubes também já foram temas de carnaval. “Das águas do Guajará, às terras do Grão-Pará – Clube do Remo, cem anos de tradição e Glória” e “Da paixão secular a ícone bicolor, um marco a celebrar. Em uníssono uma história a perpetuar” são sambas-enredos criados pelo Rancho Não Posso me Amofiná, escola de samba de Belém, para o carnaval de 2005 e 2014 respectivamente, quando os clubes completaram cem anos. Em 2015, o samba-enredo “Re-Pa: o clássico rei da Amazônia” foi criado pela escola de samba Império do Povo, em Macapá (AP), que abordou a rivalidade dos clubes paraenses em seu desfile de carnaval.

Direcionando-se então para o campo virtual, não é difícil imaginar o quanto essa rivalidade está presente, com os torcedores tendo a possibilidade de criarem suas contas e perfis pessoais, além de páginas e grupos específicos.

Nas redes sociais digitais, há inúmeras páginas voltadas para o futebol paraense em geral; perfis oficiais e alternativos com informações sobre os clubes, e outros perfis voltados para publicações de zoeiras, dando seguimento ao diálogo, compartilhamento, interação, informação e rivalidade.

Nesse contexto, toma-se como exemplo o Futebol Zueiro PA⁵⁴. Criado no Twitter em

⁵⁴ Perfil do Futebol Zueiro PA no Twitter: <https://twitter.com/FutebolZueiroPA>. Acesso em: 17/05/2020.

março de 2014, suas publicações não são direcionadas somente a um clube paraense, nem somente ao Re-Pa. Diariamente compartilha textos, imagens e vídeos com informações, comentários e zoeiras, como o próprio nome já diz. O Futebol Zueiro PA realiza piadas com os clubes, times, jogadores, dirigentes, técnicos, torcedores, programas esportivos e jornalistas, além de interagir com seguidores que geralmente são torcedores, jornalistas, entre outros atores sociais que gostam das piadas ou ficam insatisfeitos com as zoeiras quando o perfil faz publicações referentes a algum clube.

Tais fatos mostram como os clubes rivais fazem parte do cotidiano paraense, e não limitam-se mais às arquibancadas dos estádios. O espetáculo cultural do futebol paraense está dentro e fora dos estádios, com os torcedores sempre se manifestando em prol de seus clubes de maneiras mais diversas. Remo e Paysandu serviram se base para isso, e atualmente continuam exercendo grande influência no futebol paraense e nos costumes futebolísticos que ainda se centram em ambos os clubes e suas torcidas.

3.2 ‘GAYMISTAS’ X ‘GAYSANDUS’: A HOMOFOBIA ENTRE AZULINOS E BICOLORS

Uma ideia corriqueira que muitas pessoas têm é a de que o Remo não vive sem o Paysandu, e que o Paysandu não vive sem o Remo. O autor paraense Expedito Leal (2013) traz uma importante reflexão sobre os adversários e a rivalidade entre azulinos e bicolors:

Tudo o que envolve o futebol paraense insere, necessariamente, tanto um como o outro adversário. Um está para o outro na razão direta da sua importância e da sua grandeza. E até mesmo as duas grandiosas e fanáticas torcidas admitem que ambos se completam, apesar da animosidade peculiar aos antagonistas, em quaisquer circunstâncias. É dessa rivalidade, às vezes até insensata, que se nutre o próprio futebol paraense, em uma espécie de necessidade vital para a sua sobrevivência e amplitude valorativa. (LEAL, Expedito. 2013, p.10).

Esta é uma afirmativa mais ampla da ideia de que Remo e Paysandu não seriam o que são atualmente sem a presença do adversário e da rivalidade. A grande disputa no futebol fez com que a dimensão sociocultural dos clubes aumentasse, o número de torcedores crescesse. A rivalidade está além dos estádios, é levada pelo torcedor que busca enaltecer o clube que ama e inferiorizar o clube rival. Há características singulares em cada clube, que sempre são associadas um ao outro pela rivalidade.

Aqui então observa-se a ‘animosidade peculiar aos antagonistas, em quaisquer circunstâncias’ e da ‘rivalidade, às vezes insensata’, citadas por Expedito Leal (2013, p.10). Antagonismo e insensatez são frequentes nas torcidas de Remo e Paysandu e demais torcidas

que nutrem o fanatismo, incentivados pelo futebol em si e por outros fatores, como os *rakings* que mostram o número de torcedores e a média de público nos estádios. Além disso, marcos históricos (placar de jogos, títulos, ídolos, entre outras conquistas e derrotas) sempre são lembrados; são fatores que incentivam as torcidas a se enfrentarem de modo verbal, físico e virtual, e que em muitos casos geram a violência.

A princípio, a linguagem é um dos principais exemplos desse enfrentamento. Há termos, frases e números utilizados por torcedores para provocar e inferiorizar o rival. No contexto de Remo x Paysandu, os azulinos sempre ressaltam o ‘Tabu 33’ para lembrar o número de jogos que ficaram sem perder para o Paysandu entre os anos de 1993 e 1997. Por diversas vezes, os torcedores do Remo contam de 1 até 33 para torcida bicolor ouvir. Há também o ‘Salgueiraço’, termo criado em referência à derrota do Paysandu para o Salgueiro (PE) no estádio da Curuzu em 2010. O time pernambucano venceu de virada por 3 a 2, eliminou o Paysandu da Série C e tirou o possível acesso dos bicolores para a Série B do Campeonato Brasileiro. Outro exemplo bem comum é ‘Mucura’, o conhecido gambá da Amazônia. Os torcedores do Remo denominam o Paysandu e a torcida bicolor como ‘mucuras’.

Por sua vez, os torcedores do Paysandu costumeiramente ressaltam o emblemático número 7, pois a maior goleada em um jogo contra o Remo ocorreu em 1945 com o placar final de 7 a 0 para o time bicolor. ‘Cuiabaço’ também é um termo criado em referência à derrota do Remo para o Cuiabá (MT), com o placar de 5 a 1 em um jogo que fez com que o Remo perdesse o título de campeão da Copa Verde 2015. Outra definição utilizada é o ‘Sem divisão’, referente ao período em que o Remo ficou sem divisão no campeonato brasileiro após ser rebaixado na Série C em 2008. Em 2009 o clube azulino não conseguiu uma vaga para disputar a série D e retornou somente em 2010 após conseguir uma vaga. Nos jogos, a torcida bicolor gritava “Sem divisão! Sem divisão!” para zoar os azulinos.

Tais exemplos mostram como tudo é ligado ao contexto histórico de Remo, Paysandu e da rivalidade que protagonizam. No entanto, há muitos outros que demonstram como a insensatez e o antagonismo juntos ao fanatismo fazem com que isso exceda. Ofensas, xingamentos e preconceitos, como o racismo e a homofobia, são elementos do enfrentamento entre torcedores.

A homofobia é frequente no ambiente futebolístico paraense, tanto no campo real, quanto nas redes sociais digitais (SOUSA, Milene. 2017). Os cantos das torcidas exemplificam isso, pois diversas vezes foram entoados dentro e fora dos estádios, e compartilhados em vídeo e áudio nas redes sociais. Eis alguns exemplos:

“Quer dar cu? Quer dar cu? Torce pro Leão azul!”

“Da Amazônia és rainha e não o rei. O Leão é gay!”

“ÔÔÔ, todo veado que eu conheço é bicolor!”

“Uma listra branca, outra listra azul, essas são as cores do Papão da Cu, da Cu...”

Para o desenvolvimento do trabalho “Arquibancadas homofóbicas na internet: uma análise da violência simbólica entre torcidas na internet” (SOUSA, Milene. 2017), a convivência com o futebol paraense, de modo pessoal e empírico, junto à fundamentação teórica, foi imprescindível para acompanhar o contexto da rivalidade e a sociabilidade entre torcedores; para constatar que de fato a homofobia é um preconceito muito frequente no futebol paraense:

No futebol, nota-se com os torcedores criam novos termos, incluem as palavras ‘gay’ e ‘fresco’ para estigmatizar os rivais de alguma forma, assim como o gênero feminino: Gaycolores, gayzolinis, frescolores, gaysandu, loba, leoa pirenta, ‘ela’. Essas e outras tantas palavras são usadas com frequência pelas torcidas, criadas principalmente quando se trata de rivalidade, com o intuito de relacionarem times/clubes/torcedores adversários ao estigma de gays. Mesmo sem nenhum fato que envolva homossexualidade, muitos torcedores criam termos relacionados aos homossexuais, para assim terem novas formas de fazer piadas, brincar com o outro, fazer novas ilustrações, filmagens, edições. (SOUSA, Milene. 2017. p.82-83)

A criação de termos e outras atitudes homofóbicas utilizadas por torcedores são comuns. É um preconceito velado, uma violência simbólica naturalizada, intrínseca, que ocorre mutuamente entre os torcedores. Reitera-se que a palavra gay é muito utilizada, e com a internet possibilitando publicação de imagens, a homofobia pode ser mais ilustrada pelos torcedores, que em muitos casos associam algum símbolo do clube rival com alguma característica feminina ou homossexual. A imagem abaixo serve de exemplo:

Figura 22 – Imagem publicada por torcedores do Paysandu.



Fonte: *Fanpage Zuando O rEMO* (2020).

A imagem demonstra essa associação. Foi publicada em uma página intitulada de “Zuando o rEMO”⁵⁵, e associa o Remo com a palavra “Gay” em cor rosa, com o escudo rodeado de pétalas da mesma cor, dando a entender que o escudo é uma flor com um pequeno leão ao lado. Portanto, a ilustração minimiza o leão, mascote azulino, e associa o Remo à uma imagem mais feminina e homossexual, devido a palavra ‘Gay’ e a cor rosa, que é bastante atrelada às mulheres.

Assim como os torcedores do Paysandu, os torcedores do Remo também fazem publicações homofóbicas na internet:



Fonte: Blog Humor Papinha (2020).

Tal imagem mostra a publicação⁵⁶ intitulada de “Mas até os manequins bicolores são gays???” e a imagem utilizada não é uma ilustração, mas sim uma fotografia que mostra manequins masculinos com o uniforme de Remo e Paysandu. No entanto, a mão do manequim com a camisa do Paysandu está dentro da roupa do outro manequim com a camisa do Remo, como se estivesse segurando ou tocando o órgão sexual. Isso mostra como a homofobia é realizada no campo real e no virtual. Em alguma loja esportiva alguém colocou os manequins nessa posição, fotografou e compartilhou a foto com o intuito de realizar zoeira.

Tais publicações são alguns exemplos de milhares de atitudes homofóbicas realizadas

⁵⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/ZuandoOrEMO/>. Acesso em: 09/04/2020.

⁵⁶ Disponível em: <http://humorpapinha.blogspot.com/2011/03/mas-ate-os-manequins-bicolores-sao-gays.html>. Acesso em: 09/04/2020.

pelos torcedores por meio de publicações em redes sociais digitais, e no campo real por meio de imagens, áudios, cantos, vídeos e gestos. São atitudes que demonstram como o futebol é atrelado à masculinidade, e como os torcedores buscam associar os rivais aos padrões contrários, seguindo assim com a homofobia no futebol.

O processo todo é caracterizado pela tensão entre a homofobia como comportamento. É algo contínuo, rotineiro, que faz parte da sociedade e que se mantém no futebol de diversas formas, dentro e fora de campo, com pessoas homofóbicas que continuam com atitudes preconceituosas para inferiorizar um time e torcida adversária ou rival de diversos modos, como foi exemplificado.

O engajamento social como enfrentamento da questão homofóbica, do ponto de vista cultural e legal, já faz parte desse processo, já presente no futebol paraense. Isso será abordado no capítulo a seguir.

4 ANTI-HOMOFOBIA NO FUTEBOL: UM NOVO TEMA NA HISTÓRIA DE REMO E PAYSANDU.

Mesmo sendo tão comum no futebol paraense, a homofobia realizada por torcedores não ficou isenta de críticas. Assim como em clubes e torcidas de outras regiões do Brasil, os movimentos anti-homofóbicos surgiram no futebol paraense. Remo, Paysandu e grupos de torcida de ambos os clubes se manifestaram com discursos contrários à homofobia, viabilizando novas discussões a respeito da anti-homofobia.

Tal assunto será abordado neste último capítulo, que mostrará como os clubes e parte de seus torcedores se engajaram em prol da luta anti-homofóbica. Para isso, foram observadas discussões sobre homofobia no futebol, promovidas por Clube do Remo e Paysandu Sport Club, e pelas torcidas barras bravas Banda Alma Celeste⁵⁷ e Camisa 33 nas redes sociais digitais.

Desde já é importante destacar que ‘barra brava’ é um grupo de torcedores que busca incentivar constantemente um clube. Sempre em pé, os torcedores cantam durante todo o jogo e geralmente ficam nas arquibancadas atrás do gol segurando pequenas bandeiras com as cores do clube. Ao contrário das Torcidas Organizadas, os torcedores não utilizam uniformes com nomes e símbolos da torcida.

Este trabalho realizou uma pesquisa centrada nas páginas oficiais de cada torcida e clube no Facebook, e apresentará a análise de conteúdo, um método empírico que segundo Laurence Bardin (1977), compõe um conjunto de técnicas de análise de comunicação. Essa metodologia foi preparada com uma pesquisa exploratória e bibliográfica para obter referenciais teóricos adequados sobre homofobia, espetáculo, cultura, futebol, incitação ao ódio e demais assuntos aqui abordados.

A partir de uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo das ações e publicações realizadas pelas torcidas e clubes, foram selecionadas e registradas as publicações de cunho anti-homofóbico. O período da pesquisa é de abril de 2017, quando ocorreu o primeiro posicionamento por parte de uma torcida, à setembro de 2019, quando Remo e Paysandu participaram de uma campanha virtual anti-homofóbica realizada por clubes brasileiros.

A referência básica utilizada é o modelo que Laurence Bardin (1977, p.102) propõe sobre a organização de análise: a) pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

⁵⁷ Torcida barra brava do Paysandu, fundada em 7 de outubro de 2007.

4.1. ENGAJAMENTO SOCIAL ANTI-HOMOFÓBICO DE AZULINOS E BICOLORS NAS REDES SOCIAIS

A anti-homofobia no futebol atraiu mais atenção ocasionada pelo posicionamento e engajamento de diversos clubes brasileiros, pelo surgimento de torcidas e movimentos, a crescente discussão sobre homofobia, violência e preconceito, além da criação de novas normas e punições esportivas oriundas da criminalização da homofobia no Brasil. Torcedores, jornalistas, clubes, jogadores, entre outros atores sociais se manifestaram sobre o assunto, promovendo novos debates, opiniões e críticas à conduta homofóbica na sociedade paraense, pois os termos homofóbicos oriundos da rivalidade entre Remo e Paysandu estão além dos estádios.

Como já foi dito no terceiro capítulo deste trabalho, há uma prática da homofobia no futebol. As atitudes homofóbicas integram a sociabilidade entre torcedores rivais quando os mesmos buscam inferiorizar o time e a torcida rival. Para muitos torcedores, por exemplo, os termos, os cantos e frases homofóbicas são comuns e naturalizadas, pois assim é a homofobia no futebol, e por isso não a veem como algo preconceituoso que deve ser evitado.

O fato é que nem todas as pessoas pensam do mesmo modo, e o engajamento social anti-homofóbico surgiu no futebol paraense, tendo como exemplo o engajamento social das torcidas Camisa 33 e Banda Alma Celeste; e dos clubes Remo e Paysandu, que se posicionaram oficialmente contra a homofobia.

Cotidianamente, a C33 e a BAC acompanham os jogos de seus clubes nos estádios e realizam postagens com um conteúdo sobre a torcida e seus respectivos clubes, manifestando apoios e críticas, além da divulgação de ações e campanhas sociais. Remo e Paysandu, por sua vez, publicam imagens, vídeos e textos com informações, publicidade, notícias, lojas, treinos, jogos e demais atividades realizadas.

Conforme a abordagem realizada neste trabalho com o intuito de analisar o futebol como espetáculo cultural, é visto que torcida parece constituir-se como um lugar central de socialização. A partir dessa compreensão e do objetivo aqui proposto, buscou-se socializações de torcedores de Remo e Paysandu que realizaram ações anti-homofóbicas para a realização da pesquisa. Deste modo, a BAC e a C33 foram selecionadas sob a justificativa de que ambas desempenharam o engajamento social anti-homofóbico nas redes sociais antes mesmo de seus clubes, que também foram selecionados por apresentarem o engajamento em prol da anti-homofobia e do respeito aos homossexuais.

O objeto de análise abrange os posicionamentos desenvolvidos pelas torcidas e clubes citados, e se configura nas publicações feitas em suas páginas oficiais no Facebook,

apresentadas e analisadas por ordem cronológica, com a imagem de cada postagem. Ao todo, o material recolhido na pesquisa exploratória reúne 13 publicações de cunho anti-homofóbico, organizados em ordem cronológica para análise.

PUBLICAÇÕES	
DATAS	PÁGINA
29/04/2017	Banda Alma Celeste
17/05/2017	Banda Alma Celeste
17/05/2017	Camisa 33
02/07/2017	Banda Alma Celeste
07/03/2018	Clube do Remo
17/05/2018	Camisa 33
17/05/2018	Clube do Remo
17/05/2019	Camisa 33
17/05/2019	Paysandu Sport Club
17/05/2019	Clube do Remo
30/08/2019	Paysandu Sport Club
30/08/2019	Clube do Remo
02/09/2019	Paysandu Sport Club

Seguindo esta ordem, a Banda Alma Celeste – fundada em 7 de outubro de 2007 – toma destaque por ser o primeiro grupo de torcedores que se manifestou oficialmente de modo anti-homofóbico.

No dia 29 de abril de 2017, a BAC publicou uma nota⁵⁸ em sua página oficial informando a retirada de músicas e manifestações de cunho racial/homofóbico do repertório da torcida. A conduta e posicionamento foram inéditos em meio ao espetáculo sociocultural do futebol paraense, pois nenhuma barra brava ou torcida organizada havia se posicionado desse modo.

A nota oficial citou questões sobre a diversidade de etnias, crenças, identidade de gênero, pensamentos políticos; o racismo, escravidão e a naturalização da inferioridade atribuída às mulheres.

58 Disponível em:

<https://www.facebook.com/BandaAlmaCeleste/photos/a.312266915568835/1183551838440334/?type=3&permalinkPage=1>. Acesso em: 12/11/2018

Figura 24 – Nota oficial da BAC. 29 de abril de 2017.



Fonte: *Fanpage* Banda Alma Celeste (2019).

Segundo a BAC, as arquibancadas são espaços de livres manifestações, onde tudo flui de modo igual. Verifica-se que a torcida mencionou temas de grande influência na história do futebol, e que atualmente ainda geram debates, como o racismo e a inferioridade às mulheres, já que por diversos anos os negros e as mulheres foram impedidos de jogarem futebol.

Referindo-se à homofobia e preconceitos, a torcida diz que “xingamentos aos árbitros, homofobia disfarçada de rivalidade e a intolerância ao "diferente" ainda são algumas das atitudes consideradas "normal" na arquibancada”, e admite que errou ao entoar música homofóbica:

Desde o surgimento da BAC, vários cantos foram incrementados ao (sic) jogos do Papão com frases de apoio incondicional e amor incondicional ao Papão! Porém, nem sempre acertamos. Durante os 10 anos da torcida, surgiu em uma das nossas músicas algo fora dos padrões da Ideologia da Alma Celeste, intitulada de "o leão é gay!". ERRAMOS DURANTE VÁRIOS ANOS, propagando cantos homofóbicos disfarçado de rivalidade. (Banda Alma Celeste, 2017).

Tais narrativas servem de mostra da ideia trazida por Gustavo Bandeira (2010, p.349) sobre a naturalização da homofobia no futebol por meio de gritos homofóbicos que “podem ser lidos como uma prática *saudável*, o que *dá graça*, *faz parte do futebol*” (grifos do autor). Inicialmente, para muitos torcedores era totalmente normal entoar tais cantos homofóbicos junto à BAC. Cantos que depois foram analisados pela própria torcida, vistos como preconceituosos e por tal motivo foram retirados do repertório da torcida após reuniões entre os integrantes que já não viam os cantos como algo ‘saudável’ socialmente.

A BAC reconhece sua influência como torcida e percebe que seus cantos e demais atitudes homofóbicas poderiam dar continuidade ao preconceito, considerando os demais torcedores que a acompanham.

Entendemos que existem outros meios de manter viva a rivalidade com o time sem divisão, como os fantasmas que fizeram sucesso, as zoações pra pagarem a companhia de eletricidade, os títulos fakes e afins. Por fim, não se trata de criar uma nova polêmica, acabar com o futebol, ou simplesmente ser politicamente "chatos e corretos". Apenas evoluímos e atualizamos nossa forma de pensar. (Fanpage Banda Alma Celeste, 2017)

Conforme a nota apresentada, a publicação não foi vinculada a nenhuma outra campanha específica. A iniciativa da torcida é exemplifica as manifestações sociais entre os torcedores na história do futebol. Mostra como de fato as manifestações culturais no futebol passam por recontextualizações e ressignificações, como ressalta o autor Jocimar Daolio (2005, p.6). No futebol paraense, tais recontextualizações e ressignificações se tornaram contínuas, e a BAC mais uma vez foi responsável por isso ainda em 2017.

Em um jogo entre Paysandu e Santos (SP), realizado no dia 10 de maio em Belém, válido para classificação da Copa do Brasil 2017, a Banda Alma Celeste deu continuidade ao seu engajamento social. Convidada pelo Governo do Pará para participar de uma campanha anti-homofóbica, a BAC hasteou uma bandeira arco-íris LGBT na arquibancada do estádio Mangueirão.

As manifestações da torcida continuaram no dia 17 de maio, Dia Internacional contra a Homofobia, quando a BAC publicou em sua página oficial a foto⁵⁹ da torcida hasteando a bandeira LGBT, com o seguinte texto:

“Por um estádio e um mundo livre de qualquer preconceito, onde todas as pessoas possam confraternizar e torcer para seu clube, sem se preocupar com ofensas e/ou agressões. #HomofobiaNão #PazNosEstádios #Payxão#BAC10Anos”. (Fanpage Banda Alma Celeste, 2017)

Mais uma vez, tal ato foi algo peculiar no futebol paraense e brasileiro, pelo fato dos integrantes da BAC levarem a bandeira que representa o movimento LGBT a um espaço social onde a homofobia é muito praticada, e por publicarem a imagem desse momento em sua página oficial no Facebook no Dia Internacional contra a Homofobia, fazendo assim mais uma campanha.

59 Disponível em: <https://www.facebook.com/BandaAlmaCeleste/photos/a.312266915568835/1205782602883924/?type=3&permalinkPage=1>. Acesso em: 12/11/2018.

Figura 25 – Imagem publicada pela BAC. 17 de maio de 2017.



Fonte: *Fanpage* Banda Alma Celeste (2019).

Reiterando o que afirma Maurício Murad (2012, p.182), toda rede que forma o espetáculo do futebol requer atenção “porque a aglomeração é sempre grande, e os ânimos estão exaltados pela paixão, além de excitados pela multidão”, facilitando assim a prática da homofobia, muito utilizada para inferiorizar o torcedor e o time, ou os árbitros, reiterando a ideia de que a homofobia “é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal” (BORRILLO, Daniel. 2010, p.13). O engajamento social da BAC se opôs a tais condutas, e utilizaram a aglomeração no campo real e virtual que servem de espaço para que o espetáculo cultural do futebol seja realizado.

Depois de suas decisões e condutas, a BAC foi homenageada pela Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, e no dia 16 de junho recebeu o 17º Prêmio⁶⁰ Cidadania em Respeito à Diversidade na categoria ‘Esporte’. A premiação ocorreu por conta da decisão de abolir os cânticos e ofensas homofóbicas, racistas e machistas do repertório da torcida, além da manifestação no jogo contra o Santos.

Assim como a BAC, a Camisa 33 também se posicionou no dia 17 de maio de 2017. Neste caso, é importante atentar-se à data, pois 17 de maio é considerado o Dia Internacional contra a Homofobia desde 1990, após a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirar a homossexualidade da lista internacional de doenças; um marco na história do movimento LGBT.

Em seu primeiro posicionamento, a Camisa 33 publicou⁶¹ uma imagem que mostra o

⁶⁰ Disponível em: <http://paradasp.org.br/fotos-da-17a-edicao-do-premio-cidadania-em-respeito-a-diversidade/>. Acesso em: 12/11/2018.

⁶¹ Disponível em:

símbolo da barra brava azulina, evidenciando a bandeira arco-íris, a data 17 de maio e o que a mesma simboliza. Na legenda, a C33 colocou um pequeno texto dizendo “Hoje é dia de combate ao preconceito, de valorização da diversidade e de luta por respeito. A Camisa 33 apoia o direito de todos à liberdade”.

Figura 26 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2017.



Fonte: *Fanpage* Camisa 33 (2019).

A partir disso, fica registrado que tanto torcedores azulinos quanto torcedores bicolores se manifestaram contrários à homofobia. A BAC e a C33 expressaram seus posicionamentos em busca da exclusão de práticas discriminatórias.

Tendo em vista que o futebol brasileiro é como uma expressão da sociedade e um modelo para a sociedade, segundo Jocimar Daolio (2005, p.5-6), com uma constituição “espelhando toda a sua dinâmica, com todas as contradições e todas as riquezas nela presentes”, evidencia-se que o futebol é composto por prós e contras. Ao mesmo tempo em que torcedores de Remo e Paysandu rivalizam de modo homofóbico, grupos de torcedores azulinos e bicolores também realizam um engajamento social contrário a tais atitudes, o que é importante tanto para o futebol, quanto para a sociedade que o compõe, conforme o que Daolio (2005) pontua.

Considera-se que a publicação da Camisa 33 detêm importância e capacidade de influenciar a conduta de torcedores que acompanham a torcida nos estádios e nas redes sociais

digitais, assim como o engajamento já realizado anteriormente pela Banda Alma Celeste.

O engajamento social anti-homofóbico realizado por torcidas de times rivais é significativo para o futebol paraense, e fundamental para observar e perceber o quanto é difícil efetuar um engajamento desse porte em um ambiente onde a homofobia é naturalizada. Isto foi evidenciado quando a Banda Alma Celeste foi rechaçada por pessoas contrárias ao posicionamento da torcida.

Alvo de represálias, no dia 2 de julho de 2017 a BAC publicou uma nota⁶² de esclarecimento sobre um incidente que gerou muitos comentários equivocados e que repercutiu em veículos de comunicação social: membros da torcida foram agredidos por outros torcedores dentro do estádio do Paysandu.

O site Globo Esporte PA⁶³ relatou que um grupo de torcedores foi tomar satisfação com a BAC devido o engajamento anti-homofóbico da torcida. O caso ocorreu no dia 30 de junho, após um jogo entre Paysandu e Luverdense (MT) na Série B do Campeonato Brasileiro 2017.

Em sua nota oficial, a BAC apresentou o contexto dos fatos e explicou que foi convidada pelo Governo do Pará para a participação na campanha de conscientização e combate à homofobia na sociedade.

Figura 27 – Nota publicada pela BAC. 2 de julho de 2017.



Fonte: Fanpage Banda Alma Celeste (2019).

⁶² Disponível em:

<https://www.facebook.com/BandaAlmaCeleste/photos/a.312266915568835/1248722045256646/?type=3&th eater>. Acesso em 02/09/2019.

⁶³ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/paysandu/noticia/banda-alma-celeste-e-agredida-por-torcedores-dentro-da-curuzu.ghtml>. Acesso em: 12/11/2018.

A torcida relatou como participou da campanha, o que repercutiu, e que seu engajamento social gerou ameaças, xingamentos, comentários, entrevistas, a premiação recebida em São Paulo e o incidente após o jogo contra o Luverdense. Por fim, a nota foi finalizada com mensagem de apoio e agradecimento:

A Banda Alma Celeste repudia qualquer tipo de violência dentro e fora dos estádios, principalmente contra mulheres. A BAC está disponível para ajudar as vítimas destas agressões, oferecendo apoio e solidariedade com todas pessoas que sofreram qualquer tipo de agressão, no episódio em questão. Lamentamos que a violência ainda seja usada como instrumento de intolerância nos estádios, repudiamos totalmente as cenas ocorridas e relatadas. Por fim, gostaríamos de agradecer a todos que nos apoiaram de forma direta e indiretamente. Informamos que estaremos sempre presentes para apoiar Paysandu Sport Club onde quer que seja. (Fanpage Banda Alma Celeste, 2018)

Além de esclarecer o que ocorreu e reafirmar o posicionamento anti-homofóbico já defendido, a BAC apontou a inferiorização dos homossexuais e também de pessoas/grupos que discordam da prática da homofobia e que apresentam seu engajamento ou posicionamento anti-homofóbico. As ameaças e as agressões exemplificaram isso, são consequências da homofobia causada pela heteronormatividade que, como um conjunto de prescrições, fundamenta processos sociais de regulação e controle, e marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto (Richard Mikolsci, p.5), o que ajuda a compreender o que faz o futebol ser tão masculinizado, ‘regulado’ e ‘controlado’ pelo sistema heteronormativo que refuta a homossexualidade no futebol.

A Banda Alma Celeste não é uma torcida e nem um movimento formado por torcedores homossexuais, como outros já criados no Brasil com um foco mais ativista. No entanto, a BAC foi alvo de represálias por se engajar em prol da luta LGBT. É mais um exemplo de como muitos atores sociais não querem de modo algum ver seu clube e torcida sendo associados à homossexualidade, mesmo que seja um engajamento social em busca de respeito.

O incidente fez com que, no dia 14 de julho, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) confirmasse oficialmente a denúncia contra o Paysandu por desordens e discriminações homofóbicas. O Paysandu então se tornou o primeiro clube do futebol brasileiro a ser denunciado por preconceito de orientação sexual. Foi julgado, absolvido e recebeu multa de R\$ 7,5 mil. Tudo foi noticiado em sites do Estadão⁶⁴, ESPN⁶⁵ e Globo

64 Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,torcida-organizada-do-paysandu-alma-celeste-nao-da-vez-a-homofobia,70001897049>. Acesso em: 12/11/2018.

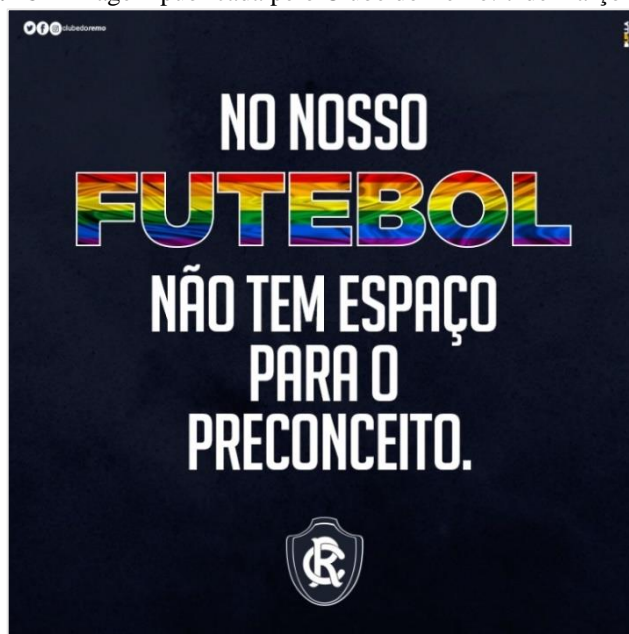
65 Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/707545_torcida-do-paysandu-que-apoiou-a-causa-lgbt-sofre-represalias-e-membros-sao-agredidos-em-estadio. Acesso em: 12/11/2018.

Esporte⁶⁶. O assunto como um todo foi alvo de muitos comentários nas redes sociais.

Em 2018, o que gerou novas discussões foi o primeiro posicionamento anti-homofóbico promovido oficialmente pelo Clube do Remo, que se inseriu no engajamento social promovido anteriormente somente pela BAC e C33.

No dia 7 de março, o clube azulino publicou⁶⁷ uma imagem em sua página oficial no Facebook, mostrando as cores e o escudo do clube, a frase “No nosso futebol não tem espaço para o preconceito”, e salientou as cores da bandeira LGBT na palavra ‘Futebol’.

Figura 28 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 7 de março de 2018.



Fonte: Fanpage Clube do Remo (2019).

Junto à imagem, foi publicado o seguinte texto:

No futebol e na vida, não há mais espaço para a homofobia e para a discriminação. O Clube do Remo, em respeito a TODOS os seus torcedores, vem à público repudiar qualquer atitude, comentário ou ato contra a sua torcida ou a torcida adversária, respeitando sempre a diversidade e individualidade do próximo. #ClubedoRemo #Remo #NaçãoAzul #NãoaHomofobia #Respeito #Igualdade”. (Clube do Remo. 2018)

O Clube do Remo citou o respeito, a diversidade e os atos entre as torcidas adversárias,

66 Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/paysandu/noticia/paysandu-e-o-primeiro-clube-denunciado-por-discriminacao-homofobica-no-futebol.ghtml>; <https://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/paysandu/noticia/banda-alma-celeste-e-agredida-por-torcedores-dentro-da-curuzu.ghtml>; e <https://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/paysandu/noticia/gena-rede-mostra-o-combate-a-homofobia-e-ao-machismo-em-jogos-do-paysandu.ghtml>. Acesso em: 12/11/2018.

67 Disponível em: <https://www.facebook.com/ClubeDoRemo/photos/a.359890564030269/1821743754511602/?type=3>. Acesso em: 12/11/2019.

ressaltando o futebol e a vida. O conteúdo da publicação provoca a reflexão de que a questão da luta anti-homofóbica e contra a discriminação não é limitada ou exclusiva do futebol. São assuntos necessários debates em demais espaços, lugares e ambientes sociais, e o posicionamento do Remo, detentor de uma torcida bem numerosa, pode contribuir com isso. O engajamento social promovido pelo clube azulino pode ser compartilhado por diversas pessoas além de torcedores nas redes sociais digitais, pois a midiatização, assim como auxilia no compartilhamento do futebol, auxilia o futebol a realizar novas manifestações sociais.

Após o posicionamento oficial Remo, a Camisa 33 se manifestou novamente no dia 17 de maio com a publicação⁶⁸ de uma arte gráfica tendo como fundo a cor azul marinho, destacando o “Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia” e a data. A imagem mostra elementos do futebol: o gramado e uma pessoa que, ao usar um apito, simboliza o árbitro de jogo.

Figura 29 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2018.



Fonte: *Fanpage* Camisa 33 (2019).

No futebol, o árbitro é o responsável por mediar, organizar, observar os jogos, fazer cumprir as regras e o regulamento do futebol, podendo intervir quando alguma regra é violada ou quando algo irregular ocorre fora do jogo.

Na arte publicada pela C33, o árbitro usa uma camisa com as cores do movimento LBGT e ergue o cartão vermelho. Eis um detalhe fundamental nessa publicação, pois no futebol profissional, o árbitro utiliza dois cartões: o amarelo simboliza advertência, e o

⁶⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/Camisa33/photos/a.887937651221610/2155235291158500/?type=3&theater;>
<https://twitter.com/CAMISA33/status/864999977843441664> Acesso em: 12/11/2018.

vermelho simboliza a expulsão. São usados quando algum jogador ou membro de equipe técnica descumpra alguma regra.

Assim, considerando o pensamento de Frederico Machado e Marco Prado (2012, p.13-14) de que a heteronormatividade “significa não a exclusão das homossexualidades do cenário social, mas sim a sua subalternidade no interior dos processos hegemônicos”, a imagem publicada pela Camisa 33 apresenta uma ideia contrária aos padrões heteronormativos, com a mensagem de ‘expulsão’ da subalternidade causada pelas práticas heteronormativas em relação aos homossexuais.

Além da imagem, a C33 publicou a mensagem “Hoje, 17 de maio, é o Dia Internacional de Luta contra a homofobia e transfobia. Respeite a diversidade. Respeite o ser humano. Diga não ao ódio. Diga não ao preconceito. #Camisa33 #NaoAHomofobia” evidenciando que a data foi lembrada e serviu de incentivo para o posicionamento da torcida. A postagem possui um conteúdo anti-homofóbico que atrela símbolos do futebol para repassar a mensagem desejada, junto a um breve texto que reitera e complementa o pedido por mais respeito, em busca do combate ao ódio e ao preconceito.

O Dia Internacional contra a Homofobia em 2018 também foi destacado pelo Clube do Remo, que para isso publicou⁶⁹ a seguinte imagem:

Figura 30 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 17 de maio de 2018.



Fonte: *Fanpage* Clube do Remo (2019).

69 Disponível em:
<https://www.facebook.com/ClubeDoRemo/photos/a.359890564030269/1897422173610426/?type=3>.
 Acesso em: 30/08/2019.

A ilustração publicada mostra as cores e o escudo do clube, evidenciando a bandeira LGBT e a frase “Aqui o respeito entra em campo”. Com um texto, o clube azulino ressaltou:

“No dia Internacional da Luta contra a Homofobia, o Clube do Remo convida toda a sua Nação a trabalhar a tolerância e o respeito ao próximo, para que possamos tornar o esporte um ambiente mais saudável e convidativo para todas as pessoas. Pense nisso. #ClubedoRemo #DiaInternacionalContraaHomofobia”.

Neste caso, o clube se posiciona ao fazer um convite mais direto à ‘Nação’, ou seja, à torcida azulina para ser mais tolerante e respeitosa com o intuito de tornar o esporte um ambiente saudável e atrativo para outras pessoas, já que a homofobia é um problema social que deve ser pensado pelas pessoas e não esquecido, como o clube pede na publicação.

Segundo Guy Debord (2003, p.14), o “espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizadas por imagens”, e no contexto futebolístico, cada pessoa se relaciona com o esporte por meio das imagens que o futebol proporciona. Um torcedor homofóbico e fanático, por exemplo, pode ter a imagem do futebol como um espaço livre para suas manifestações com seus adversários, e assim se relaciona com as demais pessoas, ao contrário do torcedor homossexual que pode continuar indo aos estádios por ter uma imagem do futebol como um esporte popular e que precisa de mudanças e mais respeito, buscando uma relação social diferenciada, como os torcedores homossexuais que formaram torcidas organizadas no Brasil.

As publicações até aqui analisadas, e a ideia trazida por Debord (2003, p.14) a respeito do espetáculo trazem a reflexão sobre como o futebol tornou-se um exemplo de contrariedade. Atraiu pessoas, é o esporte mais popular do país, um espetáculo cultural que gerou discordâncias, problemas sociais e violência que serviram para que muitas pessoas passassem a ter imagens diversas do futebol, fazendo com que o esporte não fosse apenas atrativo. No entanto, o futebol também é recusado por muitos que não se sentem à vontade, mantêm uma relação de desprezo e distância com uma imagem desagradável do esporte e torcida, é uma recusa causada pelo desrespeito, discriminação e violência realizados por inúmeros torcedores.

Conforme ressalta Roberto Damatta (1982, p.21), “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”; O engajamento social em meio ao futebol exemplifica isso, tornando possível a sociedade mostrar como constrói o futebol, e futuramente as consequências e possíveis mudanças.

Em maio de 2019, a Camisa 33 voltou a se posicionar com uma nova arte gráfica

publicada⁷⁰ com as palavras “Respeito e Igualdade”, fazendo apologia à questão do movimento LGBT contra a homofobia ao mostrar as cores da bandeira arco-íris no fundo da imagem e na pulseira das mãos que formam um coração.

Figura 31 – Imagem publicada pela C33. 17 de maio de 2019.



Fonte: *Fanpage* Camisa 33 (2019).

Percebe-se que a ilustração mostra duas mãos que possuem cores diferentes, simbolizando a diversidade racial. Como em outras publicações, a imagem foi acompanhada por um pequeno texto:

A orientação sexual não tira o direito do outro, não nos faz melhor e muito menos não fere o respeito ao próximo. Precisamos respeitar, dar voz e dar a espaço a esta comunidade que, ainda nos dias de hoje, está tão oprimida. Pessoas morrem por sua orientação sexual. Não feche os olhos para a LGBTfobia. Diga não ao preconceito. #Camisa33 #10anosdedoping #NãoAoPreconceito #Diversidade. (CAMISA 33, 2019).

A torcida frisa a questão do respeito, igualdade e a necessidade de espaço e voz para as pessoas oprimidas devido a sua orientação sexual, fato esse que, como foi ressaltado, é comum e naturalizado na sociedade composta por imposições heteronormativas, fazendo com que pessoas que não seguem o ideal heteronormativo sejam oprimidas, ofendidas, humilhadas e inferiorizadas.

O texto argumenta que “a orientação sexual não tira o direito do outros, não nos faz melhor e não fere o respeito ao próximo”. No entanto, por diversas vezes essa ideia não é

⁷⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/Camisa33/photos/a.887937651221610/2714955188519838/?type=3&theater> .
Acesso em: 10/09/2019.

colocada em prática ou respeitada com a existência de gritos, cantos, imagens e termos homofóbicos produzidos por torcedores, pois há uma desvalorização das identidades homossexuais no futebol, segundo Gustavo Bandeira (2010, p.349), que diz que “nos estádios de futebol, os gritos homofóbicos aparecem para hierarquizar a *nossa* torcida em relação a *deles*” (grifos do autor).

Ao falar que ‘pessoas morrem por sua orientação sexual’, a Camisa 33 pontua que a homofobia também gera mortes, assunto esse imprescindível nas discussões sobre a homofobia e suas consequências na sociedade, e que faz com que o movimento LGBT exista e promova maiores campanhas em busca do respeito.

Reiterando que o futebol serve de mote para a sociabilidade masculina brasileira (GASTALDO, Édison. 2004, p.11), o uso cotidiano da tematização do futebol faz com que o futebol também sirva de mote para a prática homofóbica nas arquibancadas reais e virtuais. Do mesmo modo serve de mote para a realização do engajamento social anti-homofóbico das torcidas e clubes que inseriram a questão da anti-homofobia nessa sociabilidade, ao defender e requisitar o respeito e a tolerância, ressaltando o direito e a igualdade de todos, independentemente da orientação sexual das pessoas.

No futebol paraense, o Paysandu Sport Club se tornou mais um membro na sociabilidade anti-homofóbica. Em 2019 o clube bicolor se posicionou⁷¹ pela primeira vez em suas redes sociais.

Figura 32 – Imagem publicada pelo Paysandu. 17 de maio de 2019



Fonte: Fanpage Paysandu Sport Club (2019).

71 Disponível em:

<https://www.facebook.com/PaysanduSC/photos/a.713583348668762/2767840066576403/?type=3&theater>. Acesso em: 30/08/2019.

O clube bicolor publicou o texto “Por todas as formas de payxão. Pregue a igualdade você também! #Payxão #NãoAoPreconceito”, e uma fotografia que mostra as Bicolindas (animadoras de torcida do Paysandu) segurando a bandeira LGBT no Estádio Edgar Proença (Mangueirão) em um RExPA realizado em 2017, na campanha promovida pelo governo paraense. A imagem evidencia a data e o Dia Internacional contra a Homofobia.

Com o posicionamento do Paysandu, afirma-se que o engajamento social anti-homofóbico dos clubes rivais tem uma grande relevância, tendo em vista o quanto a homofobia é exercida rotineiramente entre os torcedores azulinos e bicolores de diversas formas como costume.

Ao se posicionarem oficialmente em suas páginas no Facebook, Remo e Paysandu possuem um grande alcance, tendo em vista que, ao somar o número de curtidas que cada página possui de acordo com o período desta pesquisa, o total é mais de 750 mil seguidores.

A primeira publicação com um conteúdo anti-homofóbico na página do Paysandu pode influenciar mais ainda seus torcedores, que já acompanhavam os posicionamentos da BAC e tinham conhecimento das publicações realizadas pela C33 e pelo Clube do Remo. A iniciativa foi algo fundamental para mostrar que os clubes rivais se atentam à luta contra a homofobia.

No mesmo dia em que pela primeira vez o Paysandu demonstrou engajamento anti-homofóbico, o Remo fez uma publicação⁷² semelhante sobre o assunto.

Figura 33 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 17 de maio de 2019.



Fonte: *Fanpage* Clube do Remo (2019).

⁷² Disponível em: <https://www.facebook.com/ClubeDoRemo/posts/2435533089799329>. Acesso em: 05/04/2020.

“Time da maioria. Time de todas” e “Diga não ao seu preconceito, seja ele qual for” foram as mensagens repassadas pelo Remo no dia 17 de maio de 2019. As mensagens do clube azulino estão presentes na imagem com a ilustração de um braço com as cores LGBT fazendo o tradicional sinal da força. Neste caso, o clube azulino ressalta a força da luta anti-homofóbica e da busca por mais respeito e tolerância, por exemplo, que são alguns dos principais objetivos a serem alcançados pelos homossexuais na sociedade. A publicação do Remo demonstra apoio a essa questão, e que o clube apoia e deseja força para a continuidade do movimento.

Junto à imagem, foi publicado um pequeno texto onde o clube diz que “O Clube do Remo se posiciona contra todo e qualquer tipo de preconceito e apoia a luta contra a homofobia. #NãoAoPreconceito #DiaContraHomofobia”. Com tal postagem, o Remo mostrou a continuidade de um engajamento social realizado virtualmente no Dia Internacional da Luta contra Homofobia.

Mesmo com as publicações realizadas prioritariamente no dia 17 de maio, o engajamento social foi realizado em outras datas e contextos. O Paysandu demonstrou isso ao participar da campanha realizada por clubes brasileiros no dia 30 de agosto de 2019.

Figura 34 – Imagem publicada pelo Paysandu. 30 de agosto de 2019.



Fonte: Fanpage Paysandu Sport Club (2019).

Além da mensagem de respeito e a *hashtag* #TodosContraOPreconceito publicadas⁷³,

⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/PaysanduSC/posts/2970033216357086>. Acesso em: 30/08/2019.

o Paysandu se posicionou textualmente ao dizer que “O Paysandu Sport Club abomina e repudia a homofobia e qualquer outro tipo de preconceito. Somos um só, somos todos Paysandu! #TodosContraOPreconceito”.

O Clube do Remo também participou da campanha virtual ao publicar⁷⁴ a seguinte imagem:

Figura 35 – Imagem publicada pelo Clube do Remo. 30 de agosto de 2019.



Fonte: Fanpage Clube do Remo (2019).

Percebe-se que mais uma vez o Remo publicou uma imagem expondo um braço fazendo o sinal da força, simbolizando que o clube continua dando força ao movimento LGBT e a luta anti-homofóbica no futebol e em toda a sociedade. Ao dizer que não é o “futebol que está chato, é o seu preconceito”, o clube pontua que o preconceito homofóbico prejudica o futebol e a sociabilidade entre as pessoas que compõe o futebol.

Ser raiz é torcer sem achar que piadinha homofóbica tem graça. Homofobia é CRIME e os clubes agora podem ser penalizados por cânticos e gritos homofóbicos vindos de sua torcida. E aí, vai querer que o Clube do Remo seja punido só pelo teu "direito" de ofender os outros? #OtimeDaMaioria #HomofobiaÉCrime #Respeito. (Clube do Remo, 2019)

A mensagem destacada refere-se à criminalização da homofobia, e ao fato dos clubes de futebol estarem sujeitos a punições se as torcidas realizarem algum ato homofóbico nos

⁷⁴ Disponível em:

<https://www.facebook.com/ClubeDoRemo/photos/a.359890564030269/2624393817579921/?type=3>.
Acesso em: 30/08/2019.

estádios. A *hashtag* #HomofobiaÉCrime ressalta esta questão, que passou a ser amplamente discutida nas mídias e redes sociais entre torcedores, jornalistas e demais atores sociais que acompanham o movimento contra a homofobia na sociedade brasileira.

O engajamento de Remo e Paysandu junto a demais clubes brasileiros na campanha contra a homofobia chama atenção à questão do espetáculo cultural do futebol. Segundo Guy Debord (2003, p.14), “o espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar, toda a consciência”. A campanha organizada por clubes da Série A do campeonato brasileiro foi singular e mais ampla, pois envolveu clubes de maior destaque no futebol do Brasil. A unificação pode ser percebida na iniciativa de outros clubes de demais séries, como os times paraenses que em 2019 disputavam a Série C.

A campanha foi bastante divulgada, tornou-se parte de um espetáculo que unificou diversos clubes e atores sociais que realizaram publicações com um conteúdo anti-homofóbico, com o intuito de gerar a consciência de muitas pessoas acerca da homofobia como crime.

As páginas de Remo e Paysandu, assim como as de outros clubes, foram criadas para informar, agrupar torcedores que buscam acompanhar o cotidiano de seus clubes; Servem como elemento e espaço para que os torcedores e demais atores sociais, como torcedores de outros times, jornalistas, dirigentes, entre outras pessoas se agrupem e se manifestem.

O futebol em um ambiente virtual é um novo contexto que reitera o pensamento sobre o futebol como pano de fundo de diversos grupos sociais, segundo Sílvio Ricardo (2005, p.25), que diz que por meio do futebol, diversos grupos são formados por torcedores, praticantes, dirigentes que se encontram nos clubes, nas ruas, praias, campinhos de várzea, estádios e bares.

O que Sílvio Ricardo diz refere-se à criação da paixão pelo futebol. Diante dos avanços tecnológicos, das redes sociais e da campanha realizada pelos clubes brasileiros em 2019, os grupos formados dão continuidade à paixão já criada pelo futebol, e se manifestam em relação a problemas sociais que envolvem o futebol, como a homofobia. Existem novos contextos sociais que incentivam campanhas. Uma página esportiva relacionada a um clube é algo fundamental para que o futebol como pano de fundo cresça e seja utilizado por gerações futuras como paixão e tema necessário para discussões e debates sociais.

A campanha dos clubes brasileiros nas redes sociais, por exemplo, foi motivada pela criminalização da homofobia aprovada pelo Superior Tribunal de Justiça no dia 13 de junho de 2019. Remo e Paysandu participaram. Após a campanha, o clube bicolor se manifestou

novamente com uma publicação⁷⁵ realizada no dia 2 de setembro, repassando mensagem a respeito da criminalização da homofobia: “Você é um torcedor, não um criminoso! Homofobia é crime. Cante para o seu clube e contra o preconceito. Diga não à homofobia!”.

Figura 36 – Imagem Publicada pelo Paysandu. 2 de setembro de 2019.



Fonte: Fanpage Paysandu Sport Club (2019).

Além da imagem, o Paysandu publicou que “É sempre bom lembrar. Respeite o próximo! #HomofobiaÉCrime #TodosContraOPreconceito”.

Diante de todo engajamento social realizado pelo Paysandu, Remo, Camisa 33 e Banda Alma Celeste, muitas críticas e apoios puderam ser vistos. Cantos homofóbicos foram excluídos, muitos torcedores compartilharam e comentaram os posicionamentos e as atitudes dos clubes e torcidas, assim como muitos se mostraram contrários às campanhas, justificando que o futebol não é um espaço para movimentos anti-homofóbicos.

Como se sabe, no futebol paraense muitos termos homofóbicos são ditos, além de cantos ofensivos que utilizam frases utilizando a palavra ‘gay’, ‘dá cu’, ‘bicoletes’, ‘leoa’, entre outros associados aos homossexuais e ao gênero feminino para inferiorizar e humilhar o outro, o rival, o adversário.

O que faz com que muitos torcedores contrários à campanha e pedidos para que a

⁷⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/PaysanduSC/photos/a.713583348668762/2976069205753487/?type=3&theater>.
Acesso em: 02/09/2019.

homofobia não seja realizada é a ideia de que a criminalização da homofobia, e o fato de que os clubes estão sujeitos à punição caso os torcedores pratiquem a homofobia nos estádios seja uma ‘censura’. É um novo contexto que serve de exemplo do que Alex Potiguar (2015, p.93) aponta ao dizer que é muito fácil verificar inúmeros casos da liberdade de expressão entrando em antinomia com outros direitos fundamentais, “tais quais a soberania popular, a cidadania, do pluralismo político, da dignidade da pessoa humana, da isonomia, do princípio da não discriminação, enfim”. Percebe-se então o que faz com que muitas vezes a liberdade de expressão seja utilizada como forma de violência e para o discurso do ódio, que se torna uma forma discursiva do desrespeito (POTIGUAR, Alex. 2015, p.38).

Reitera-se que muitos atores sociais priorizam o discurso ofensivo, violento e preconceituoso, e ainda não se veem como criminosos por praticarem atos homofóbicos. A conduta homofóbica é algo comum na sociedade, é um preconceito por muitas vezes velado que ocorreu e permaneceu na sociedade brasileira, alcançando o esporte.

Todo o engajamento social anti-homofóbico realizado pelos clubes paraenses é um exemplo de um novo contexto que mostra como a exclusão, o preconceito e a violência ainda estão presentes no futebol. Assim como existe um RExPA em campo, existe um RExPA fora de campo, configurando-se com torcedores que fortalecem a rivalidade que existe há mais de um século e que foi fundamental para tornar o futebol paraense tão marcado por Remo e Paysandu, clubes tão aclamados por torcedores e que já buscam manter uma rivalidade sem preconceito, sem violência, sem discriminação, sem homofobia.

Os posicionamentos analisados demonstram iniciativas recentes que podem ter continuidade, mudanças e inúmeras consequências, sejam boas ou ruins. Como certeza, o engajamento social anti-homofóbico está marcado na história do futebol paraense. É uma luta até então realizada mais vezes no campo virtual, e que detêm importância para que surjam reflexões e modificações essenciais no campo real e físico, para assim dar continuidade e conseguir alcançar melhorias que o futebol e a sociedade paraense e brasileira tanto necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o racismo e a inferiorização feminina, a homofobia no futebol tornou-se um assunto amplamente discutido diante de inúmeros exemplos de práticas homofóbicas que o futebol agrupa e gera. Este trabalho demonstra que o esporte apresenta problemas sociais que se tornaram mais visíveis com os avanços da comunicação e da tecnologia. No entanto, tais problemas, que em boa parte envolve o preconceito e a discriminação, tornaram-se alvo de críticas e de pensamentos contrários às condutas preconceituosas e discriminatórias, proporcionando assim maiores discussões no ambiente futebolístico e uma nova visão da ideia de que o futebol não é apenas um jogo.

O futebol ainda é algo muito masculinizado, tomado e conduzido pelo sistema heteronormativo, implementado neste esporte desde o início de sua prática e popularização no Brasil. Em uma sociedade com um sistema heteronormativo que impõe regras e reivindica o cumprimento do que é imposto a homens e mulheres, a discriminação contra quem não segue a heteronormatividade faz com que a homofobia exista no futebol.

No entanto, como diz Jocimar Daolio (2005), o esporte passa por ressignificações e mudanças de acordo com o contexto histórico. A homofobia é um marco na história do futebol, e o movimento anti-homofóbico também, mesmo que de modo ameno diante da proporção de torcedores e torcidas, a partir do momento em que torcedores homossexuais se agruparam para formar torcidas organizadas e movimentos.

Se o futebol mudou, a luta contra a homofobia no futebol também passou por modificações, e isso é incontestável. As mudanças que ocorreram na comunicação foram fundamentais para a popularização do futebol e para a criação de movimentos e campanhas contra a homofobia, que por sua vez são realizadas na internet, em redes sociais, por parte de clubes, torcidas e torcedores. Houve um aumentando significativo do engajamento social tanto das torcidas quanto dos clubes, tribunais e outras instituições que fazem parte do espetáculo cultural do futebol.

Especificamente falando sobre a configuração do engajamento social anti-homofóbico no futebol paraense, realizado pela Camisa 33, Banda Alma Celeste, Clube do Remo e Paysandu Sport Club, este trabalho analisou o posicionamento das torcidas e clubes paraenses em suas páginas oficiais no Facebook, para então explanar o engajamento social contra a homofobia no futebol paraense.

Como o processo de engajamento social anti-homofóbico está sendo realizado em meio ao espetáculo cultural do futebol paraense? A priori, ressalta-se a importância da campanha contra a homofobia, organizada pelo Governo do Pará em 2017. No momento da

entrada dos jogadores e árbitros em campo para o início de um RExPA, torcedores azulinos e bicolores entraram segurando uma bandeira LGBT. Destaca-se mais ainda a participação da Banda Alma Celeste nesta campanha ao erguer a bandeira arco-íris nas arquibancadas, algo que foi uma surpresa para muitas pessoas, gerando elogios, apoios, críticas e xingamentos, tendo em vista que a torcida sofreu represálias após o seu posicionamento.

Os estudos e a análise mostraram que a homofobia ainda existe e passou a ser mais criticada por torcedores e clubes que utilizam prioritariamente as redes sociais para se manifestarem sobre o assunto. Apesar de campanhas no campo real já terem sido realizadas, o posicionamento e campanhas em sua maioria são feitos por meio de publicações na internet que repassam mensagens de apoio à causa LGBT, pedindo respeito às diferenças, ressaltando o direito, igualdade, a homofobia como crime; solicitando que os torcedores busquem ser mais tolerantes e não pratiquem a discriminação.

Com a análise das publicações, percebe-se que o engajamento social é motivado por demais campanhas e pela representatividade que a luta contra a homofobia alcançou na sociedade. A data 17 de maio, Dia Internacional contra a Homofobia, é um símbolo dessa luta, muito lembrada por atores sociais que abominam o preconceito com a homossexualidade e compartilham mensagens de apoio e luta em prol da causa LGBT. Constata-se que grande parte das publicações da C33, BAC, Remo e Paysandu ocorreram nesta data, mas nem todas ocorreram no dia 17.

É fundamental observar que a homofobia já era um assunto pensado não só no dia 17 de maio. O primeiro posicionamento realizado nas redes sociais foi o engajamento da Banda Alma Celeste em abril de 2017, quando a barra brava informou a retirada dos cantos com termos homofóbicos de seu repertório, em respeito aos homossexuais e propagou a mensagem de respeito às diversidades. Ou seja, o assunto já estava sendo debatido por alguns torcedores.

Além disso, os clubes realizaram publicações que tiveram outros incentivos, como a campanha realizada pelos clubes da série A do campeonato brasileiro em 2019, a criminalização da homofobia, e as punições determinadas pelo STJD aos clubes caso os torcedores pratiquem a homofobia nos estádios. A campanha e a criminalização serviram de mote para que muitos clubes brasileiros se posicionassem sobre o assunto, e Remo e Paysandu fizeram publicações destacando a campanha e a criminalização.

A análise também mostra que, além da nota oficial da BAC referente aos cantos homofóbicos e esclarecimentos sobre o incidente ocorrido com a barra brava no estádio do Paysandu, as demais publicações da BAC, C33, Remo e Paysandu possuem o conteúdo anti-homofóbico, com mensagens em prol da luta contra a homofobia, mostrando símbolos do

futebol e as cores da bandeira LGBT dando ênfase à causa defendida nos posicionamentos divulgados.

Até então, de acordo com a análise e estudos deste trabalho, o engajamento social anti-homofóbico em meio ao espetáculo cultural limita-se a publicações virtuais que não mostram demais campanhas; É realizado com publicações de imagens com frases e textos. Assim, tem-se a ideia de que até o período final da pesquisa, nenhuma outra campanha anti-homofóbica foi realizada no futebol paraense, como a campanha promovida pelo Esporte Clube Bahia, por exemplo, que produziu a própria campanha ‘Levante Bandeira’ e a divulgou em seu site e redes sociais por meio de vídeos e imagens, evidenciando que transformou as bandeiras de escanteio em bandeiras LGBT, e o uso da camisa com o número 24. O Clube do Remo, por exemplo, no Campeonato Paraense de futebol em 2020 teve em seu elenco um jogador que usava a camisa⁷⁶ com o número 24, mas o clube não ressaltou o uso da camisa do mesmo modo que o Bahia fez em sua campanha.

Ao observar campanhas e movimentos no futebol brasileiro, e o engajamento realizado em meio ao espetáculo cultural paraense, percebe-se que a homofobia ainda é algo que persiste de modo comum e naturalizado no futebol. É um assunto muito discutido além dos estádios, e que alcançou o ambiente futebolístico de diferentes modos. Existem torcidas e movimentos criados por torcedores homossexuais com o intuito de torcer e de estender um pensamento crítico sobre a sociabilidade homofóbica no futebol.

O futebol é um esporte muito masculinizado e heteronormativo. É o mais popular no Brasil e no mundo, popularidade essa que, para crescer, teve e tem a comunicação como um dos principais auxílios. Esse é o motivo que faz com que os conteúdos, discursos e engajamentos contra a homofobia cheguem ao contexto futebolístico, principalmente devido ao seu alcance social, pois realmente o futebol não é só um jogo. É um espetáculo cultural imanente na sociedade brasileira.

Ver os próprios torcedores e clubes realizarem oficialmente um engajamento social em prol da anti-homofobia é um grande marco na história do futebol. Geram apoios, reflexão, pensamentos, discussões, debates, críticas, violência e represálias por parte de atores sociais que pensam que o futebol sem a homofobia vai perder a sua identidade; pessoas que interpretam as punições e discursos anti-homofóbicos como censura. Toda esta luta tem ainda um componente empresarial importante, que não pode deixar de ser considerado. O espetáculo transformou-se numa potente economia de mercado envolvendo empresas, marcas

⁷⁶ Escalção do Clube do Remo mostra que o volante Charles usava o número 24. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9MMvwAlfhG/>. Acesso em: 09/04/2020.

e interesses corporativos também ligados aos grandes grupos de comunicação.

O fato é que, como diz Roberto Damatta (1982, p.23), “o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade faz parte do esporte”. Atualmente há uma sociedade mais crítica e engajada contra discriminação e preconceitos, e que está presente no futebol. Exemplos disso são as confederações, dirigentes, clubes, torcidas e movimentos que tomaram decisões fundamentais contra a homofobia de torcedores e motivaram posicionamentos e campanhas.

A comunicação foi fundamental para a popularização do futebol no Brasil, segundo Frederico Coelho (2006). É uma ideia que não é exclusiva para o Brasil ao considerar o que a internet proporciona para o cotidiano futebolístico mundial. Como diz Édison Gastaldo (2005, p.2) “hoje em dia, é inconcebível pensar o universo do esporte-espetáculo sem a sua apropriação midiática”. Tais ideias justificam a frequência do engajamento social por parte das torcidas de Remo e Paysandu serem realizadas com mais frequência nas redes sociais.

Reiterando o que diz Jocimar Daolio (2005), de fato o esporte passa por mudanças, recontextualizações. No decorrer da sua história, o futebol paraense mudou e gerou muitas mudanças sociais e culturais com clubes rivais, torcidas, linguagens, símbolos, entre outros elementos que compõem o espetáculo cultural do futebol no Pará. O engajamento contra a homofobia dentro desse contexto é algo recente, com a possibilidade de mudar e crescer; de ter torcedores mais conscientes sobre suas práticas preconceituosas. É um benefício sociocultural para o futebol paraense e para a sociedade em geral, que pode repassar mais mensagens de respeito à homossexualidade, e assim tornar o espetáculo cultural do futebol mais confortável.

A anti-homofobia no futebol, o engajamento social em prol dessa luta por parte de Remo, Paysandu, Camisa 33 e Banda Alma Celeste são fundamentais e importantes para trazer a reflexão sobre a homofobia e demais assuntos ligados a ela, como o respeito e a tolerância no futebol e na sociedade brasileira. A internet é um espaço essencial para a divulgação de posicionamentos e engajamentos, para então proporcionar e incentivar melhores mudanças no espetáculo cultural do futebol. O engajamento expõe como se configura a sociedade, o pensamento de torcedores, a rivalidade tão forte no futebol brasileiro, já que Remo x Paysandu é apenas um exemplo de rivalidade entre outras existentes no futebol brasileiro. O engajamento configura-se como algo novo no futebol paraense, e como a continuidade de uma manifestação social que já existe há anos no Brasil.

No passado, com o início do futebol no Brasil, negros, mulheres e demais pessoas das periferias que não faziam parte da chamada elite que tanto praticava o futebol, mesmo que

excluídas socialmente e não tendo igual alcance ao futebol, não excluíram o futebol de suas práticas. Anos depois, as dificuldades e o preconceito ainda existem, e a luta contra isso ainda é constante.

Além do racismo, a homofobia tornou-se mais um problema em meio a isso, mas a luta contra atitudes homofóbicas também existe e tornou-se mais frequente ao ser promovida por muitos atores sociais que não excluíram o futebol de seu cotidiano; promovida por pessoas que não veem o futebol como um espaço inatingível para a realização de um engajamento social e sim como um espaço e ambiente necessário para a luta em prol do movimento LGBT e demais ações sociais com o intuito de possibilitar mudanças fundamentais para o futebol e toda sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Gustavo. **Um currículo de masculinidade nos estádios de futebol**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago. 2010
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Presses Universitaires de France. 1977.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COELHO, Frederico. **Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular**. 2006.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol no Brasil**. Faculdade de Educação Física: Universidade Estadual de Campinas.
- DAOLIO, Jocimar. **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003.
- JUNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JÚNIOR, Hilário Franco. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GAUDÊNCIO, Itamar. **Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905- 1950)**. Belém – PA, 2007.
- GAUDÊNCIO, Itamar. **Football Suburbano e Lazer Esportivo - Lazer e sociabilidades nos clubes de subúrbio em Belém do Pará - 1920 à 1952**.
- GASTALDO, Edison. Uma arquibancada eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. **Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas**. Unisinos, 2005.
- MEYER, Dagmar. PETRY, Analídia. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.
- MIKOLSCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**.
- MURAD, Maurício. **A Violência no Futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- POTIGUAR, Alex. **Discurso do ódio no estado democrático de direito: o uso da liberdade de expressão como forma de violência**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. MACHADO, Frederico Machado. **Homossexualidades e Preconceito: tensões entre o público e o privado.** In: Preconceito contra Homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2ª ed. 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. RIBEIRO, Guilherme. **Futebol como objeto de cultura.** In: Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

RUBIM, Antônio. **Espectáculo, Política e Mídia.** 2001.

SILVA, Sílvio Ricardo. **A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama.** In: Futebol, Cultura e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de Sociologia: Indivíduos e Sociedade.** Rio de Janeiro, 2006.

SIMMEL, George. **Sociologia.** São Paulo: Ática. 1983.

SOUSA, Milene. **“Arquibancadas homofóbicas” na internet: uma análise da violência simbólica entre torcidas rivais nas comunicações pelo Facebook.** 2017.

TUBINO, Manoel. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo, 2001.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 1ª ed. 2008.